

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



**NÓS VS A GENTE NA ESCOLA: ANÁLISE DA FALA E DA
ESCRITA DE ESTUDANTES DO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE**

Matheus Soares de Lima

**Rio Grande
2020**

Matheus Soares de Lima

**NÓS VS A GENTE NA ESCOLA: ANÁLISE DA FALA E ESCRITA
DE ESTUDANTES DO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Marisa Porto do Amaral

**Rio Grande
2020**

Ficha Catalográfica

L732n Lima, Matheus Soares de.

Nós vs a gente na escola: análise da fala e da escrita de estudantes do município de Rio Grande / Matheus Soares de Lima. – 2020.

140 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande/RS, 2020.

Orientadora: Dra. Marisa Porto do Amaral.

1. Variação 2. Ensino 3. Primeira Pessoa do Plural I. Amaral, Marisa Porto do II. Título.

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder saúde, sabedoria e persistência a fim de que eu enfrentasse esse desafio com êxito e realizasse um tão almejado sonho.

À minha querida orientadora Prof.^a Dr.^a Marisa Porto do Amaral pela gentileza de aceitar orientar meu trabalho, fazendo-o sempre com grande generosidade, paciência e proporcionando trocas de experiências enriquecedoras. Obrigado pelas contribuições significativas em minha pesquisa e por me ajudar a chegar até aqui.

Aos meus pais, Maria Regina Soares e Marco Aurélio Atkinson de Lima pelo apoio e compreensão oferecidos nesse período tão importante da minha vida.

Aos queridos professores Valter Henrique de Castro Fritsch, Elaine Nogueira e Rosely Machado, pelos gestos de carinho, solidariedade e incentivo a mim demonstrados ao longo deste desafiador percurso.

Ao pastor da minha igreja Ministério Adoradores em Cristo, Cleiton Soares, por suas orações e conselhos.

À minha terapeuta, Ana Luíza Amaral, por me ensinar a ser corajoso, racional na medida certa e principalmente organizado, tanto com meus estudos quanto com minha vida e saúde.

À Karina Leitzke, prima e amiga, pelas inúmeras e preciosas vezes em que fui e sou incentivado a estudar e batalhar pelos meus objetivos. Esta conquista é nossa!

À Carolina Knack, professora que virou amiga. Suas palavras motivadoras, suas críticas construtivas e nossas trocas de experiências ajudaram a construir o professor-pesquisador que sou hoje: o que busca não os pontos de chegada, mas os de partida.

A Frederico Schmaltz, Gabriel Figueiredo, Graciele Cordeiro, Guilherme Aparecido, Lennon Flores, Luiz Eduardo Siqueira, Nathan Mendonça: vocês me ensinaram que uma dissertação não se faz sozinho, mas

é fruto advindo também das relações que mantemos com outras pessoas. Expresso aqui, portanto, minha gratidão pela contribuição de cada um em meu trabalho.

À Tatiana Pimpão, professora com quem tive o privilégio de investigar a primeira pessoa do plural em 2017, o que fez com que eu definisse, posteriormente, a minha linha de pesquisa na pós-graduação.

À Andressa Franco, pelas produtivas trocas de experiências tanto sobre linguística quanto sobre gatos, os animais de estimação que tanto amamos!

Aos servidores e aos estudantes do Instituto Federal do Rio Grande e da escola Dr. Rui Poester Peixoto, e, em especial, aos professores Daniel Baz e Cléber Pires, respectivamente, pela cordialidade com a qual fui recebido em ambas as instituições e, é claro, por gentilmente aceitarem participar desta pesquisa, cedendo o espaço-tempo necessário para minha coleta de dados.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, o meu mais sincero agradecimento.

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores.

(Jean Piaget)

RESUMO

O objeto de estudo desta dissertação centra-se na primeira pessoa do plural com a função sintática de sujeito, representada, na maioria das vezes, pelas formas *nós* e *a gente*, no português brasileiro. O corpus analítico desta pesquisa, por sua vez, consiste na análise da fala e da escrita de estudantes do município de Rio Grande (RS). Desse modo, a partir dos pressupostos de William Labov (2008 [1972]) e de sua denominada Teoria da Variação e Mudança, foi proposta uma mesma atividade para duas turmas (uma de ensino fundamental e outra de ensino médio), envolvendo a produção de narrativas (escritas e orais) em primeira pessoa. A partir disso, os dados coletados que constituíram o corpus deste estudo foram quantificados e submetidos ao programa estatístico *Goldvarb X*, a fim de que se identificassem as variáveis linguísticas e/ou extralinguísticas que condicionam o fenômeno investigado. Assim, os grupos de fatores modalidade, preenchimento do sujeito, concordância verbal e escolaridade foram selecionados pelo programa como significativos na análise desta variação linguística. Embora o pronome *nós* tenha obtido o maior número de ocorrências (principalmente em textos escritos), a maioria dessas variáveis indicou favorecimento no emprego de *a gente*, com destaque para o fator modalidade, que apontou predomínio da forma inovadora na fala, enquanto o pronome canônico *nós* revelou-se como bastante conservador na escrita, confirmando a hipótese inicial deste estudo, baseada nos trabalhos de Brustolin (2010) e Fagundes (2015).

Palavras-chave: Variação; ensino; primeira pessoa do plural.

ABSTRACT

The object of study of this dissertation focuses on the first person of the plural with the syntactic function of subject, represented, in most cases, by the forms *nós* and *a gente*, in Brazilian Portuguese. The analytical corpus of this research, in turn, consists of the analysis of the speech and writing of students from the city of Rio Grande (RS). Thus, based on the assumptions of William Labov (2008 [1972]) and his so-called "Theory of Variation and Change", the same activity was proposed for two classes (of primary and secondary school degrees), involving the production of narratives (written and oral) in first person. From this, the collected data which constituted the corpus of this study were quantified and submitted to the statistical program *Goldvarb X*, in order to identify the linguistic and/or extralinguistic variables that condition the investigated phenomenon. Thus, the modality, subject completion, verbal agreement and education factors were pointed out by the program as significant in the analysis of this linguistic variation, and, although the pronoun *nós* has obtained the highest number of occurrences (mainly in written texts), most of these variables indicated favoring the use of *a gente*, with emphasis on the modality factor, which pointed to a predominance of the innovative form in speech, while the canonical pronoun *nós* proved to be quite conservative in writing, confirming the initial hypothesis of this study, based on the work of Brustolin (2010) and Fagundes (2015).

Keywords: Variation; teaching; first person of plural.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- A distinção entre <i>agente</i> e <i>a gente</i> , pelo site O Globo	46
Figura 2 –Estudos e regiões referenciados	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Frequência de uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em relação à variável modalidade.....	77
Tabela 2 - Frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em relação à variável preenchimento do sujeito.....	80
Tabela 3 - Frequência de uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em relação à variável escolaridade.....	82
Tabela 4 - Frequência geral das variantes <i>nós</i> e <i>a gente</i> , segundo a variável concordância verbal	84
Tabela 5 - Ocorrências com concordâncias padrão.....	84
Tabela 6 - Ocorrências com concordâncias não padrão.....	86
Tabela 7 - Frequência geral das variantes <i>nós</i> e <i>a gente</i> , segundo a variável saliência fônica.....	87
Tabela 8 - Frequência de <i>a gente</i> segundo a variável saliência fônica.....	88
Tabela 9 - Frequência de <i>nós</i> segundo a variável saliência fônica.....	87
Tabela 10 - Frequência e probabilidade da variante <i>a gente</i> de acordo com a variável sexo	88
Tabela 11 - Frequência e probabilidade da variante <i>nós</i> de acordo com a variável sexo	87
Tabela 12 - Frequência e probabilidade das variante <i>nós</i> de acordo com as variáveis saliência fônica e concordância verbal	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Antes do processo de gramaticalização	42
Quadro 2 - Após o processo de gramaticalização	42
Quadro 3 - Outras funções sintáticas de <i>a gente</i>	43
Quadro 4 - Reformulações do quadro pronominal.....	43
Quadro 5 - Ordem de relevância das variáveis linguísticas e extralinguísticas, segundo o programa estatístico Goldvarb.....	74

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Emprego de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na escrita.....	69
Gráfico 2 - Emprego de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na linguagem oral	69
Gráfico 3 – Índice de uso geral da primeira pessoa do plural na fala e escrita de estudantes dos níveis fundamental e médio	75
Gráfico 4 - Frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na oralidade	78
Gráfico 5 - Frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na escrita.....	78
Gráfico 6 - Frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> , segundo a variável preenchimento do sujeito.....	82
Gráfico 7 - Frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> , segundo a variável escolaridade.....	85
Gráfico 8 - Frequência e probabilidade de <i>nós</i> e <i>a gente</i> , segundo a variável concordância verbal	89
Gráfico 9 - Frequência da variante <i>a gente</i> na relação entre sexo e escolaridade dos informantes.....	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 SOCIOLINGUÍSTICA: ORIGEM E PROPÓSITOS	19
1.1 Conceitos básicos	23
1.2 Sociedade e língua: os tipos de variação linguística	26
1.3 Sociolinguística e o compromisso com o ensino	32
1.4 As variantes <i>nós</i> e <i>a gente</i>	35
1.4.1 Nós	35
1.4.2 A gente: gramaticalização e variação	39
1.4.3 Variação sintática: “a gente vamos”	44
1.4.4 Homofonia/variação morfológica: <i>agente</i>	45
1.5 Revisão de gramáticas.....	47
1.6 Revisão do fenômeno em estudos variacionistas	52
1.7 <i>Nós</i> e <i>a gente</i> nas escolas	66
2 PROJETO PILOTO	68
3 METODOLOGIA	71
3.1 Constituição da amostra.....	71
3.2 Tratamento estatístico (<i>Goldvarb X</i>).....	73
3.3 Definição das variáveis	73
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	75
4.1 Variável dependente	75
4.2 Variáveis independentes.....	76
4.2.1 Modalidade	76
4.2.2 Preenchimento do sujeito	79
4.2.3 Escolaridade	81
4.2.4 Concordância verbal.....	83
4.3 Variáveis desconsideradas	85
4.3.1 Saliência fônica.....	85
4.3.2 Sexo	87
4.4 Cruzamento de dados: sexo e escolaridade	88
4.5 Cruzamento de dados: saliência fônica e concordância verbal.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91

REFERÊNCIAS.....	94
ANEXOS.....	101
ANEXO A – Exemplos de textos do Ensino Fundamental.....	101
ANEXO B – Exemplos de textos do Ensino Médio.....	103
ANEXO C - Lista de códigos da análise de dados.....	106
ANEXO C - Ocorrências e codificação dos dados.....	107
ANEXO D – Termos de consentimento.....	133

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa insere-se na área de sociolinguística, ramo dos estudos da linguagem que investiga a relação entre língua e sociedade, bem como a variação e a mudança das línguas.

Labov (2008 [1972]), um dos precursores dessa corrente, por meio de sua intitulada Teoria da Variação e Mudança, propôs uma perspectiva de caráter social para os estudos linguísticos. Em outras palavras, estudar uma língua, sob esta corrente teórica, implica observar também a influência de fatores externos a ela, sejam eles região, idade, condições socioeconômicas, escolaridade, entre outros.

Dessa forma, muitos estudos vêm sendo realizados dentro dessa área, dada a vasta e infinita gama de fenômenos linguísticos à disposição dos pesquisadores interessados em explicar a mudança e a variação linguística.

Ao longo das últimas décadas, vem ganhando visibilidade o estudo sociolinguístico da primeira pessoa do plural do português brasileiro. Trabalhos como o de Omena (1996), Zilles (2002) e Brustolin (2010) exemplificam um caso instigante de variação linguística que circunda a fala e a escrita dos brasileiros: a alternância do uso do pronome *nós* e da forma *a gente* na função sintática de sujeito.

Viana e Lopes (*apud* MARTINS; ABRAÇADO, 2015) também investigaram esse fenômeno a partir de uma revisão de outros estudos já feitos em todo o Brasil. A conclusão das autoras é de que *a gente*, em grande parte dos estados brasileiros, vem predominando gradativamente em relação ao pronome *nós*, o que categoriza o fenômeno de variação como exemplo de mudança linguística em processo, embora algumas gramáticas normativas ainda não considerem essa realidade.

Ainda sobre as variantes em questão, Vianna e Lopes (*apud* MARTINS; ABRAÇADO, 2015) também concluem que, majoritariamente, além da forma *a gente* ser predominante na fala da população natural de diferentes regiões do Brasil, também é reconhecida como uma variante propagada, sobretudo por dois grupos sociais: mulheres e falantes mais jovens (crianças e

adolescentes). Por outro lado, apesar de já existirem diversas pesquisas relacionadas a esse exemplo de variação linguística, muitas localidades brasileiras ainda não foram investigadas. Além disso, são poucos os trabalhos que verificaram o uso alternado das variantes no âmbito educacional, em situações reais de comunicação, envolvendo, por exemplo, a produção escrita e oral de textos.

Nesse sentido, buscou-se, por intermédio desta pesquisa, responder algumas indagações relacionadas a essas lacunas. Primeiramente, foi possível estabelecer um parâmetro (ainda que mínimo) sobre o uso da primeira pessoa do plural na cidade de Rio Grande, localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul. Desse modo, investigou-se o uso das variantes na fala e na escrita de estudantes do nono ano do ensino fundamental da rede pública e do terceiro ano do ensino médio de uma Instituição de Ensino Federal, contemplando, assim, dois níveis escolares.

Foi realizada, a partir da coleta de dados, uma análise da aplicação do fenômeno nas modalidades escrita e oral da língua, além de demais grupos de fatores linguísticos como saliência fônica, preenchimento do sujeito e concordância verbal. Quanto aos grupos de fatores extralinguísticos, foram analisados dois: sexo e escolaridade.

Dessa forma, os resultados puderam indicar, de modo geral, qual das duas formas pronominais vem prevalecendo entre os estudantes, de acordo com o sexo e o nível escolar. Ademais, foi observado o quanto as modalidades escrita e falada da língua podem condicionar o uso de uma forma linguística ou de outra.

Espera-se que as conclusões desta pesquisa fomentem novas discussões não somente sobre o fenômeno de variação, como também sobre o ensino de língua portuguesa, que, necessariamente, precisa ser articulado às noções de variação e mudança, tão atuais em torno do português brasileiro, sendo uma delas a reestruturação do paradigma pronominal.

Este estudo tem por objetivo geral investigar o uso alternado entre *nós* e *a gente* (primeira pessoa do plural do português brasileiro) na função

sintática de sujeito, tendo como corpus os textos orais e escritos de estudantes dos ensinos fundamental e médio do município de Rio Grande, RS.

Os objetivos específicos são:

a) Verificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que possivelmente possam influenciar a aplicação do fenômeno.

b) Analisar, na modalidade falada e escrita, a utilização das formas *nós* e *a gente* no âmbito escolar (nono ano do ensino fundamental e terceiro ano do Ensino Médio) e comparar os resultados obtidos aos de pesquisas já realizadas que contemplam a escola como espaço de investigação do fenômeno.

c) Contribuir com os estudos já realizados na área de sociolinguística em relação ao fenômeno de variação envolvendo a alternância entre *nós* e *a gente* nas modalidades oral e escrita.

d) Estabelecer relações com o uso oral e escrito da língua, evidenciando como esses fatores podem condicionar o uso de uma forma ou outra de dizer valores de verdade semelhantes, e, a partir disso, proporcionar reflexões acerca da diversidade linguística presente no português brasileiro.

Entre as principais hipóteses deste estudo, esperava-se, inicialmente, que a análise estatística dos dados indicasse resultados semelhantes aos de Mollica e do Nascimento (in: GORSKI; COELHO, I. (org.) 2006), Fagundes (2015) e Vitória (2015), ou seja, que a forma pronominal que representa a primeira pessoa do plural na escrita fosse *nós*, e na fala fosse *a gente*.

Em síntese, é importante ressaltar o quanto as pesquisas sociolinguísticas são relevantes, tendo em vista a influência que estas exercem até mesmo sobre documentos oficiais como os PCNs, que orientam o modo como deve ser concebido o ensino nas escolas. Assim, pesquisar a língua em uso é, ao mesmo tempo, atualizar o olhar sobre ela, considerando sua variedade, mudança e caráter social.

Dessa maneira, visou-se ao estabelecimento de uma relação entre a sociolinguística e suas contribuições para o ensino de língua, uma vez que,

frente às mudanças do paradigma pronominal do português brasileiro, faz-se necessário investigar como os alunos vêm se expressando, tanto na fala quanto na escrita, a fim de ampliar o parâmetro sobre essa variação e fomentar discussões acerca do que vem sendo ensinado na escola sobre os pronomes pessoais. Para romper com as inconsistências de um ensino puramente normativo, é preciso recorrer às atualizações que resultados de estudos sociolinguísticos oferecem, uma vez que eles concebem a língua em seu uso social.

A organização desta pesquisa, portanto, se dará da seguinte maneira: o capítulo 1 apresenta a fundamentação teórica com um breve histórico epistemológico da sociolinguística, contendo seus principais conceitos e informações basilares para a concepção deste trabalho. A seguir, descrevem-se as variantes *nós* e *a gente* e suas respectivas variações e apresenta-se uma revisão de diversas gramáticas de língua portuguesa acerca das duas formas pronominais, a fim de compor um panorama sobre o fenômeno. Termina-se este capítulo abordando algumas pesquisas sociolinguísticas, já realizadas no Brasil, em relação à variação aqui investigada. O capítulo 2 contém um projeto piloto executado em 2018 envolvendo o fenômeno, acompanhado de uma pequena análise dos dados. O capítulo 3 traz os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da pesquisa. Os resultados e discussão dos dados são apresentados no capítulo 4. Seguem, por fim, as considerações finais, referências e anexos.

1 SOCIOLINGUÍSTICA: ORIGEM E PROPÓSITOS

A humanidade, ao longo dos séculos, passou por diversas mudanças e evoluções, e obviamente, a língua, que é adquirida nas relações sociais, acompanha essas transformações, adaptando-se a cada realidade, a cada contexto social e histórico nos quais se insere.

Considerando essa associação intrínseca entre as relações sociais e a língua, é esperado, portanto, que os seres humanos representem nesta as suas identidades e distinções, que são constituídas por diversos fatores, tais como classe social, faixa etária, questões geográficas, entre outros componentes. Logo, se pode a língua refletir a singularidade de membros que compõem um grupo social, não se pode esperar que ela seja caracterizada como homogênea, uma vez que cada indivíduo assume estilos linguísticos próprios, e cada comunidade imprime nela determinadas marcas capazes de construir e evidenciar identidades, culturas e práticas sociais.

Sendo a língua então heterogênea e, além disso, suscetível a transformações, é ainda possível dizer que ela é um objeto histórico, capaz de representar uma comunidade e suas modificações ao longo do tempo, tanto linguísticas como sociais. Tudo isso se caracteriza como o objeto de estudo da Sociolinguística, área dos estudos da linguagem cujo primordial interesse é perceber a relação existente entre língua e sociedade, estando incluídos, nesse estudo, os aspectos históricos e culturais que possibilitam a variação e a mudança linguística.

O maior nome da Sociolinguística é, indubitavelmente, o americano William Labov, que apresentou a intitulada Teoria da Variação e Mudança Linguística na década de 60 do século XX, com o objetivo de incorporar o aspecto social ao sistema linguístico, motivando estudos de variação linguística de acordo com contextos sociais de determinadas comunidades de fala. Por meio de entrevistas conduzidas com informantes em situações reais de comunicação, Labov (2008 [1972]) contribuiu veementemente para o avanço dos estudos linguísticos (sobretudo no que diz respeito ao enfoque social, até então pouco explorado), e seu método de pesquisa e quantificação de dados vem sendo aprimorado por demais linguistas atualmente, ao redor do mundo.

Em sua mais famosa obra, o livro *Padrões Sociolinguísticos* (2008 [1972]), o autor confessa ter resistido, por um tempo, ao termo “Sociolinguística”. Labov (2008 [1972], p.13). assume tê-lo desconsiderado por alguns anos, “já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social”. Ou seja, em outras palavras, lhe parecia redundante denominar a corrente teórica dessa forma, uma vez que, em seu entendimento, todo estudo científico com enfoque em conteúdos relativos à língua(gem) necessariamente deveria contemplar aspectos de caráter social. Língua e sociedade, assim, seriam dois elementos indissociáveis para qualquer pesquisa linguística.

Tais afirmações de Labov remetem ao período em que a Sociolinguística ganha destaque no cenário científico, que é quando esta se estabelece como uma forma de reação a outras perspectivas teóricas dos estudos da linguagem, mais especificamente o estruturalismo de Ferdinand de Saussure e o gerativismo de Noam Chomsky. Ambas as correntes forneceram importantes e fundamentadas percepções sobre a língua, cada qual à sua maneira, mas, em comum, também apresentaram lacunas, relativas, mais especificamente, à ausência da abordagem de aspectos sociais e suas influências dentro do sistema linguístico.

O estruturalismo é uma corrente linguística instituída pelo suíço Ferdinand de Saussure no começo do século XX. Embora, ao longo dos séculos antecedentes a esse período, a linguagem tenha sido um fenômeno que muito instigara os filósofos gregos (e posteriormente os romanos), é a Saussure que se atribui a instauração da linguística enquanto ciência, devido à apresentação de seu objeto de estudo (língua) bem como sua abordagem metodológica, encontrados em sua obra póstuma *Curso de Linguística Geral* (1990).

Saussure se propôs a defender a tese de que a língua consiste em um sistema autônomo composto por elementos organizados por regras internas (de natureza estritamente linguística). Assim, é devido a essa concepção de língua como estrutura que surge o termo “estruturalismo” que nomeia essa corrente teórica.

O estruturalismo, portanto, tem como foco o estudo da língua em si mesma e por si mesma (COELHO *et al.*, 2010). Sob essa ótica, não são incluídos os elementos externos à língua, embora, para o próprio Saussure, a língua seja reconhecida como um fenômeno social. Essa abordagem constitui o que se denomina estudo imanente da língua, o que, conforme Costa (2010) significa

dizer que toda preocupação extralinguística precisa ser abandonada, uma vez que a estrutura da língua deve ser descrita a partir de suas relações internas. Nessa perspectiva, ficam excluídas as relações entre língua e sociedade, língua e cultura, língua e distribuição geográfica, língua e literatura ou qualquer outra relação que não seja absolutamente relacionada com a organização interna dos elementos que constituem o sistema linguístico (COSTA, 2010, p. 115).

Ou seja, Saussure, com o estruturalismo, estabelece uma concepção da língua como estrutura, e seu foco recai exclusivamente aos elementos constitutivos dessa estrutura, todos eles, sob essa ótica, de ordem estritamente linguística.

Após o enorme impacto do estruturalismo no campo científico e, conseqüentemente, da ascensão da linguística ao redor do mundo, surgiu, nos Estados Unidos, no final da década de 50, uma outra corrente teórica nomeada como gerativismo, cujo propósito, de modo geral, era o de investigar a relação entre a linguagem e a mente humana. O precursor dessa abordagem é o americano Noam Chomsky (1965), estudioso para quem a "capacidade humana de falar e entender uma língua (pelo menos), isto é, o comportamento linguístico dos indivíduos, deve ser compreendida como o resultado de um dispositivo inato, uma capacidade genética" (KENEDY, 2010, p. 129).

Assim, novamente excluídos os aspectos sociais e externos à língua, interessa à teoria gerativista questões como a aquisição da linguagem e a produção de sentenças gramaticais. Em síntese, para essa corrente teórica, a língua é inerente ao ser humano devido a uma capacidade inata. Essa capacidade não é condicionada por aspectos sociais, mas inerente à mente humana.

Em linhas gerais, tanto o estruturalismo como o gerativismo, embora sejam perspectivas de estudos linguísticos de incontestáveis e importantes

contribuições para a linguística e para a ciência de modo geral, isolam ou pelo menos não privilegiam em suas abordagens as relações da língua com fatores de ordem social, como história, cultura e sociedade, o que, para Labov (2008 [1972]), gerou uma vacuidade e, conseqüentemente, um interesse científico. Assim, instaura-se a Sociolinguística, caracterizando-se como uma reação às lacunas deixadas pelas demais teorias até então existentes e comprometendo-se em “compreender melhor a estrutura das línguas e seu funcionamento” (MONTEIRO, 2000, p. 28), a partir de aspectos de naturezas sociais diversos que, para Labov (2008 [1972]), são inerentes à linguagem, e que a constituem. Ou seja, essa corrente teórica expõe um entremeio entre língua e sociedade, observando de que modo uma compõe a outra nessa relação de interdependência. Para alcançar esse objetivo, a Sociolinguística analisa a língua em seu uso real, a fim de, a partir da análise dela, comprovar seu caráter heterogêneo e mutável.

A Teoria da Variação e Mudança trabalha, dentre muitas definições, com a noção de língua heterogênea. Em outras palavras, esse conceito confere à língua as características de variabilidade e também de mutabilidade. Se todos os indivíduos se distinguem em personalidades, costumes, interesses, crenças entre outros fatores sociais que constituem suas identidades, a ideia de língua homogênea não encontra fundamento algum para se sustentar; a forma como cada um a utiliza tende a apresentar diversidade, ou melhor definindo, variação. Assim, tal como afirma Barros (2011), compreender o “caos” da língua é o principal objetivo da Sociolinguística, “que considera que as explicações para as estruturas linguísticas são encontradas a partir da verificação das estruturas sociais” (2011, p. 111).

Assim, conforme Coelho *et al.* (2010), a perspectiva laboviana parte do pressuposto de que

Não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante-ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado. Existe variação inerente à comunidade de fala – não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação.

A busca por julgamentos intuitivos homogêneos é falha. Os linguistas não podem continuar a produzir teoria e dados ao mesmo tempo. Para lidar com a língua, é preciso olhar para os dados de fala do dia a dia e relacioná-los às teorias gramaticais o mais criteriosamente possível, ajustando a teoria de modo que ela dê conta do objeto (COELHO *et al.*, 2010, p. 22, grifo dos autores).

É importante também salientar que Labov (2008 [1972]) compreende a heterogeneidade da língua como um sistema estruturado, que, embora contenha variabilidade, também possui variação estruturada. Cabe à Sociolinguística analisar e identificar, por intermédio da língua em seu uso real, quais regras se enquadram no âmbito das categóricas e quais aquelas que podem ser descritas como variáveis.

Dessa forma, uma vez concebida a noção de língua como sistema heterogêneo, a Sociolinguística defende a legitimidade de todas as variedades linguísticas, sejam elas prestigiadas ou estigmatizadas, pois reconhece que esses julgamentos partem da esfera social, e não linguística. O que pode ser apreciado (em termos linguísticos) em uma determinada comunidade de fala¹ pode ser discriminado em outra, todavia a avaliação (tanto positiva quanto negativa) advém da sociedade, não da própria língua. Isso significa que a abordagem da Sociolinguística rejeita as classificações "certo" e "errado" atribuídas a fenômenos linguísticos (sob influência da gramática prescritiva), mas, ao contrário, lida com as noções de "adequado" e "inadequado", considerando sempre, obviamente, a dependência do contexto situacional de uso, ou seja, das práticas sociais em que se identificam determinados fenômenos da língua.

1.1 Conceitos básicos

Compreender a perspectiva laboviana exige o conhecimento e básico domínio de conceitos caros à Teoria da Variação e Mudança, como os de **variação linguística**, **variante** e **variável**. Em razão disso, é indispensável

¹ O conceito de comunidade de fala, segundo Monteiro (2000), é divergente entre estudiosos da Sociolinguística. Alguns autores apresentam definições consideradas vagas e imprecisas, o que gera, até a atualidade, controvérsia na área (RESENDE, 2006). Todavia, esta pesquisa, sem desconsiderar a relevância de demais conceituações já feitas por outros estudiosos fundamenta-se basicamente na noção proposta por Hockett (1958: 8 *apud* SCHERRE, 2006), na qual se considera que "cada língua define uma comunidade de fala: todo o conjunto de pessoas que se comunicam entre si, direta e indiretamente através da linguagem comum". Assim, o conceito aqui adotado refere-se à ideia de um grupo de indivíduos que compartilham semelhantes características sociais e linguísticas.

abordá-los aqui, tendo em vista a constante referência que será realizada a essas noções ao longo desta pesquisa.

Nas palavras de Bagno (2007), a noção de **variação linguística** “é a espinha dorsal da Sociolinguística” (2007, p. 39). Isso porque esse conceito está diretamente atrelado à ideia de heterogeneidade da língua, designando suas relações de alternância, instabilidade e transformação. Monteiro (2000) comenta que a variação linguística é “requisito ou condição do próprio sistema linguístico” (200, p. 57). Desse modo, partindo da perspectiva de língua como fenômeno interdependente de componentes sociais, entende-se a variação “não como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos (também conhecidos como estruturais) e por fatores extralinguísticos” (CEZARIO; VOTRE, 2010, p. 141).

A manifestação de qualquer variação linguística pressupõe obrigatoriamente a coexistência de um elemento denominado **variante**. As variantes linguísticas são concebidas como “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 2001 p. 8). Cesário e Votre (2010, p. 142) apresentam uma definição semelhante para esse fundamental conceito, porém também exploram seu significado dentro do arcabouço teórico da Sociolinguística a partir de um pertinente exemplo relacionado à variação na primeira pessoa do plural do português que aqui convém citar:

O termo ‘variante’ é utilizado para identificar uma forma que é usada ao lado de outra na língua sem que se verifique mudança no significado básico. Tomemos, por exemplo, a variação nos pronomes pessoais na primeira pessoa do plural ilustrada com o verbo ‘falar’. Temos as formas ‘nós falamos’ e ‘a gente fala’ como variantes do presente do indicativo. Ambas as expressões são aceitas pelas pessoas em geral, mas a estrutura ‘nós falamos’ é considerada mais formal, enquanto ‘a gente fala’ soa mais coloquial (CESÁRIO; VOTRE, 2010, p. 142).

Ainda segundo Tarallo (2001), atribui-se a toda e qualquer variante linguística o que o autor chama de “relação de concorrência” (2001, p. 12). Assim, existem variações linguísticas em que se observam relações entre variantes padrão vs. não padrão, conservadoras vs. inovadoras, estigmatizadas vs. de prestígio (TARALLO, 2001, p.12-13). O autor também considera que geralmente as variantes definidas como padrão tendem a

receber prestígio social, enquanto as inovadoras frequentemente são classificadas como não padrão e costumam ser socialmente estigmatizadas.

O conceito de **variável** consiste, por sua vez, na ideia de “conjunto de variantes” (CESÁRIO; VOTRE, 2010, p. 143). Em outras palavras, uma variável refere-se a um determinado fenômeno de variação, em que observa alternância entre duas ou mais variantes. No entanto, cabe menção ao aprofundamento dessa definição proposto por Mollica (2004):

Vale frisar que o termo ‘variável’ pode significar fenômeno em variação e grupo de fatores. Estes consistem nos parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis, condicionando positiva ou negativamente o emprego de formas variantes (MOLLICA, 2004, p. 11).

A linguista, além disso, chama atenção para outros dois aspectos relativos à noção de variável, à luz dos preceitos da Sociolinguística: existem as variáveis internas e externas. As internas comportam elementos de natureza linguística, enquanto as variáveis externas, por outro lado, são as que reúnem “fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva)” (MOLLICA, 2004, p.11).

É, portanto, tarefa de um sociolinguista eleger uma variável e investigar as variantes que a compõem, bem como os fatores que condicionam a variabilidade linguística. Esses objetivos não podem ser alcançados senão pela análise da língua em seu uso real, com falantes reais, situados em comunidades de fala. São, portanto, os estudos que contemplam não somente conteúdos de ordem linguística, mas também os de caráter social os capazes de responder questionamentos relativos a fenômenos de variação linguística.

Para o alcance desse objetivo, a metodologia adotada pela Sociolinguística é empírica e de base quantitativa. Geralmente, o pesquisador utiliza entrevistas ou gravações de fala como ferramentas para coletar dados linguísticos representativos de uma determinada comunidade de fala (orais e/ou escritos). Na metodologia de coleta de dados, pretende-se a captura do que Labov (2008 [1972]) designa como vernáculo, que seria “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (2008 [1972], p. 244).

O vernáculo, portanto, seria a expressão mais natural e espontânea do repertório linguístico de um indivíduo. Todavia, essa naturalidade pode ser comprometida em vista da possibilidade de o falante sentir-se desconfortável diante de uma entrevista ou gravação. Isso é o que Labov(2008 [1972]) chama de paradoxo do observador, que consiste no seguinte desafio: uma pesquisa sociolinguística tem por objetivo coletar a espontaneidade da fala/escrita, porém como se aproximar do vernáculo uma vez mediante a possibilidade de o falante monitorar seu uso da língua por ter consciência de que está sendo observado?

A fim de inibir essa dificuldade, Labov (2008 [1972]) sugere que o pesquisador proporcione o envolvimento emocional do falante em narrativas pessoais, o que pode favorecer o aparecimento de dados espontâneos que evidenciem um fenômeno de variação.

Após os registros serem feitos, os dados obtidos são rigorosamente codificados e submetidos a programas estatísticos, a fim de se obter informações numéricas (porcentagens, peso relativo) a respeito da variação investigada.

1.2 Sociedade e língua: os tipos de variação linguística

A variação linguística é percebida como um objeto de estudo bastante abrangente, portanto, em pesquisas da área de Sociolinguística, ela pode ser apresentada por denominações como **diatópica**, **diastrática**, **diafásica** e **diamésica**, e convém discorrer a respeito dessas classificações.

A diatópica (também chamada de variação regional) refere-se às alternâncias linguísticas condicionadas por questões geográficas/regionais. Ilari e Basso (2006) definem a categoria como a manifestação de “diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países” (2006, p. 157). No Brasil, por exemplo, ainda que o mineiro e o gaúcho compartilhem de um mesmo idioma (português), em suas regiões, cada um deles apresenta usos distintos da língua, com peculiaridades cujas ocorrências podem se dar nos níveis fonético-fonológico, morfológico, lexical entre outros. Além disso, a

variação diatópica pode revelar traços da cultura, história e organização social de uma determinada região, sendo esses elementos incorporados e identificados no modo como seus falantes utilizam a língua.

A diastrática consiste em variações linguísticas que refletem as distinções entre grupos sociais. Esse tipo de variação é decorrente de diversos fatores tais como idade, escolaridade, sexo e nível econômico. É também frequentemente associado a essa categoria o uso das gírias e dos jargões, por serem exemplos de fenômenos linguísticos que caracterizam os estratos sociais, revelando identidades, hábitos e culturas dos falantes.

A diafásica refere-se aos diferentes papéis sociais assumidos por um falante e dos diversos contextos comunicativos dos quais pode ele participar. Essa variação também é nomeada como variação estilística, por ser resultante do estilo diferenciado (formal ou informal) feito por cada indivíduo no uso social da língua. Nesse sentido, é bastante elucidativa a metáfora proposta por Coelho *et al.* (2015) ao tratar dessa classificação:

Assim como escolhemos uma roupa para cada situação, também escolhemos (consciente ou inconscientemente) a língua que vamos usar em diferentes contextos comunicacionais) (COELHO *et al.*, 2015, p. 46).

A diamésica, por sua vez, tem a ver com as distinções entre a modalidade falada e a escrita da língua. Segundo Faraco e Tezza (2001), a fala e a escrita diferem-se e são coordenadas por aspectos específicos. Para os autores, a língua oral é, por exemplo, caracterizada por apresentar e permitir mais redundância, enquanto a escrita requer concisão e maior monitoramento quanto a aspectos coesivos. Nesta pesquisa, a noção de variação diamésica é fundamental para sua compreensão, tendo em vista a constituição do corpus (fala e escrita de estudantes rio-grandinos da rede pública).

Alguns autores como Bagno (2007) e Ilari e Basso (2006) ainda mencionam a variação diacrônica como outra categoria de variação linguística, salientando que as línguas passam por transformações ao longo do tempo, geralmente carregando traços de origem histórica e podendo ser observada na análise e comparação de diferentes gerações.

Conforme mencionado, é concebida, para a Sociolinguística, a noção de que a língua recebe influências de ordem interna (fatores linguísticos) e externa (fatores sociais), que condicionam sua variação e mudança. No entanto, foge aos propósitos desta pesquisa, abordar minuciosamente todos esses aspectos com rigorosa profundidade, o que não impede a breve menção a alguns deles.

A variação linguística é um processo transversal à língua, ou seja, ocorre em todos os seus subsistemas constitutivos. Assim, conforme visto em Bagno (2007) e aqui resumidamente apresentado, existem as seguintes variações:

a) **Fonético-fonológica**: variações relativas às diversas pronúncias de palavras. Envolve o estudo de aspectos como a ditongação, saliência fônica, prosódia, entre outros.

b) **Morfológica**: variações referentes à alternância na forma de uma palavra ou vocábulo, contendo a presença ou ausência de morfemas que configuram suas flexões e/ou seus registros ortográficos.

c) **Sintática**: variações na organização dos sintagmas que constituem orações, sem que haja prejuízo de sentido. A marcação/ausência da posição de sujeito no português, por exemplo, é um dos objetos de estudo que evidenciam esse tipo de variação.

d) **Semântica**: variações que consistem na alternância de significado atribuído a uma mesma palavra ou expressão, a depender de fatores sociais, como idade e região do falante.

e) **Lexical**: variações relacionadas ao uso de palavras que se diferem, mas designam um mesmo referente. Esse tipo de variação constitui o principal interesse de uma área dos estudos linguísticos denominada dialetologia, que estuda os diferentes dialetos de um idioma.

f) **Estilístico-pragmática**: variações concernentes ao uso variado da língua em situações diferentes de interação social. São caracterizadas pelos graus de (in) formalidade e condicionadas pelo contexto comunicativo. Assim,

um mesmo falante pode apresentar estilos diversos para se comunicar, a depender da situação comunicativa em que se inserir.

Os grupo de fatores sociais que podem condicionar a variação linguística também são muitos. Cabe aqui, todavia, explorar alguns deles, para que se torne ainda mais evidente a relação mútua de influência entre a língua e elementos que a ela são externos, como, por exemplo, sexo, escolaridade, idade e região.

Quanto ao grupo de fatores sexo, Mollica e Braga (2004), mencionam que é necessário sempre relativizar quaisquer explicações relativas às diferenças linguísticas entre homens e mulheres em virtude do grupo social que se deseja investigar. No entanto, as autoras também alegam que:

De certa forma, pode-se dizer que os homens estão mais sujeitos à influência do prestígio encoberto das formas linguísticas do que as mulheres, dado que eles possuem mais mobilidade social e maior oportunidade de participação em grupos sociais fechados. Diferentemente, as mulheres, em muitos casos mais concentradas em atividades domésticas, possuem menos oportunidades de experiências coletivas que exijam a coesão do grupo (MOLLICA; BRAGA, 2004, p. 40).

Percebe-se, entretanto, que, tal como Mollica e Braga (2004) apontam, evidentemente, não é possível estabelecer panoramas precisos sobre questões relacionadas à influência da variável sexo na variação linguística de um modo geral. Monteiro (2000), por exemplo, menciona diferentes percepções de estudiosos da língua acerca dessa questão. Um dos trabalhos citados pelo autor é o de Trudgill (1979), que defende a tese de que as mulheres são mais conservadoras em relação à linguagem, caracterizando-se como um grupo social mais sensível à norma padrão. Essa é uma perspectiva também encontrada inclusive em Labov (1982), que considera que as mulheres (sobretudo as de sociedades ocidentais) são maiores propagadoras de formas linguísticas de prestígio. Por outro lado, para Coulthard (1991), outro pesquisador mencionado por Monteiro, essa aceção não é absolutamente consistente. Coulthard (1991) sugere que o que condiciona a maior polidez no uso da língua, nas comunidades de fala em geral, é a relação que é estabelecida entre os falantes, ou seja, do modo como se organizam socialmente (funções e posições sociais assumidas). Dessa forma, parece

basilar para qualquer pesquisa sociolinguística o ponto de vista apresentado em Mollica e Braga (2004); a variação linguística pode sim ser condicionada pela variável sexo, mas, na análise dessa relação, precisa ser considerado o contexto social no qual se inserem os falantes, pois não há garantia de que em todas comunidades se encontre o sexo feminino sendo conservador na linguagem nem vice-versa.

A variável escolaridade também se mostra bastante relevante em muitas análises de variação linguística. Segundo Fagundes (2015), quanto maior for o grau de escolarização de um falante, maior probabilidade há de ele utilizar variantes consideradas como de prestígio social. Isso porque, de acordo com Bagno (2007), “o acesso maior ou menor à educação formal e, com ele, à cultura letrada, à prática de leitura e aos usos da escrita, é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos” (p. 43). Cezário e Votre (2010) também corroboram esse ponto de vista ao alegar que

quando falantes mais cultos estão usando uma forma que anteriormente não tinha prestígio, isso significa que ela deixou de ser estigmatizada e passou a ser normal dentro da comunidade de fala de pessoas escolarizadas, o que pode significar mudança, ou seja, substituição de uma forma mais antiga pela forma mais nova (CEZÁRIO; VOTRE, 2010, p. 152).

Torna-se evidente a influência desse fator social na variação e também na mudança da língua, uma vez que a escola e as universidades são propagadoras da norma padrão e aproximam o indivíduo da cultura letrada.

A idade do falante é outro aspecto social bastante relevante na análise de fenômenos de variação linguística. Para Veis Ribeiro, Ribeiro e Penkal (2009),

Os estudos das variações ligadas à variável faixa etária costumam retratar a idade dos fenômenos linguísticos. [...] Há diferenças marcantes entre a linguagem dos idosos, dos adolescentes e das crianças, mostrando diferenças de acordo com as faixas etárias dos falantes, na mesma região, e em falantes de uma mesma cultura (VEIS RIBEIRO, RIBEIRO E LOREGIAN-PENKAL 2009, p. 70).

O enfoque na faixa etária como um condicionador de variação linguística revela o histórico de uma língua. É geralmente mais provável encontrar variantes inovadoras na fala/escrita de indivíduos mais jovens,

enquanto os mais velhos tendem a ser mais conservadores. Entretanto, tal como salientam Coelho *et al.* (2015, p. 44), a faixa etária “não pode ser estudada sem que se leve em conta uma correlação entre indivíduo e comunidade, e entre esse fator e os demais condicionadores sociais”.

Conforme mencionado, ao se tratar da variação diatópica, a origem geográfica do falante é um fator bastante favorecedor da variação linguística. Segundo Bortoni e Ricardo (2004), “no Brasil, a variação regional se manifesta mais na pronúncia de alguns sons, no ritmo, na melodia e em algumas palavras” (2004, p. 30). Essas alteridades linguísticas são importantes traços que funcionam como o distintivo de uma região em relação à outra, representando, por meio de todos os subsistemas da língua diferentes identidades, culturas e relações sociais.

O meio rural e o meio urbano, por exemplo, não se distinguem somente por aspectos de natureza geográfica, mas também por questões relativas a usos linguísticos. Ainda que ambos os modelos de comunidades de fala integrem um mesmo estado/país, é possível identificar diferentes elementos lexicais, fonético-fonológicos, morfossintáticos e também diferenças de estilo entre um âmbito e outro. Nesse sentido, Monteiro (2000) afirma que

Se fizermos uma viagem pelo Brasil, iremos com certeza perceber diferenças linguísticas nas cidades onde permaneceremos por uns poucos dias ou até por umas poucas horas. Constataremos, por outro lado, que certos traços identificam dialetos falados especificamente no campo, enquanto outros nos parecem mais próprios das cidades, e assim não será difícil saber quando uma pessoa nasceu numa capital ou numa cidade do interior. Poderemos também ter a impressão de que a fala das pessoas cultas das metrópoles é menos diversificada do que a dos povoados espalhados pelas diversas regiões brasileiras. Todavia, seja como for, não resta nenhuma dúvida de que a linguagem reflete não apenas o local de origem do indivíduo, mas também o local onde ele mora e trabalha (MONTEIRO, 2000, p. 78).

Asseguradamente, portanto, a partir da ótica oferecida pela Sociolinguística, é possível descrever a língua como um fenômeno absolutamente tendente a alternâncias, que podem ser condicionadas por fatores internos e externos a ela. É válido ressaltar que, embora esta pesquisa não contemple minuciosamente cada um desses fatores, todos eles (abordados ou não, neste capítulo) são de extrema relevância para a compreensão da heterogeneidade da língua.

1.3 Sociolinguística e o compromisso com o ensino

A vinculação entre a abordagem variacionista e o ensino de língua materna no Brasil, de acordo com Oliveira e Wilson (2011) remonta o final do século XX. Segundo apontam os autores, atualmente existem “inúmeras publicações na área em torno da Sociolinguística na sala de aula, tratando dos aspectos que dizem respeito às variações no uso da língua e sua direção direta com o ensino” (OLIVEIRA; WILSON, 2011, p. 238). Assim, a transposição didática dos estudos sociolinguísticos para o âmbito educacional vem sendo realizada com bastante ênfase no Brasil, tendo o apoio de linguistas, muitos professores, estudantes de graduação e inclusive dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), as diretrizes instituídas pelo Governo Federal com o intuito de nortear a configuração da grade curricular. Os documentos apresentam as seguintes descrições acerca da diversidade linguística no Brasil:

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas (BRASIL, 1997, p. 26).

Como se percebe, os PCNs convocam os educadores a enfrentarem um problema recorrente na sociedade, sobretudo em camadas mais elitizadas, e que pode se manifestar no espaço escolar: o preconceito linguístico.

Consiste o preconceito linguístico na avaliação negativa e estigmatizada de variantes consideradas não padrão utilizadas por um falante. Leite (2008) descreve com muita consistência esse juízo de valor pré-concebido e ainda bastante proliferado:

O preconceito e a intolerância linguísticos revelam o comportamento de um falante diante da linguagem de outro e é, pois, um fato de **atitude linguística**. Como tudo o que diz respeito à linguagem, a atitude linguística não pode apenas ser interpretada como um assunto puramente pertinente ao domínio da língua. Antes de tudo, como sabemos muito bem, a linguagem é social, plena de valores, é axiológica e, por meio dela, consciente ou inconscientemente, o falante mostra a sua ideologia. Por isso, é preciso deixar claro que estudar o preconceito e a intolerância é ir além de fatos e opiniões que dizem respeito à língua e sua realização (LEITE, 2008, p. 13-14, grifo do autor).

Dessa maneira, evidentemente influenciados pelo impacto da Sociolinguística no cenário científico, os documentos orientam que o ensino de língua materna combata o preconceito linguístico por intermédio de práticas pedagógicas que permitam que o aluno conheça e reflita sobre as variedades linguísticas, compreendendo que todas são legítimas e constitutivas do português e merecem ser respeitadas. Além disso, os PCNs norteiam os profissionais do ensino a estimularem seus alunos a perceberem a linguagem como um meio de interação social, e, por conta disso, cabe a todo falante saber o máximo possível de sua própria língua a fim de conseguir realizar usos linguísticos adequados às mais diversas situações comunicativas, uma vez que muitas delas “exigem certos recursos de linguagem” (BORTONI-RICARDO, 2017, p.89).

No entanto, apesar do notório empenho de diversos pesquisadores em transpor didaticamente as noções fornecidas pela Sociolinguística, muitos obstáculos ainda dificultam que o modelo de ensino proposto pelos PCNs torne-se uma realidade majoritária no país. Acerca disso, problematiza Preti (1998):

Sem ter acesso a uma bibliografia linguística especializada que se publica sem cessar e que nem sempre é fácil à compreensão dos professores secundários, sem obras que estabeleçam a imprescindível ligação entre teoria e prática; a escola continua preservando o mito da ‘boa linguagem’, fundamentado na língua escrita, em geral literária, investindo pouco na discussão da diversidade linguística, no contraste e aproximação entre a língua escrita e a oral (PRETI, 1998, p. 86-87).

Preti (1998) também alega haver lentidão no processo de atualização de materiais pedagógicos, como o livro didático, e também no que se entende, atualmente, por formação continuada².

Ainda em relação aos materiais didáticos, informam também Oliveira e Wilson (2011) que estes:

embora já apresentem preocupação em apontar para os diferentes usos da língua, o fazem, em geral, de forma desvinculada das situações reais de comunicação, isto é, desconsiderando as relações entre língua e homem e entre este e seu meio social. O material

² A formação continuada consiste no aprimoramento e na atualização de professores, com o intuito de melhorar a qualidade do ensino, frente aos constantes desafios enfrentados pela escola.

didático disponível no mercado, em geral, ainda mantém a visão uniforme e homogênea da língua, seja na forma de concebê-la, seja no modo com que elabora os enunciados e estrutura as unidades (OLIVEIRA; WILSON, 2011, p. 239).

Bortoni-Ricardo (2017) vai além e alega haver má interpretação de muitos professores quanto aos pressupostos teóricos da Sociolinguística. Segundo a autora, os linguistas desconstruíram a imagem de erro atribuída às variantes não padrão, informando que estas seriam formas mais majoritariamente encontradas na língua oral, modalidade que geralmente recebe menos monitoramento. A partir disso, diz Bortoni-Ricardo (2017), a escola “concluiu erroneamente que, não sendo essas variantes erros, não deveriam ser corrigidas sob pena de se criar insegurança linguística nos alunos” (2017, p. 158). Assim, ao agirem dessa forma, os professores estariam negligenciando o acesso dos alunos à norma culta e comprometendo seu preparo para situações discursivas em que esta é um requisito. Conclui, então a autora que:

Os alunos que não receberem avaliação de seus professores quanto ao que falaram ou escreveram, respeitando (ou não) os preceitos gramaticais consagrados e louvados no Brasil, estarão sujeitos a críticas e estigma social. Têm os professores, portanto, de ficar alerta à produção linguística de seus alunos em sala de aula promovendo os ajustes necessários, de forma sempre muito respeitosa, nos termos de uma pedagogia culturalmente sensível (BORTONI-RICARDO, 2017, p. 159).

Portanto, apesar das imprescindíveis contribuições da abordagem variacionista para o contexto educacional, muitos desafios ainda precisam ser enfrentados para que o ensino seja renovado. É necessário romper com o pensamento excludente e segregador ainda muito difundido em relação à variedade linguística do português, e, não somente isso: “transformar o falante em um 'poliglota' dentro de sua própria língua nacional” (BECHARA, 2009, p. 38), ou seja, preparar o aluno para realizar usos linguísticos adequados às mais diversas situações da vida social. Assim, é, inegavelmente, dever da escola apresentar a norma culta ao aluno, porém, sem que as outras variedades sejam descartadas, omitidas ou desrespeitadas no ensino. O que os PCNs em acordo com os linguistas defendem é, portanto, uma abordagem reflexiva em torno da linguagem, suas manifestações e variações.

Nesse sentido, é pertinente fazer menção às considerações de Naro e Scherre (2006) ao tratar da relação entre variação e ensino:

Reconhecer e aceitar a diversidade linguística é uma questão de cidadania. [...] Em toda e qualquer sociedade totalmente estratificada, *-o conhecimento do padrão ou o conhecimento de variedades de prestígio é, de fato, uma ferramenta de afirmação, enquanto o uso de formas não padrão ou de formas sem prestígio pode conduzir à dominação e exploração econômica. Enquanto esta ampla situação não mudar, negligenciar as formas padrão ou as formas de prestígio na educação é quase equivalente a negligenciar os próprios falantes das variedades sem prestígio no sentido de dificultar a sua inserção no processo produtivo (NARO e SCHERRE, 2006, p. 236-237).

Em relação ao objeto de estudo desta pesquisa, primeira pessoa do plural, por exemplo, percebe-se que, no espaço escolar, a variante *nós* ainda é bastante prestigiada, sem que haja muito destaque à sua concorrente, *a gente*. Isso ocorre justamente porque a escola ainda toma como referência quase única os postulados da gramática normativa, que, como se verá mais adiante, pouco privilegia a forma inovadora e, em sua grande maioria, indica o pronome pessoal *nós* como a forma mais recomendada para expressão de primeira pessoa do plural. Assim, é por meio dos estudos que revelam a realidade linguística dos falantes nativos que se pode romper com pensamentos ultrapassados em relação ao ensino de língua. Dessa forma, muito contribui a abordagem variacionista para oferecer conhecimentos e desconstruir acepções equivocadas e até preconceituosas em torno de um fenômeno tão naturalmente complexo e abrangente como a linguagem.

1.4 As variantes *nós* e *a gente*

A fim de estabelecer uma maior compreensão a respeito das duas variantes que disputam a referência de primeira pessoa do plural na língua portuguesa será apresentada aqui a origem de *nós* e a de *a gente*, bem como uma breve análise acerca de seus respectivos usos e variações.

1.4.1 Nós

A língua portuguesa deriva do considerado latim vulgar, e, portanto, é na língua latina que se pode buscar pela origem etimológica do pronome *nós*. Segundo Câmara Jr. (1979, p. 90) havia, dentro do sistema morfológico latino, uma forma linguística denominada "nōs", cuja referência era o falante e mais

alguém. Silva Neto (1979, p. 234) complementa, em sua descrição sobre a origem do pronome, informando que a forma composta de "nões", *noscum*, substituiu o dativo *nobis*. Com o tempo, aderiu-se no português brasileiro o emprego de "conosco" como pronome oblíquo tônico, correspondendo ao pronome pessoal reto *nós*. Já o professor Rodrigues Júnior (2002), ao abordar os pronomes da GLP³, aponta que

A esquematização da variação do pronome pessoal "nos" está na evolução do latim para o português. Primeiro a forma pessoal "nos" sistematiza o pronome *nós*, que serve de objeto direto e indireto, designando a 1ª pessoa do plural. Nesta evolução da GLP o pronome vem de uma maneira aberta, pois desenvolveu-se da forma fechada da língua latina. As formas latinas "nostrum/nostri" e "nobis" passaram por um processo de caracterização rumo ao pronome possessivo "nosso" que exprime algo pertencente ou que diz respeito, dentro desse âmbito a forma latina "nobis" evolui para o pronome pessoal "conosco" (RODRIGUES JR, 2002, grifo nosso).

Atualmente, além da concorrência com a forma *a gente* na língua portuguesa, o próprio pronome *nós* é caracterizado por apresentar variações de níveis fonológicos e sintáticos. Segundo Maia (2017), *nós* pode ser ditongado, sobretudo na oralidade, gerando a forma *nóis*, que, geralmente, estabelece concordância com a terceira pessoa do singular ou também com a primeira, porém com reduções fonéticas nas desinências verbais. Ainda conforme a autora, mesmo em construções em que há o emprego padrão de *nós* (sem ditongação), também ocorre variação na concordância, em frases, como, por exemplo "nós começa", em que o verbo concorda (de modo não padrão) na terceira pessoa do singular (como seria a concordância padrão em frases nas quais *a gente* exerce função sintática de sujeito).

Em seu texto "Ditongação diante de S", Amaral (2017) também explora esse processo fonológico, que, de acordo com a linguista, consiste no "surgimento de uma semivogal entre a vogal e o /S/, acarretando mudança fonética" e gerando um ditongo (2017, p. 79). A autora, então, exemplifica essa variação a partir de textos que refletem o linguajar de diversas regiões do Brasil, sendo um deles uma canção de Adoniran Barbosa, escrita nos anos 50 e em que se observa a variante *nóis* (empregada no lugar de *nós* como sujeito) e as

³ Por GLP, entende-se Gramática da Língua portuguesa.

concordâncias não padrão identificadas sob os verbos “fumo”, “encontremo”, “vortemo”, “vai” e “aceitemos”:

Samba do Arnesto

[...]

Nóis fumo não encontremos ninguém

Nóis vortemoCuma baita de uma reiva

Da outra **veis nóis** num vai mais

[...]

No outro dia encontremo com o Arnesto

Que pediu desculpas **mais nóis** não aceitemos

(ADONIRAN BARBOSA, 1953, *apud* AMARAL, 2017, p. 81)

Amaral, além disso, constata que, ao longo da história da língua portuguesa, diversas pesquisas revelaram que “essa regra foi considerada uma característica da fala popular ou das camadas menos privilegiadas socioculturalmente. Com o tempo, veio a atingir outras camadas sociais” (AMARAL, 2017, p.82).

Por muito tempo, a variante *nóis* foi bastante associada ao dialeto caipira (AMARAL, 1955), sendo uma forma linguística bastante representativa, sobretudo, de cidades das zonas rurais da região sudeste do país. No entanto, aparentemente, a zona urbana também vem sendo uma região em que a variante se encontra empregada. Coelho (2006), por exemplo, explora, em sua tese de doutorado, o uso de *nóis* realizado por moradores de regiões periféricas do município de São Paulo (SP) e explica que esta é um elemento linguístico bastante significativo e constitutivo da identidade cultural do grupo social investigado. Essa descaracterização de *nóis* enquanto uma marca exclusiva do dialeto caipira também pode ser observada por meio de músicas, como ilustram Lima e Cordeiro (2019). Assim como Amaral (2017) acima, os autores apresentam canções em que se observam aspectos relativos a *nós* e suas variações (ditongação e concordâncias não padrão), como no caso de *Nóis trupica, mais não cai*, da dupla sertaneja Rick e Renner, 1406, de Mamonas Assassinas e *Nóis*, de Projota:

Nóis trupica mais não cai

Pode botar fé
Que desse jeito vai

Money que é good **nóis** num have (HEAVY!),
se **nóis** hevasse
Nóis num tava aqui playando,
mas **nóis** precisa de worká
Money (MONEY!) que é good **nóis** num have (HEAVY!),
se **nóis** hevasse
Nóis num tava aqui workando, o nosso work é playá

Anjos olham por mim, me protegem do fim
e é por isso
Que eu vim, porque é **nóis**.
E você sabe bem o rumo
Desse trem, nossa vitória vem! (RICK & RENNER, 2002).

As canções acima citadas exemplificam não somente a presença da ditongação no pronome *nós* como também a concordância verbal não padrão com a terceira pessoa do singular. Além disso, nota-se que, por serem essas músicas de diferentes artistas, gêneros e públicos, essas variações linguísticas não se restringem à fala de uma única comunidade específica no Brasil, mas, ao contrário, podem ser encontradas amplamente na oralidade de diversos falantes brasileiros, o que, de certa maneira, pode desconstruir o estigma e até mesmo o estereótipo de uma fala “caipira” ou estritamente regional, que histórica e socialmente foram concebidos e reforçados pela mídia (OLIVEIRA E SILVA, 2017) em relação ao uso de *nóis*.

Lima e Cordeiro (2019)⁴ também apontam que, curiosamente, de estilo similar aos satíricos versos da canção *1406*, vem ganhando bastante notoriedade o emprego de *nóis* na linguagem virtual, mais especificamente,

⁴ Este estudo encontra-se em desenvolvimento e tem como corpus de análise registros da ditongação presente em “nóis” encontrados em canções de diversos gêneros e em memes que circulam nas redes sociais.

nos denominados memes, que se referem a um gênero textual de cunho basicamente humorístico e paródico. Em sua análise de textos oriundos das redes sociais (esfera em que os memes circulam), os autores evidenciam o emprego da variante e ressaltam que a ditongação, pelo menos nesses contextos, não parece ser estigmatizada ou mesmo reprovada pelos usuários das redes. Ao contrário, tornou-se um estilo bastante característico do gênero e com efeitos humorísticos.

Santos (2017) também tratou dessa variação em seu estudo sobre monitoramento da escrita nas redes sociais. Aponta a pesquisadora que frequentemente, nas redes sociais, se reproduzem ortograficamente as pronúncias coloquiais de algumas palavras e expressões, citando o *nóis* como exemplo em um meme, esclarecendo que, nessa esfera, “não há uma reprovação, todos compartilham e os desvios são encarados como brincadeira.” (SANTOS, 2017, p. 16).

Percebe-se, particularmente, nas esferas sociais em que circulam esses textos, uma grande aceitabilidade da variante *nóis* atrelada ou não à concordância não padrão de terceira pessoa no gênero meme. As piadas elaboradas na internet utilizando essa forma popularizaram-se sem presença de estigmatização, naturalizando a manifestação de uma variação linguística.

1.4.2 A gente: gramaticalização e variação

Apesar de ainda não ser padronizado como pronome pessoal por muitos gramáticos, *a gente* equivale, semanticamente, ao pronome canônico *nós* e com ele disputa espaço na língua em uso, estabelecendo um processo de mudança em curso, dada a sua grande propagação no português brasileiro ao longo das décadas (conforme se discutirá adiante nesta pesquisa).

A fim de compreender melhor os aspectos relativos à variante em questão, faz-se necessário recuperar o histórico da origem e pronominalização de *a gente* no português brasileiro, e, para isso, é indispensável tratar, primeiramente, de um fenômeno importante e inerente ao processo evolutivo

da língua denominado gramaticalização, que se ocupa de explicar inovações e mudanças gramaticais.

Segundo Moura Neves (2004), a noção de gramaticalização surgiu no século X, na China, tendo continuidade na França e Inglaterra, no século XVIII, na Alemanha, durante o século XIX, e por último nos Estados Unidos, no século XX. Assim, ao longo dos séculos, os estudos na área foram representados por muitos pesquisadores e, portanto, Moura Neves (2004) alega que o conceito de gramaticalização "não se define num sentido exatamente igual nos diversos estudiosos" (2004, p. 114). Além disso, parafraseando Traugott e Heine (1991, vol I), autores que reuniram em uma obra vinte e cinco trabalhos sobre gramaticalização, a linguista afirma que o estudo do tema

"põe em evidência a tensão entre a expressão lexical, relativamente livre de restrições, e a codificação morfossintática, mais sujeita a restrições, salientando a indeterminação relativa da língua e o caráter não-discreto de suas categorias" (2004, p. 115 e 116).

Na língua portuguesa, um grande e recorrente exemplo de gramaticalização (FARACO, 1996; CINTRA 1972) é do pronome "você", cuja origem advém do pronome de tratamento "vossa mercê", utilizado inicialmente para se referir a membros da monarquia, expandindo-se, posteriormente, a pessoas da burguesia, até popularizar-se na fala de pessoas de baixas camadas da sociedade, evoluindo de *vossa mercê* → *vossemecê* → *vosmecê* → *vancê* → *você*. Em algumas localidades brasileiras, inclusive, hoje se utilizam as formas "ocê" e "cê", conforme Peres (2007).

Assim, grosso modo, pode-se afirmar que a gramaticalização diz respeito a um processo de transformação linguística inerente à língua e que instiga estudiosos há décadas. Esta pesquisa, por sua vez, toma como referência teórica uma elucidativa explicação do conceito de gramaticalização proposta por Coelho *et al.* (2015, p. 154-155) que, a partir da leitura de Hopper e Traugott (2003), apresentam o fenômeno como

um processo de mudança linguística que se dá através da regularização gradual, pela qual um item frequentemente utilizado em contextos comunicativos particulares adquire função gramatical e pode, uma vez gramaticalizado, adquirir novas funções gramaticais. [...] Ou seja, no processo de gramaticalização, um item lexical ou uma

construção de uma dada língua passa a assumir uma nova função nessa língua (COELHO *et al.*, 2015, p. 154-155).

Em seguida, os autores complementam a definição exemplificando com o processo de gramaticalização pelo qual perpassou a forma *a gente*:

Alguns dos processos de gramaticalização podem ser observados na passagem: **(i) de item lexical a pronome (do substantivo ‘gente’ ao pronome ‘a gente’); (grifo nosso)(ii) de verbo lexical a verbo auxiliar (de verbo ‘ir’ de movimento para ‘ir’ auxiliar, como em ‘vou cantar’, indicando tempo futuro); de advérbios a conjunções (do advérbio ‘agora’, indicativo de tempo, ao conector ‘agora’, indicativo de conjunção adversativa), dentre outros (COELHO *et al.*, 2015, p. 154-155).**

Desse modo, asseguradamente, é possível caracterizar a expressão *a gente* como um exemplo de processo de gramaticalização, pois sua origem advém de um sintagma nominal (“gente”) gradativamente pronominalizado no sistema linguístico do português brasileiro, provocando a reorganização deste.

De acordo com Lopes (2004, p. 62), a implementação de *a gente* como pronome pessoal com referência à primeira pessoa do plural tem origem no começo do século XIX. A forma pronominal provém da expressão “gente”, que, por sua vez, se origina do latim (*gens, gentis*), conforme Houaiss (2001). Esse substantivo pode “nomear de forma coletiva, indeterminadora, mais ou menos geral, um agrupamento de seres humanos, identificados, entre si, por objetivos, ideias, qualidades, nacionalidade ou posição”, conforme Omena (1996, p. 188). Desse modo, a forma *a gente* apropriou-se dessas características semânticas, e, a partir da união ao artigo “a”, passou a ser utilizada para corresponder a primeira pessoa do discurso (tanto no singular, como no plural).

Usada inicialmente como referência mais genérica/indefinida, paulatinamente, a variante *a gente* foi sendo incorporada na língua portuguesa, concorrendo com *nós*, enquanto pronome pessoal. Dentro do processo de gramaticalização da expressão, no entanto, houve uma perda de traço formal de número (LOPES, 2004). Enquanto o substantivo “gente” sofria flexões no plural (“gentes”) antes da pronominalização, após o processo de implementação de *a gente* no quadro pronominal, o traço formal de número passa a ser exclusivamente singular, ou seja, *a gente*, do ponto de vista morfossintático, não estabelece relações com o plural, ainda que, do ponto de vista semântico, o referente seja sempre [eu] + [não eu].

Outro aspecto apontado por Lopes (2004) como bastante relevante quanto à gramaticalização de *a gente* é relativo ao gênero. O estudo da linguista sugere a perda do traço formal de gênero, uma vez que, enquanto substantivo, “gente” estabelecia combinações com elementos sintáticos de gênero feminino, a partir da gramaticalização, a expressão *a gente* torna-se neutra, tendo a identificação do gênero subordinada ao referente, que pode ser masculino, feminino ou misto (tanto masculino como feminino).

As frases abaixo são exemplos utilizados pela própria autora (2004, p. 56-57) e aqui explorados nos quadros a seguir, com a finalidade de ilustrar as transformações quanto à noção de gênero de “gente” e *a gente* ao longo do processo de gramaticalização comentado acima:

Quadro 1 - Antes do processo de gramaticalização

Sintagma “gente”	Gênero
“Toda a gente da aldeia ficou arrasada”	Feminino

Fonte: adaptado de Lopes (2004)

Quadro 2 - Após o processo de gramaticalização

Sintagma <i>a gente</i>	Gênero
“ A gente ficou arrasado”	Masculino
Sintagma <i>a gente</i>	Gênero
“...nesse ponto lá em casa a gente é muito cuidado <u>so</u> ”	Masculino (referente misto)
Sintagma <i>a gente</i>	Gênero
“Se a gente vai preparad <u>o</u> para isso, o filme”	Masculino (referente genérico)

Fonte: adaptado de Lopes (2004)

Além dessas modificações, a sociolinguista aponta o traço [+/- determinado] do referente como um aspecto notório em *a gente*. Segundo Lopes (2004, p. 73), a variante possivelmente herdou a genericidade do substantivo “gente”, o que faz com que o pronome alterne entre determinação específica (representado pela referência eu + você ou eu + ele) e indeterminação (representado pela referência genérica eu + todo mundo ou eu + qualquer um).

Omena (1996) também aborda as inovações proporcionadas no português brasileiro a partir da gramaticalização de *a gente*. Apesar de, segundo a autora, a variante inovadora ser mais frequentemente encontrada

exercendo a função sintática de sujeito, há também outras funções nas quais a forma pode ser identificada, conforme na tabela abaixo, contendo os exemplos citados pela própria pesquisadora (1996, p. 187):

Quadro 3 - Outras funções sintáticas de *a gente*

Exemplos	Funções sintáticas
“Ele já não conhece a gente ”	Objeto direto
“Aí, inclusive, a menina que estava de plantão nesse dia é amiga da gente ”	Adjunto adnominal
“Aí a minha mãe é que vem abrir a porta pra gente ”	Objeto indireto
“Eles falam bem diferente da gente ”	Complemento nominal
“Quem faz moda é a gente ”	Predicativo do sujeito

Fonte: adaptado de Omena (1996, p. 187).

Ou seja, a implementação de *a gente* como primeira pessoa do plural desempenhando não somente a função sintática de sujeito também implicou a aparição de outras funções sintáticas, como as de objeto (direto e indireto), de complemento nominal e de adjunto adnominal, o que obrigatoriamente gerou reformulações no quadro pronominal.

A respeito dessas modificações, é igualmente válida e bastante esclarecedora aqui a exposição do quadro elaborado por Menon (1995), que explana as principais alterações no plano sintático decorrentes da variação *nós/a gente*:

Quadro 4 - Reformulações do quadro pronominal

Pessoa	Pron. suj.	Pron. direto	comp. indireto	comp. indireto	Possessivos
P4 (-mos) Ex: cantamos	(nós)	nos	nós – conosco		nosso (a) (s)
Pessoa	Pron. suj.	Pron. direto	comp. indireto	comp. indireto	Possessivos
P4 (-mos~ 0) Ex: cantamos ~ a gente canta	(nós) ~ a gente	nós~a gente	nós/conosco~(preposição) + a gente		nosso (a) (s)~ da gente

Fonte: Menon (1995)

A seguir, dar-se-á destaque a aspectos atrelados à forma *a gente* e suas variações, do ponto de vista sintático e morfológico, mais especificamente.

1.4.3 Variação sintática: “a gente vamos”

Cada vez mais popularizada entre os falantes de língua portuguesa, há natural aceitabilidade no uso frequente da variante *a gente* em lugar de *nós*, ou seja, não há, de modo geral, indícios de estigmatização atrelados a esse fenômeno de variação (OMENA, 1996). No entanto, dois aspectos relacionados exclusivamente à variante *a gente* costumam sofrer desprestígio e gerar avaliações negativas sobre o falante.

O primeiro é um aspecto sintático e diz respeito à concordância verbal não padrão realizada em sentenças como “a gente vamos”, na qual se observa pluralização do verbo “ir”, quando, segundo diversos gramáticos (CUNHA; CINTRA (2007); SACCONI (2011); BECHARA (2009)), a conjugação dos verbos, quando forem relativos à expressão *a gente*, deve se manter na terceira pessoa do singular.

Bechara (2009, p. 598), por exemplo, desaprova a concordância não padrão feita com a forma *a gente* ao abordar o conceito de solecismo, que é descrito pelo autor como um vício de linguagem referente à má estruturação sintática. Como exemplos de solecismos, o gramático apresenta seis frases, das quais uma contém *a gente* concordando no plural com o verbo “ir” (“a gente vamos”), o que, para o gramático, ilustra uma inadequação e desvio da norma culta.

Sacconi (2011) também considera inadequado o uso de *a gente* em concordância com o verbo no plural. Na realidade, o gramático critica esse tipo de uso, descrevendo-o como típico de “gente que fugiu da escola” (2011, p. 154), conforme ilustra em sua gramática, na sessão de dúvidas relativas aos pronomes pessoais:

“A gente vemos de tudo” é linguagem de gente que fugiu da escola. Use sempre: a gente vê, a gente tem, a gente foi, a gente viu, a gente irá, etc. Quem usa o plural, nesse caso, tem de voltar à escola” (SACCONI, 2011, p. 154).

Cabe aqui incluir a elucidativa percepção de Omena (1996) acerca dessa variação. Para a linguista, frases como “a gente comemos” e mesmo “nós comeu” representam “exemplos de variação fortemente discriminada que

parece se originar de um cruzamento das duas formas *a gente comeu* e *nós comemos*” (1996, p. 311, grifos do autor).

Desse modo, com respaldo nas gramáticas normativas, a escola, segundo Seara (2000), estigmatiza usos de *a gente* que apresentem descumprimento da norma culta, uma vez que o uso do pronome associado a verbos com desinência *-mos* de 1ª pessoa do plural é considerado erro pela grande parte dos gramáticos (NARO; SCHERRE, 2006). Por outro lado, conforme Omena (1996), “o uso de *a gente* por *nós* em estruturas que não ferem a concordância verbal, dada a sua expansão, já não é tão fortemente estigmatizado, principalmente na fala informal” (1996, p. 311). Ou seja, quando corresponde ao uso previsto pelas gramáticas, a forma *a gente* possui aprovação entre os usuários. No entanto, o contrário gera reprovação e estigmatização.

1.4.4 Homofonia/variação morfológica: *agente*

O segundo aspecto é de ordem morfofonológica e é unicamente evidenciado na modalidade escrita do uso da língua. Apesar de ainda pouco abordado em pesquisas, nota-se alternância na grafia da expressão *a gente*, que muitas vezes é produzida como “*agente*” (tal como o substantivo). O que ocorre, nesse caso, é uma eventual junção do artigo (a) + substantivo (gente) pelo indivíduo, que acaba gerando uma única palavra, a fim de atingir o sentido correspondente ao do pronome *nós*. Como possível explicação para essa variação, pode-se pensar no princípio da homofonia, que seria um processo pelo qual “um vocábulo tem o mesmo som de outro, com grafia e sentido diferentes” (FERREIRA, 2001, p. 396), uma vez que o sentido do substantivo *agente* não é equivalente nem tampouco similar ao do pronome *a gente*, mas ambos possuem idêntica pronúncia. Silva e Andrade (2011) exploram essa variação ao investigar algumas influências da oralidade na escrita de estudantes do 6º ano do ensino fundamental da cidade de Colinas do Tocantins (TO). Os autores descrevem o fenômeno como um exemplo de juntura intervocabular, processo que consiste em “vocábulos fonológicos

constituídos de duas ou mais formas livres ou dependentes grafados como um único vocábulo formal" (SILVA; ANDRADE, 2011, p. 283).

Desse modo, a grafia de *a gente* realizada como *agente* é considerada não padrão e também desprestigiada, sendo inclusive apontada como “erro de português” por alguns materiais de ensino e sites como *O Globo*:

Figura 1- A distinção entre *agente* e *a gente*, pelo site O Globo



Fonte: Universidade Veiga de Almeida (2018).

Viotti (2013) também comenta sobre essa variação brevemente em seu artigo “Mudança linguística”:

[...] o uso da forma *a gente* para referência à 1ª pessoa do plural, em substituição ao pronome nós, está, nos dias de hoje, passando por um processo semelhante ao que gerou a forma *ocê*. Uma das posições mais brandas a esse respeito é aquela que sugere que o uso de *a gente* não deve ser encorajado, pois, afinal de contas, nós temos um pronome de 1ª pessoa do plural, *nós*. Mas essa posição pode ser um primeiro passo para começar a considerar um “erro” o uso da forma *a gente* para a referência à 1ª pessoa do plural. Alguns chegam a comentar que a situação é tão grave, que crianças já estão escrevendo *agente*, em vez de *a gente* (VIOTTI, 2013, p. 138, grifos do autor).

Ao contrário do que possivelmente se encontraria em uma gramática normativa, a perspectiva de Viotti (2013) é bastante otimista a respeito de *agente* (p. 138):

Ora, da mesma maneira que, de um pronome de tratamento formado por duas palavras — *vossa mercê* —, passamos a ter, hoje, um pronome que corresponde a um único item lexical — *ocê* —, é natural que aceitemos que a forma *a gente*, composta por duas

palavras, eventualmente, venha a tornar-se uma única palavra, *agente* (VIOTTI, 2013, p. 138, grifos do autor).

De modo geral, é possível concluir, em relação à variante *a gente* que esta:

a) Origina-se da expressão nominal “gente”, que, em acréscimo ao artigo determinado “a”, passou a ser empregada como pronome pessoal, tornando-se exemplo de um processo de gramaticalização; Equivale semanticamente ao pronome *nós*.

b) Pode ser utilizada em sentido genérico ou restritivo, a depender do contexto e do referente no discurso.

c) Pode sofrer variações relacionadas à concordância (3ª pessoa do singular “**A gente vai**” vs 1ª pessoa do plural “**A gente vamos**”) e à ortografia (“**A gente vive**” vs “**Agente vive**”).

A seguir far-se-á uma revisão em gramáticas de língua portuguesa de diferentes autores e períodos históricos com o intuito de averiguar as concepções (convergentes e divergentes) a respeito da primeira pessoa do plural, sobretudo relativas à variante *a gente*.

1.5 Revisão de gramáticas

Para esta pesquisa, foram consultadas quatorze gramáticas da Língua Portuguesa, com a finalidade de averiguar o que é mencionado quanto à alternância das duas variantes em disputa aqui investigadas. É importante conhecer as afirmações dos gramáticos quanto à primeira pessoa do plural para obter maior compreensão desse fenômeno de variação, e perceber em que medida ele se reflete nas gramáticas, que podem, por sua vez, abordá-lo (como as maiorias das obras referidas a seguir) ou não abordá-lo (como algumas de caráter mais normativo o fazem).

Para uma maior contextualização a respeito desta investigação, se faz necessário retomar conceitos aqui bastante indispensáveis. São eles o de pronome pessoal e também o de primeira pessoa do plural.

Quanto ao primeiro, bastante clara é a definição proposta por Gregorim (2011). Segundo o gramático, pronomes pessoais “são aqueles que designam as três pessoas do discurso: 1ª, a pessoa com que se fala; 2ª, a pessoa com quem se fala; 3ª, a pessoa de quem se fala” (2011, p. 276). A descrição de Castilho (2010) sobre a mesma classe gramatical amplia essas noções, ao afirmar que “os pronomes pessoais da primeira e da segunda pessoa são dêiticos, e os da terceira são anafóricos” (2010, p. 476).

O segundo conceito, primeira pessoa do plural, também se faz imprescindível dentro desta pesquisa. A pluralização dos pronomes pessoais já foi alvo de indagações entre linguistas, que, muitas vezes, questionaram as definições propostas pela gramática normativa a respeito dos pronomes. Lopes (1998), por exemplo, traz uma descrição concisa e abrangente da pluralização dessa categoria pronominal, alegando que eles podem designar:

- a referência a dois ou mais seres que partilham o mesmo lugar na interlocução e, por conseguinte, são da mesma natureza. [...]
- a referência a dois ou mais seres que ocupam lugares diferentes na interlocução (*nós*, representando *eu+você(s)*, *eu+ele(s)*).
- uma referência indeterminada, porque ao englobar diferentes pessoas, um pronome pode, como dizíamos antes, tornar-se tão genérico a ponto de não podermos precisar qual é o seu referente (LOPES, 1998, p.).

Apesar das constantes divergências entre a gramática e os estudos sociolinguísticos (e estes ganharem cada vez mais relevância dada a visibilidade que a linguística vem recebendo nas últimas décadas), é necessário conhecer a fundo todas as faces que constituem o fenômeno aqui em análise. Portanto, esta seção ocupa-se de apresentar algumas definições propostas por gramáticos renomados da Língua Portuguesa quanto à primeira pessoa do plural.

As obras inquiridas foram as de Nascentes (1953 [1922]), Said Ali (1966), Faraco e Moura (1997), Infante (1997), Neves (2000), Rocha Lima (2002), Castilho e Basílio (2002), Cunha e Cintra (2007), Bechara (2009), Cegalla (2010), Castilho (2010), Michaelis (2011), Sacconi (2011) e Bagno (2012).

Das quatorze gramáticas, três não apresentaram menções à forma *a gente* como uma alternativa de representação da primeira pessoa do plural. Foram elas as obras de Infante (1997), Rocha Lima (2002) e Cegalla (2010). Todas as outras deram atenção à alternância entre as duas variantes, apresentando, algumas delas, as características relacionadas ao uso de *a gente* (que vão de aspectos morfossintáticos a de estilo), como pode ser observado, a seguir.

Nascentes (1953 [1922]) parece oscilar em sua descrição de *a gente*. Segundo o gramático (NASCENTES, 1953 [1922], p. 89), a expressão seria um pronome indefinido muito utilizado no lugar de *nós*. No entanto, na mesma obra, o autor atribui à forma a classificação de substantivo coletivo, alegando que a classe inculta utiliza coletivos como “gente” e “pessoal” com verbos conjugados no plural, exemplificando com a frase “a gente vamos hoje” (NASCENTES, 1953 [1922], p. 170).

Na década de 60, Said Ali (1966) dá pouco destaque à variante *a gente*, mas ainda assim menciona sua existência, categorizando-a como pronome indefinido, cuja derivação advém de um substantivo. Para o autor, *a gente* é um nome que assume caráter pronominal com referência indeterminada (SAID ALI, 1966, p. 116). Além disso, afirma que o pronome é “usado principalmente na linguagem familiar da atualidade” (SAID ALI, 1966, p. 116).

Faraco e Moura, em *Gramática: Fonética e Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Estilística* (1997, p. 202) apontam para a existência de uma concorrente do pronome *nós* na língua em uso: a expressão *a gente*. Os autores salientam que seu uso se dá, sobretudo, na linguagem informal, e trazem trechos de uma obra de Guimarães Rosa para elucidar a descrição que apresentam.

Moura Neves (2000) alega que, na linguagem coloquial, *a gente* substitui o pronome pessoal *nós* e explora aspectos relacionados à concordância verbal e à determinação do sujeito. Para a autora, *a gente* é um sintagma nominal que, ao ser empregado como pronome, pode apresentar referência determinada ou genérica.

No capítulo “Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise”, que integra o quarto volume da série *Gramática do português falado*, Ilari *et al.* (1996) utilizam dados do NURC, para expor a variedade linguística relativa ao uso dos pronomes da língua portuguesa. Os autores apresentam a forma inovadora *a gente* como um pronome pessoal de primeira pessoa equivalente a *nós* e também a “eu”, pois seu referente pode ser constituído pela soma de quem fala + a segunda ou terceira pessoa, bem como também pode ser constituído somente pelo falante, caracterizando então uma referência genérica. É a partir dessas descrições que os linguistas exploram profundamente a noção de referência (in)derterminada, concluindo, por meio dos dados analisados, que há maior tendência na utilização do pronome *nós* para contextos em quais o referente seja determinado, enquanto, em contextos contendo referente indeterminado, *a gente* mostra-se a variante mais empregada.

Cunha e Cintra (2007) também reconhecem *a gente* como uma expressão equivalente a *nós* na linguagem coloquial. Os autores exemplificam seu uso com trechos de obras de escritores famosos da literatura brasileira e portuguesa, como Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa. Além disso, consideram que *a gente* pode substituir não apenas o *nós*, mas também o “eu”, (quando implicar referência genérica) e salientam que a concordância deve se realizar sempre na terceira pessoa do singular.

A gramática de Bechara (2009), apesar do viés normativo, comenta sobre a concorrência existente entre *nós* e *a gente*. Inicialmente, o autor expõe o quadro pronominal tradicional, com as seis pessoas do discurso (eu, tu, ele, nós, vós e eles), mas, em seguida, explora algumas informações acerca da concorrente inovadora *a gente*. Segundo Bechara (2009), o emprego de *a gente* serve para fazer referência a um grupo de pessoas em que se inclua o locutor ou mesmo a ele sozinho. O autor, no entanto, afirma que essa forma pronominal deve ser utilizada fora do que ele chama de linguagem cerimoniosa, ou seja, da linguagem formal. Ainda em seu breve comentário sobre *a gente*, Bechara (2009) menciona que a flexão verbal deve ser feita sempre de acordo com a terceira pessoa do singular.

Castilho (2010) apresenta a *gente* em um quadro de pronomes pessoais que reflete a dinamicidade linguística do português brasileiro atualmente. Além disso, define a *gente* como um sintagma nominal indefinido que “comuta com a forma *nós* nos mesmos contextos, o que confirma que os falantes do português brasileiro a entendem como sinônimas” (CASTILHO, 2010, p. 477, grifo do autor). O autor também cita o trabalho de Omena (1978) para argumentar que *nós* e a *gente* são expressões que “ocorrem com frequência maior na posição de sujeito, mas a substituição por *nós* é mais acentuada na função de adjunto adverbial” (2010, p. 478, grifo do autor).

Gregorim (2011) também integra a lista de autores que destaca a alternância entre *nós* e a *gente*. No entanto, o autor apenas comenta, em uma observação, logo após apresentar os pronomes pessoais, que o emprego de a *gente* se dá na linguagem informal em substituição ao pronome *nós*, como também apontado por outros gramáticos.

Sacconi (2011) também observa a presença de a *gente* na língua em uso. Em uma parte de sua obra *Novíssima gramática ilustrada*, o autor, de modo descontraído, responde às dúvidas recorrentes dos estudantes quanto aos pronomes. Em uma delas, sobre o uso de a *gente*, Sacconi afirma que seu uso não é errado, desde que a expressão esteja substituindo *nós*, mas chama a atenção para a grafia do termo, orientando para que esta não seja confundida com o substantivo *agente*. Além disso, ainda nessa seção de perguntas e respostas, o autor critica a concordância que é comumente feita no plural em frases em que a *gente* é sujeito, salientando que essa expressão realiza concordâncias apenas no singular.

Bagno (2012), em sua “*Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*”, privilegia, de modo bastante abrangente, a alternância aqui investigada. O linguista inclui a *gente* em um quadro atualizado de pronomes pessoais cuja constituição reflete claramente a influência dos estudos sociolinguísticos. Bagno (2012) comenta que muitas pesquisas sobre a primeira pessoa do plural vêm sendo realizadas no país, tendo como um dos principais resultados a conclusão de que a forma a *gente* é mais favorecida pelos mais jovens, grupo que mais a propaga. Além disso, o autor afirma que, na grande maioria das

vezes, os livros didáticos que apresentam a noção de primeira pessoa do plural fazem uso de critérios estilísticos para distinguir *nós* de *a gente*, o que seria insuficiente, em termos de ensino.

Embora ainda majoritariamente sendo apresentada de forma sutil, a forma inovadora *a gente* vem, pouco a pouco, conquistando espaço nos manuais de gramática, possivelmente como um eco dos estudos sociolinguísticos. Tal visibilidade a esse fenômeno de variação poderia ser ampliada, com maiores características e descrições que circundam essas duas variantes, eliminando a vagueza com a qual muitas vezes elas são definidas em algumas obras.

1.6 Revisão do fenômeno em estudos variacionistas

O uso alternado das duas formas pronominais como referência à primeira pessoa do plural vem sendo pesquisado por sociolinguistas há algumas décadas e ainda instiga muitos estudiosos da linguagem na atualidade. Segundo Vianna e Lopes (in MARTINS; ABRAÇADO, 2015), na variedade brasileira, as pesquisas vêm mostrando que esse fenômeno de variação consiste em um processo de mudança linguística, no qual há a sobressalência da forma mais inovadora, ou seja, *a gente*.

Além disso, diversas pesquisas feitas no Brasil também evidenciam que, na linguagem oral, a substituição do *nós* por *a gente* é cada vez mais crescente e não aparenta ser estigmatizada. Trabalhos como os de Omena (1996) revelam que o uso de *a gente* é mais comum entre falantes de faixa etária mais jovem, caracterizando-se assim como uma mudança em progresso. A pesquisa da autora foi realizada com falantes cultos e não cultos do Rio de Janeiro, e os resultados apresentam fatores que podem servir como condicionantes da variação. Alguns dos que Omena (1996) cita são o paralelismo formal e semântico no uso alternado das formas pronominais. Também menciona o tempo verbal como um possível condicionante, afirmando que expressões contendo verbos no tempo presente ou com tempos não marcados favorecem o uso de *a gente*. No entanto, expressões com tempos verbais no passado ou no futuro favorecem o uso do pronome padrão. O trabalho da autora é um dos mais referenciados do fenômeno dentro de

pesquisas sociolinguísticas que vieram adiante, por ter sido um dos pioneiros e proporcionar um parâmetro bastante instigante quanto à primeira pessoa do plural no português brasileiro.

As pesquisas destacadas a partir deste momento foram mapeadas por Vianna e Lopes (2015). Lopes (1993), linguista que abre o capítulo sobre o fenômeno na obra, também é outra pesquisadora que investigou o fenômeno na região carioca. No entanto, a pesquisa abrange a análise da variação em outras capitais brasileiras, como Salvador (BA) e Porto Alegre (RS). Os condicionantes mais relevantes para a autora são: sexo, faixa etária e a localidade do falante. Quanto à variável sexo, a pesquisa aponta para um grande índice de uso da forma padrão por falantes homens, enquanto as mulheres utilizam mais a forma inovadora. A variável faixa etária revela que os falantes mais idosos tendem a usar mais a forma padrão, enquanto o uso da forma inovadora é altamente favorecido pelos mais jovens. Os adultos demonstram equilibrar o uso das duas variantes. Por último, com relação às localidades investigadas, percebe-se que, enquanto no Rio de Janeiro a forma inovadora destaca-se mais entre os falantes, Salvador e Porto Alegre conservam mais a forma padrão.

De certo modo, os resultados de Omena (1996) e de Lopes (1993) são compatíveis quanto aos condicionantes sociais e linguísticos para o mesmo fenômeno analisado. Já Maia (2003) se propôs a investigar a variação na comunidade de fala mineira. Os falantes investigados possuíam baixa escolaridade ou eram analfabetos. A pesquisa do autor contemplou o espaço urbano e rural, e os resultados indicam um maior favorecimento do uso da forma inovadora na zona urbana, enquanto, na região rural, a alternância entre os pronomes é mais lenta, sendo mais comum se observar o uso do pronome padrão.

Outra pesquisa que merece destaque é a de Mendonça (2010), que tem como título “*Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba*”. A pesquisa revela que os falantes da capital do Espírito Santo preferem, majoritariamente, ‘a gente a nós. Quanto aos fatores linguísticos observados pelo autor, pode-se mencionar a variável expressão do sujeito

como favorecedora do uso preferencial da forma inovadora, assim como o paralelismo formal e o semântico, a referencialidade e o controle dos tempos verbais. Quanto aos fatores sociais, os resultados encontrados indicam o uso de *a gente* mais favorecido entre falantes mais jovens. A variável sexo, por sua vez, aponta para um maior uso da forma inovadora entre mulheres.

Já a pesquisa de Mendes (2007) tem por objetivo investigar a variação entre as duas representações da terceira pessoa do plural em cidades do interior baiano, indo além do que Lopes (1993) realizou em trabalhos anteriores, cuja comunidade de fala investigada havia sido a de Salvador, capital da Bahia. Os resultados apresentados pela autora indicam uma alta preferência pela forma *a gente* entre os falantes entrevistados. No entanto, surpreendentemente, *a gente* não é uma forma predominante na fala dos mais jovens, ao contrário do que ocorre com falantes adultos, em que ela é mais comum. Assim como Maia (2003) concluiu em sua pesquisa, Mendes (2007) encontra um mesmo resultado em relação às localidades enquanto condicionantes: a zona rural tende a ser mais conservadora enquanto na zona urbana a forma inovadora predomina. A autora também aponta para o fato de que indivíduos que jamais deixaram o município preferem a forma *nós*, enquanto os que já residiram em outras regiões do estado favorecem o uso da forma *a gente*.

Ainda na região do Nordeste, é válido citar o trabalho de Fernandes (1997, 2004), realizado no Estado da Paraíba, mais especificamente, na capital, João Pessoa. O autor investigou a variação *nós* e *a gente* na função de sujeito e concluiu que a forma inovadora é a predominante. Além disso, também considera que o fator escolaridade interfere sutilmente nas escolhas entre as duas formas e que *a gente* é preferencialmente encontrado na fala de indivíduos de todas as faixas etárias.

A pesquisa de Ramos *et al.* (2009) ocupou-se do estudo do fenômeno no estado do Maranhão. O trabalho dos autores contou com uma amostra de língua oral envolvendo falantes de ambos os sexos e de diversas faixas etárias, e um dos destaques apontados pelos linguistas é a referência e o grau de indeterminação envolvendo as formas pronominais. Para *nós*, observou-se um grau elevado de inclusão do eu, tendo menos traços de indeterminação. Já

para a forma *a gente*, concluiu-se o contrário: menor grau de inclusão do eu, e uma maior indeterminação. Outro aspecto destacado nesse trabalho diz respeito ao Princípio do Paralelismo. Segundo essa perspectiva, uma mesma forma pronominal provoca-se ao ser usado, estabelecendo, assim, uma sequência.

Quanto aos condicionantes sociais, os autores consideraram relevantes os dados referentes à faixa etária. Concluiu-se, com a pesquisa, que *a gente*, a forma predominante, é mais favorecida entre falantes mais jovens, entre 13 e 15 anos. Os dados que dizem respeito a sexo e à escolaridade não foram considerados significativos para a análise do fenômeno.

Os pesquisadores finalizam afirmando que a forma inovadora é uma grande concorrente do pronome padrão, constituindo um processo de mudança na língua imune ao estigma na sociedade, sobretudo no ambiente escolar, onde geralmente isso ocorre.

Já na região Centro-Oeste, destaca-se o trabalho de Muniz (2007), que, assim como Mendes (2007) e Maia (2003), compara a variação considerando um espaço urbano (Goiânia) e um rural (Jaguará). A pesquisa evidencia a predominância de *a gente* em Goiânia, enquanto, em Jaraguá, é possível observar mais conservadorismo com relação à forma padrão. Ainda sobre a região rural, notam-se mais casos de concordância não padrão (*nós fala, nós falava*) do que na região urbana.

Mattos (2013) também pesquisou o fenômeno em regiões de Goiás, indo além da capital e coletando dados em mais municípios, como Anápolis e Piracanjuba. Os resultados encontrados pela linguista são semelhantes aos de pesquisas feitas em outros estados do país. A autora conclui que *a gente* é mais utilizada do que a forma pronominal padrão *nós*. Quanto aos condicionantes da variação, afirma que “a fala goiana acompanha as tendências vigorantes no Brasil relativamente ao favorecimento do uso de ‘a gente’” (MATTOS, 2013, p. 116). A pesquisadora também aponta para o intenso processo de urbanização ocorrido em Goiás a partir da década de 70 como um fator externo responsável pelo fenômeno nas regiões goianas.

Quanto aos fatores linguísticos, destaca a expressão do sujeito, o tempo verbal e o ritmo.

A região Sul, por sua vez, também serviu como campo de coleta de dados. Alguns dos resultados podem ser encontrados em trabalhos como o de Seara (2000), no qual se percebe a predominância de *a gente* e o baixo uso de *nós*. Quanto aos fatores linguísticos, a pesquisadora relaciona os resultados ao tempo verbal e ao gênero. Também afirma que, do ponto de vista semântico, há a preferência do uso da forma inovadora quando as estruturas linguísticas possuem sujeitos com graus de indeterminação.

Zilles (2002) obteve resultados semelhantes aos de Seara (2000). A autora deteve-se no estudo da alternância entre as duas formas pronominais somente na função de sujeito e encontrou mais casos em que *a gente* é utilizado. Quanto à variável faixa etária, afirma que a forma inovadora é preferencialmente usada por falantes abaixo de 49 anos, ocorrendo o contrário com falantes acima de 50 anos. Com relação à variável gênero/sexo, Zilles (2002) menciona que as mulheres tendem a favorecer o emprego da forma inovadora, propagando a mudança linguística na região.

Por último, o trabalho de Borges (2004) tem como local de pesquisa as cidades de Jaguarão e Pelotas (ambas do interior do RS) e revela que o pronome inovador predomina nessas regiões. No entanto, em sua análise, Borges (2004) considera os casos de *nós* e *a gente* não expressos. A conclusão a que o autor chega é a de que, em Jaguarão, há um maior conservadorismo por parte dos falantes com relação à forma *a gente* não expressa, enquanto, em Pelotas, há mais ocorrências tanto de *nós* como de *a gente* não expressos.

Os estudos mapeados por Vianna e Lopes (2015) são, em sua maioria, resultados de coletas de dados realizadas por meio de entrevistas ou de gravações de áudio. No entanto, até mesmo o universo dos quadrinhos já possibilitou a observação do fenômeno de variação linguística. Nesse sentido, é válida aqui a referência ao trabalho de Majoni (2014) no artigo “Primeira pessoa do plural nas revistas da *Turma da Mônica*”. A pesquisadora analisou a frequência geral de *nós* e *a gente* nas histórias em quadrinhos da *Turma da*

Mônica publicadas em 1970 e 2010, ou seja, entre um recorte histórico de quarenta anos (tempo bastante suficiente para evidenciar o status de uma mudança linguística).

Majoni (2014) toma como grupos de variáveis linguísticas a função sintática exercida pela variante e o preenchimento ou não destas. Quanto às extralinguísticas ou sociais, a autora elege: principais protagonistas, gênero, idade, localidade (urbana ou rural) e a data de publicação da revista.

Como resultados, o trabalho aponta para uma curiosa predominância da forma canônica *nós* (89% em edições dos anos 70 e 75% em 2010). Apesar do grande número de ocorrências do pronome e de sua hegemonia nas revistas, o estudo evidencia que essa variante vem, gradativamente, perdendo seu espaço, pois disputa com a forma inovadora *a gente*, que representa 11% das ocorrências de revistas de 1970 e 25% de revistas com datas de 2010.

Além disso, diversos fatores linguísticos e extralinguísticos foram considerados relevantes na análise dos dados. A pesquisadora aponta que há maior uso de *a gente* explícito do que implícito nas histórias da *Turma da Mônica*. Também afirma que as personagens de sexo feminino são as que mais propagam a forma inovadora, sendo a personagem Rosinha a campeã de ocorrências registradas.

Majoni (2014) acrescenta ainda a variável faixa etária como significativa, tendo em vista que seus resultados evidenciam maior favorecimento de *a gente* por personagens mais jovens. Curiosamente, a autora também apresenta uma análise quanto às comunidades observadas nas histórias (zona urbana e rural). Segundo a pesquisadora, a zona rural contém mais ocorrências de *a gente*, embora, para a autora, isso não reflita com fidelidade a realidade da língua em uso, uma vez que a variante *a gente* é percebida em ascensão em diversas comunidades de fala. Desse modo, pensando na noção de que as revistas em quadrinhos podem reproduzir a fala na escrita, a autora conclui que as revistas

mostram-se conservadoras em relação à linguagem informal – característica da escrita, pois o pronome ‘nós’ prevalece nesse gênero, enquanto que a variação linguística – característica da fala,

não está presente de maneira marcada nos quadrinhos, mas na língua falada é de grande expressão (MAJONI, 2014, p. 7-8.)

A seguir, dar-se-á ênfase em trabalhos que privilegiam o espaço escolar como contexto de coleta e análise do fenômeno linguístico. Tais trabalhos que aqui serão mencionados suscitaram discussões e reflexões, ao longo da elaboração deste estudo, embasando-o, inclusive, na criação das hipóteses e expectativas da pesquisa.

A pesquisa de Mollica e Nascimento (2006) é uma das que contempla um olhar investigativo quanto ao fenômeno em uma comunidade de fala ainda pouco selecionada em trabalhos relacionados ao tema: a escola. A partir de dados provenientes da amostra de Dantas (2004), os autores exploram a alternância no uso da primeira pessoa do plural na fala de estudantes do oitavo ano do nível fundamental e de alunos (aleatórios) do nível médio de uma instituição de ensino privada.

Os estudantes em questão tiveram suas falas coletadas em duas situações diferentes: em um primeiro momento, os do oitavo ano foram gravados apresentando um trabalho que consistia em uma recontagem do livro *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva. Os pesquisadores salientam que os estudantes não sabiam que seriam avaliados oralmente, ou seja, a fala tendia a ser basicamente espontânea, o que atrai com bastante facilidade o vernáculo. Na segunda ocasião, as falas registradas foram não apenas dos alunos do oitavo ano, mas também dos do nível médio, porém o contexto de produção foi distinto, mais descontraído e menos monitorado, pois foram registros de conversas bastante informais entre os discentes em ambientes fora da sala de aula, como o pátio e os corredores.

Como resultado geral, Mollica e Nascimento (2006) apontam que, tanto em situações discursivas formais como em informais, a forma *a gente* predomina fortemente em relação à sua concorrente *nós* e também afirmam que há “inexistência da diferenciação estilística no que se refere à variação *nós* – *a gente* (grifo das autoras) no âmbito da escola” (p. 230). Além disso, os autores também salientam que, possivelmente, na modalidade escrita, a variante *nós* seja mais privilegiada e recorrida pelos estudantes, mas caracterizam a hipótese como carente de comprovação.

A pesquisa de Fagundes (2015) é um dos poucos e recentes trabalhos que enfocam a variação entre *n*

ós e *a gente* na dicotomia língua/fala tendo a escola como comunidade de fala selecionada. A autora coletou dados da fala e da escrita de estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental, 3º do Ensino Médio e de informantes com faixa etária entre vinte e cinco e trinta anos com nível superior concluído ou em andamento, no município de Bagé (RS). A metodologia utilizada consistia na produção de narrativas orais e escritas (sendo estas últimas produzidas em uma rede social). De modo geral, os resultados encontrados por Fagundes não se distanciam do que vem sendo descoberto em pesquisas envolvendo o uso da primeira pessoa do plural no português brasileiro. A forma inovadora *a gente* é hegemônica em relação à forma *nós* e mostrou-se bastante presente sobretudo na modalidade oral dos dados coletados pela pesquisadora. De 473 ocorrências da primeira pessoa do plural nos áudios, 415 (87%) correspondem à *a gente*, enquanto 58 (13%) referem-se ao pronome *nós*.

Já na modalidade escrita, Fagundes aponta para um grande favorecimento do pronome *nós*. De 136 ocorrências, apenas 13 (9%) foram realizadas com *a gente*.

A autora também chama a atenção para alguns fatores linguísticos e extralinguísticos em seus resultados, como, por exemplo, o tipo de sujeito e a escolaridade. Fagundes alega que há uma maior tendência no uso da expressão *a gente* em sentenças com sujeito explícito. Além disso, sugere, em relação ao paralelismo, que uma variante (especialmente *a gente*), ao ser utilizada, tende a ser repetida, construindo uma sequência de ocorrências, o que novamente sustenta a hipótese dessa variável.

A pesquisadora também acrescenta, com base nos dados coletados e analisados, que os alunos do ensino médio “apresentam uma maior probabilidade de utilizarem a variante ‘a gente’” (p. 27) em comparação aos do ensino fundamental.

Fagundes indica, além desses condicionadores, que a variante *a gente* “foi favorecida por “realizações com menor saliência fônica” (p.28). Ou seja, o

pronome *nós* tornou-se mais condicionado diante de verbos com maior saliência fônica.

Por fim, a pesquisadora conclui que, apesar de a grande maioria das escolas não trabalhar com esse fenômeno de variação linguística, a variante *a gente* se encontra extremamente integrada na escrita e na fala dos bageenses.

Outro trabalho envolvendo a escola como comunidade de fala na obtenção de dados relacionados ao fenômeno é o de Vitório (2015), que se propôs a investigar a escrita escolar de alunos dos ensinos fundamental e médio em uma instituição de ensino público da cidade de Maceió (AL), com o intuito de observar como se comporta a alternância das variantes *nós* e *a gente*.

Contando com 120 produções textuais advindas de 30 alunos do nível fundamental e 30 de alunos do nível médio, a autora apresenta dados instigantes relativos ao fenômeno. Primeiramente, a linguista aponta que o pronome *nós* é a variante proeminente, representando 86% das 242 ocorrências, contra somente 14% de *a gente*, o que evidencia um forte favorecimento da forma padrão pela modalidade escrita, eventualmente por esta ser bastante associada a variantes consideradas como de prestígio social.

Além disso, Vitório elenca paralelismo formal, marca morfêmica, preenchimento do sujeito, escolaridade, sexo e tema da produção textual como fatores que condicionam a variação.

A variável paralelismo formal mostrou-se relevante para a autora tanto para *nós* como para *a gente*, em virtude de ambas as variantes, ao serem utilizadas, desencadearem repetições. Quanto à variável marca morfêmica, Vitório (2015) alega que houve um grande número de ocorrências de *a gente* com concordância não canônica, ou seja, com marca morfêmica–*mos*.

A análise do preenchimento do sujeito revelou, por sua vez, que a expressão plena do sujeito evoca o uso de *a gente*, enquanto a expressão nula favorece o emprego de *nós*.

Para o fator escolaridade, a autora comenta que são os alunos do nível médio quem usam mais o pronome *nós*, o que pode estar relacionado à submissão a regras gramaticais impostas pela escola.

Já em relação à variável sexo, Vitório (2015) dialoga com outras pesquisas da área (LOPES, 1998; ZILLES, 2007; VIANNA; LOPES, 2012) em virtude de encontrar o mesmo resultado: informantes do sexo feminino utilizam mais a variante inovadora.

Por fim, quanto ao tema da produção textual (uma variável pouco constatada em pesquisas envolvendo o fenômeno em sala de aula), a conclusão da autora, a partir de seus dados, consiste na de que a forma *a gente* “tende a ser mais frequente nas produções textuais que relatam experiências pessoais dos alunos” (VITÓRIO, 2015, p. 141). Ou seja, quanto mais familiar for o assunto discorrido pelo aluno, mais chances existirão de o vernáculo se fazer presente em sua produção.

Brustolin (2010) se propôs a investigar o uso alternado da primeira pessoa do plural na fala e na escrita de alunos do ensino fundamental da rede pública no município de Florianópolis (SC). A metodologia realizada pela pesquisadora consistiu na coleta de narrativas escritas e orais dos estudantes, nas quais eles relataram fatos e depoimentos a respeito de suas vidas pessoais, sem que soubessem que o uso da primeira pessoa do plural seria o objeto de estudo analisado nessas atividades.

A pesquisa da autora revela que a amostra contou com 1.667 registros de *nós* e a *a gente* (tanto na escrita como na fala). Desse número, a forma inovadora *a gente* foi encontrada em 424 casos (25%), enquanto *nós* foi em 1.243 casos (75%).

Quanto à forma *a gente*, Brustolin (2010) aponta que a variante tem uso mais favorecido na fala (65% dos dados, representando 250 ocorrências) do que na escrita (14%, referente a 174 ocorrências). A partir desse resultado, ela afirma que, possivelmente, essa notória distinção observada entre uma modalidade e outra se dá devido ao fato de que os alunos “evitam **a gente** no

texto produzido na escola, o que poderia ser relacionado com estigmatização desse uso nesse contexto” (BRUSTOLIN, 2010 p.355, grifo da autora).

Além dessas informações, a pesquisadora encontrou e explorou diversos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos tomados como significativos na análise dos dados. Entre algumas das descobertas, a variável marca morfêmica indicou que a forma *a gente* possui mais concordâncias com verbos na terceira pessoa do singular, tanto na escrita como na fala dos informantes; embora a marca morfêmica *-mos* também tenha sido identificada em algumas ocorrências.

Um outro condicionador comprovado por Brustolin (2010) como relevante em sua pesquisa diz respeito ao sexo dos informantes. Corroborando trabalhos como os de Zilles (2007) e Seara (2000), a pesquisadora apresenta dados que correspondem à hipótese de Labov (1972) de que as mulheres são quem mais contribuem para a proliferação de variantes não padrão. A utilização do pronome *a gente* foi mais utilizada entre informantes do sexo feminino do que do masculino, o que reforça a tese laboviana.

Em “A gente como pronome pessoal: teoria, prática e proposta pedagógica”, Ribeiro (2013) aborda o uso variado da primeira pessoa do plural com bastante ênfase na variante inovadora *a gente*. Diferentemente dos demais estudos aqui referidos, este é constituído de revisões acerca do fenômeno linguístico com base em gramáticas e livros didáticos. Ribeiro (2013) também discorre em seu trabalho sobre a crescente e perceptível inserção de *a gente* nos mais variados gêneros textuais, como textos publicitários e literários. A autora também faz menção à obra *Nada na língua é por acaso* (2007) de Marcos Bagno, em que o sociolinguista utiliza a forma *a gente* em um texto estritamente acadêmico, o que exemplifica com clareza o quanto a variante vem sendo propagada na língua portuguesa, tendo um uso progressivo e caracterizado pela ausência de estigmatização.

Em sua revisão de gramáticas, Ribeiro (2013) alega, após uma consulta de doze obras, que ainda há resistência entre gramáticos tradicionais na abordagem do fenômeno. No entanto, as gramáticas menos tradicionais já

vêm tratando sobre *a gente*, ainda que de um modo limitado e nem sempre muito esclarecedor.

Já quanto aos livros didáticos, a linguista afirma, a partir de sua leitura de dez coleções na seção de pronomes, que em seis delas há referências à forma *a gente*, enquanto em quatro não se encontrou qualquer alusão. A conclusão da autora, em sua revisão, não é muito otimista, pois, segundo ela, os livros didáticos que abordam o fenômeno trazem poucas informações elucidativas, muitos deles limitando-se a apenas discutir situações discursivas (formais e informais) em que o uso de uma variante ou de outra é ou não apropriado.

Por fim, Ribeiro (2013) apresenta seis propostas pedagógicas para a introdução do fenômeno no espaço escolar, de modo a valorizar a capacidade do aluno de refletir sobre linguagem e sentido. Além disso, a pesquisadora conclui que a variante *a gente* se encontra altamente implementada na língua portuguesa, sendo encontrada inclusive em textos acadêmicos, mas que ainda há baixa visibilidade quanto à forma inovadora (pelo menos de um modo abrangente) nos materiais didáticos em algumas gramáticas, o que, para Ribeiro (2013, p. 20), não proporciona conexões com a realidade da língua portuguesa e dos alunos.

Finalmente, o trabalho “Concordância de 1ª pessoa do plural na escrita escolar” de Agostinho e Coelho (2015) aborda o fenômeno a partir de uma coleta de dados realizada no município de Itajaí (SC), envolvendo duas escolas e dezesseis turmas do nível fundamental (5º, 6º, 7º e 8º anos). As autoras concluem, de modo geral, que o pronome *nós* é altamente favorecido pela modalidade escrita, possivelmente por esta ser bastante vinculada, sob pressão da escola, à norma culta. Assim, as pesquisadoras revelam que a coleta de dados consiste em 1.204 ocorrências de *nós* contra 160 casos de *a gente* (todos na função sintática de sujeito).

Agostinho e Coelho (2015), além disso, exploram a concordância verbal das variantes empregadas pelos alunos e informam que, das 1.204 ocorrências de *nós*, 50% é feita com a desinência *-mos*, 4% com *-mo* e 6% com zero. Já quanto às 160 ocorrências de *a gente*, indicam as autoras que

78% foram realizadas com a forma padrão zero, 20% com *–mos* e apenas 1% com *–mo*. Tais resultados permitem observar que os estudantes, na maioria das vezes, fizeram concordâncias consideradas como padrão, porém a variante *a gente* apresentou um considerável número de ocorrências em que se identifica a concordância não padrão, com a desinência *–mos*.

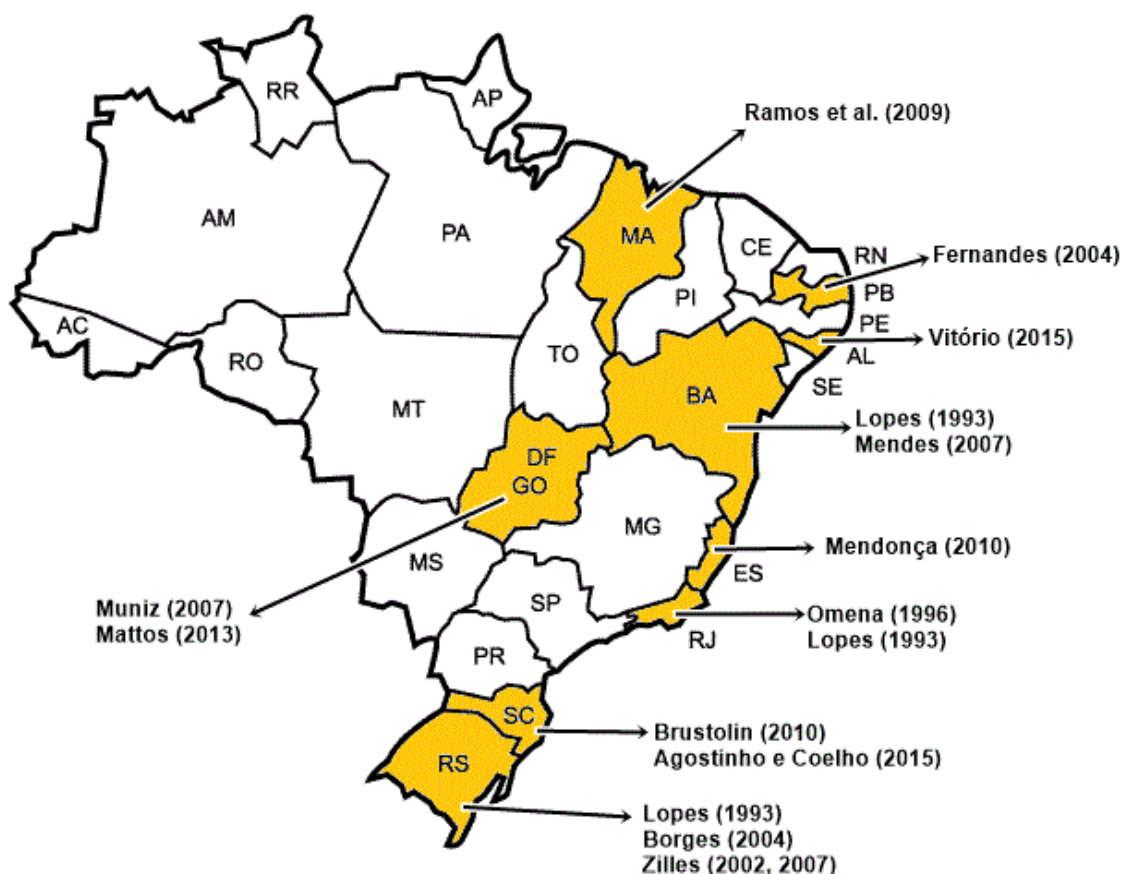
Entre os condicionadores de ordem social, as autoras também indicam que o gênero feminino favoreceu a forma padrão, bem como a escolaridade (quanto maior o nível de escolaridade do informante, mais frequência no uso de *nós* e de concordância verbal padrão).

Em acréscimo a tudo isso, Agostinho e Coelho (2015) exploram também os resultados obtidos por meio de um questionário respondido por um total de seis professores das duas instituições de ensino investigadas. As questões eram relacionadas à noção de variação linguística, com destaque à variação da primeira pessoa do plural. A análise das respostas, entre outras conclusões, revelou que a maioria dos educadores considera o tema variação linguística como relevante, mas também reconhece haver carência de profundidade desse assunto na formação continuada. Assim, as linguistas afirmam que, “infelizmente, a maioria dos professores das duas escolas está alheia a questões referentes à variação linguística e ao preconceito linguístico.” (AGOSTINHO; COELHO, 2015, p. 109).

Pode-se concluir, com base nessas pesquisas realizadas, que há dois grupos de fatores que circunstanciam a variação entre *nós* e *a gente*. No primeiro, o grupo de fatores linguísticos, pode-se citar como variáveis pertinentes o paralelismo formal e discursivo, o traço semântico de indeterminação do referente, a saliência fônica e o tempo verbal. Quanto ao segundo, o grupo de fatores sociais, elencam-se: faixa etária, gênero/sexo, escolaridade e localidade. Tendo em vista os resultados desses estudos, é possível conceber o fenômeno como um processo de mudança avançado na língua portuguesa e imune a estigmas. Chama atenção o modo como o pronome inovador vem substituindo a forma padrão nas diversas regiões do país e também o quanto ele vem se popularizando entre os falantes de diferentes faixas etárias.

Abaixo segue um mapa⁵ (Figura 2) que indica todos os estudos e regiões referenciados na revisão de fenômeno aqui apresentada, para uma melhor compreensão:

Figura 2 – Estudos e regiões referenciados



Embora ainda existam mais estudos envolvendo a primeira pessoa do plural em uso alternado, esse mapa aponta alguns dos mais conhecidos e o estado onde foram realizados (o que não deve ser interpretado como padrão linguístico de todo o estado, mas um panorama dos municípios investigados). Conforme Vianna e Lopes (2015), muitas capitais brasileiras já foram

⁵ Os trabalhos de Ribeiro (2013) e Andrade (2014) possuem razões para estarem ausentes no mapa. O primeiro é uma pesquisa de revisão de gramáticas e livros didáticos, ou seja, não se configura como uma investigação de comunidade de fala específica. Já o segundo tem revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica* como *corpus*, ou seja, também não representa regiões específicas do Brasil, até mesmo por se tratar de obras fictícias. Saliencia-se, porém, que ambos os trabalhos fornecem incontestáveis contribuições para os estudos sociolinguísticos relativos à primeira pessoa do plural.

comunidades de fala analisadas, mas cidades de interior também, gradativamente, estão sendo investigadas por pesquisadores. De qualquer modo, tanto no mapeamento feito neste estudo como no apresentado pelas autoras, nota-se que as regiões norte e centro-oeste do Brasil⁶ ainda carecem de pesquisas que atualizem o *status quo* da variação entre *nós* e *a gente*

1.7 *Nós e a gente* nas escolas

É inegável que o quadro pronominal do português brasileiro vem passando por transformações na última década. Entretanto, parece haver resistência em muitos materiais didáticos e até mesmo em gramáticas quanto à inclusão de formas inovadoras, dentre as quais se destaca *a gente*. Nesse sentido, a contínua produção de pesquisas sociolinguísticas (sobretudo as que mantenham diálogo com a educação) é de inestimável contribuição para a renovação do ensino. É a partir de estudos que exploram a língua em seu uso real e diversificado que se podem obter subsídios capazes de atualizar e aperfeiçoar práticas pedagógicas executadas na escola.

O enfoque deste trabalho, como já mencionado, consiste no uso alternado das variantes *nós* e *a gente* na fala e na escrita de estudantes dos níveis fundamental e médio do município de Rio Grande, no interior do estado do Rio Grande do Sul. Embora esse fenômeno de variação linguística já venha adquirindo visibilidade na área, poucas pesquisas foram realizadas no âmbito educacional. A comunidade de fala que sustenta a pesquisa, portanto, situa-se nesse espaço ainda pouco investigado, a fim de não somente preencher essa lacuna, mas, sobretudo, identificar o *status quo* dessa variação linguística no município de Rio Grande, também ainda pouco explorado.

Conforme observado no segundo capítulo desta dissertação, nos últimos anos, ainda que gradativamente, a escola vem sendo considerada como uma comunidade de fala capaz de responder, à luz da metodologia laboviana, questionamentos relativos à variação na primeira pessoa do plural. Assim, foram citados os trabalhos de Mollica e Nascimento (2006), Brustolin

⁶ O Amazonas, por exemplo, é o maior estado brasileiro e ainda é pouquíssimo explorado quanto a esse fenômeno. Não se tem grandes informações sobre o atual estado da variação nessa região que possam construir um levantamento a seu respeito.

(2010), Vítório (2013) e Fagundes (2015). Essas pesquisas, embora apresentando, cada uma, suas finalidades específicas, foram, de modo geral, basilares para a constituição da metodologia da coleta de dados que se verá adiante e, com isso, geraram expectativas baseadas nos resultados nelas contidos.

Conseqüentemente, pretende-se compartilhar os resultados desta pesquisa, futuramente, com as instituições de ensino que cederam espaço para a realização da coleta de dados, ou seja, conceder a elas um importante retorno a respeito da realidade linguística dos informantes que integraram o *corpus* (alunos).

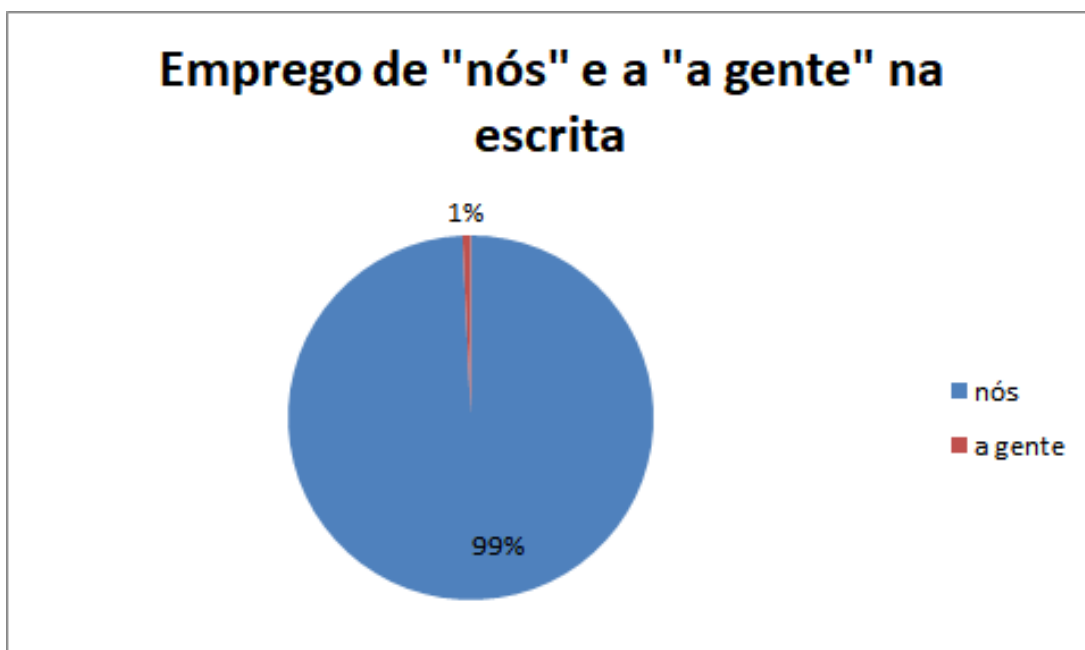
2 PROJETO PILOTO

A fim de experiência, foi aplicado, em dezembro de 2018, um teste piloto com estudantes de ensino médio em uma instituição pública de ensino no município de Rio Grande. O objetivo geral era perceber a alternância entre o uso de *nós* e *a gente* em duas modalidades da língua (fala e escrita).

Na ocasião, os alunos receberam a seguinte proposta: deveriam produzir (em duplas) um relato narrativo (fictício) em que se apresentasse uma situação envolvendo o autor e o colega como vítimas de um assalto. A ideia era estimular a criatividade dos estudantes frente ao tema, possibilitando narrativas de mais diversas características (dramáticas, humorísticas, fantásticas, etc.). O texto deveria ser escrito por um aluno da dupla, enquanto o outro ficaria encarregado de narrar oral e espontaneamente a história criada por ambos. Esse momento seria, então, registrado por áudio, com o intuito de analisar, posteriormente, as ocorrências de *nós* e *a gente* na fala e compará-las às ocorrências encontradas na versão escrita da narrativa.

Na intenção de preservar a produção do vernáculo, foi inicialmente omitido dos alunos o real foco da atividade. Desse modo, sem ter consciência de que o uso da primeira pessoa do plural seria um objeto de pesquisa analisado em suas produções, os alunos foram instintivos ao criá-las.

Como já pressuposto, a forma *a gente* demonstrou-se como uma variante bastante empregada pelos alunos, mas quase exclusivamente na modalidade oral da língua. Nas narrativas escritas, foram encontradas 138 ocorrências da primeira pessoa do plural, sendo 137 (99%) como *nós* e somente 1 (1%) para *a gente*, conforme é possível visualizar no gráfico abaixo:

Gráfico 1- Emprego de *nós* e *a gente* na escrita

Já nas apresentações orais, foram contabilizadas 90 ocorrências da primeira pessoa do plural, das quais 84 (93%) referem-se à expressão *a gente* e apenas 6 (7%) referem-se a *nós*, sendo esta quase que exclusivamente utilizada de modo implícito. O gráfico a seguir ilustra os dados encontrados:

Gráfico 2 - Emprego de *nós* e *a gente* na linguagem oral

Devido ao fato de ser essa coleta meramente um teste piloto, não foram selecionados quaisquer fatores linguísticos ou sociais para tentar esmiuçar teoricamente o resultado advindo dos dados obtidos. No entanto,

considerando apenas a noção de modalidade da língua, foi possível concluir que há uma grande tendência de uso do pronome *nós* (implícito e explícito) em produções escritas, por estas, em sua grande maioria (sobretudo no espaço escolar) estarem bastante atreladas à linguagem formal, o que explicaria a preferência pelo pronome padrão nas narrativas. Por outro lado, a predominância da forma inovadora *a gente* nas apresentações orais evidencia a grande característica dessa variante: estar integrada na linguagem informal, totalmente desvinculada de estigma, sendo utilizada geralmente em tons bastante espontâneos e sem monitoramento. Dessa forma, ainda que talvez inconscientemente, os alunos revelaram um notório conhecimento do uso adequado de ambas as variantes. Para o texto escolar, recorreram à norma padrão, e, portanto, utilizaram *nós*. Para o texto oral, em um contexto de maior descontração, empregaram *a gente*.

Apesar de os resultados do teste piloto suscitarem boas discussões para a constituição desta dissertação, ressaltam-se alguns pontos limitantes que o impedem de ser considerado como um parâmetro bastante satisfatório. Em primeiro lugar, a turma em questão era formada por dezesseis estudantes (um número baixo de informantes) e nem todos compareceram aos dois encontros em que o teste foi desenvolvido. Em segundo, o fato de a atividade ter sido realizada em dupla comprometeu a genuinidade dos dados, uma vez que um mesmo aluno pode ter feito tanto a versão escrita quanto a apresentação oral da narrativa (ainda que tenham sido alertados de que isso não deveria acontecer). Além disso, no dia em que os textos foram coletados, e os estudantes narraram oralmente suas histórias, foi descoberto que excepcionalmente uma dupla havia integrado mais um membro, formando um trio, o que mais uma vez era um fator bastante prejudicial na coleta, uma vez que não foi possível ter clareza de como consistia a participação do terceiro participante. Essas lacunas foram rigorosamente levadas em consideração na elaboração da nova coleta de dados e, por isso, foi de enorme contribuição a realização do projeto piloto, a fim de fundamentar e aprimorar a coleta definitiva desta pesquisa.

3 METODOLOGIA

O corpus desta pesquisa é constituído pelas produções da escrita e da fala de estudantes dos níveis Fundamental e Médio de duas instituições públicas do município de Rio Grande, duas turmas, especificamente. Para que os dados fossem coletados, foi realizada, em ambas as turmas, a mesma atividade: a produção escrita e apresentação oral de um microconto de terror.

Primeiramente, os alunos foram orientados a escrever a narrativa em primeira pessoa, contando uma situação em que eles e seus respectivos melhores amigos fossem os protagonistas. Com essa proposta, mesmo que os informantes não soubessem, necessariamente precisariam utilizar a primeira pessoa do plural (*nós/a gente*), optando por uma forma, outra ou as duas, alternadamente, ao longo do texto. Em seguida, após os textos serem recolhidos, cada aluno deveria narrar oralmente seu texto aos colegas, sendo esse momento registrado em áudio, com o devido consentimento dos estudantes, a fim de posteriormente se investigarem fatores linguísticos e sociais atrelados ao fenômeno de variação linguística aqui observado.

Todos informantes, sem exceção, assinaram o termo de consentimento de sua participação, se assim tivessem desejado participar da pesquisa, ou coletaram a assinatura de seu responsável (no caso de alunos menores de idade).

3.1 Constituição da amostra

A coleta de dados foi realizada durante três encontros com as turmas investigadas, sendo dois com os estudantes do nível médio e um com os de nível fundamental.

Os encontros com os alunos do Ensino Médio ocorreram nos dias 23 e 30 de outubro de 2019. A turma em questão era de terceiro ano do curso de Geoprocessamento, composta por 12 estudantes, sendo o número 8 (6 meninas e 2 meninos) o total dos que estavam presentes e participaram das atividades propostas. A faixa etária média dos informantes é de 17 anos. No dia 23, foi solicitada à turma a escrita (em primeira pessoa) de um relato narrativo (fictício ou baseado em fatos reais) que envolvesse uma experiência

sobrenatural vivenciada com algum melhor amigo. Nesse encontro, os próprios informantes demonstraram-se bastante motivados a, posteriormente, apresentar suas histórias aos colegas, e sugeriram que houvesse um momento destinado a esse compartilhamento. Além disso, alguns dos alunos constantemente faziam ao professor da turma questionamentos relativos à norma culta, evidenciando, assim, a preocupação com convenções de escrita que normalmente são exigidas na escola.

O dia 30, portanto, foi destinado para as apresentações orais das histórias produzidas no dia 23. Nesse segundo e último encontro, no entanto, uma das nove informantes não esteve presente, o que impossibilitou que sua história fosse narrada oralmente por esta para a turma, ficando registrada somente a versão escrita de sua narrativa.

As apresentações foram feitas de modo espontâneo, ou seja, os estudantes não leram seus textos durante a atividade, narrando oralmente o que haviam produzido. Todas apresentações foram registradas em áudio, com o consentimento dos informantes.

A coleta de dados no Ensino Fundamental foi realizada no dia 30 de outubro de 2019, com uma turma de nono ano composta por 25 alunos. Nesse único encontro, 19 alunos estavam presentes, porém **16** (10 meninas e 6 meninos) foram os que quiseram participar da atividade. A faixa etária média dos discentes é bastante heterogênea, havendo cinco informantes de 14 anos, cinco de 15, três de 16, dois de 17 e um de 18.

Ao contrário dos estudantes do Ensino Médio, os do Ensino Fundamental demonstraram-se acanhados quanto à ideia de apresentar oralmente suas histórias para os colegas. Sendo assim, nesse mesmo encontro em que escreveram suas narrativas, os informantes optaram por apresentarem-nas individualmente para o pesquisador. Essas apresentações igualmente foram registradas em um gravador de voz, com o devido consentimento dos estudantes.

3.2 Tratamento estatístico (*Goldvarb X*)

As ocorrências de ambas as formas pronominais foram analisadas, posteriormente, pelo programa estatístico *Goldvarb X*, a fim de que fossem controlados fatores linguísticos e extralinguísticos que pudessem justificar o uso de uma variante ou de outra.

Desenvolvido em 2005, como resultado de uma parceria entre o Departamento de Linguística da Universidade de Toronto e de Matemática da Universidade de Ottawa, o programa estatístico *Goldvarb X* é capaz de proporcionar à análise do pesquisador a conversão dos dados em percentuais, número de ocorrências, peso relativo entre outras informações relevantes. Essa ferramenta digital sucede uma outra chamada *VARBRUL*, bastante utilizada anteriormente como recurso para quantificação e análise de dados em pesquisas sociolinguísticas.

Assim, o *Goldvarb X* facilita a verificação de fatores estruturais e não-estruturais que compõem o *corpus* e que podem condicionar um determinado fenômeno linguístico. O pacote estatístico, além de selecionar esses fatores e organizá-los em grupos, descreve o quão relevantes são eles dentro do contexto de uma pesquisa, a partir dos denominados pesos relativos, que, de acordo com Coelho *et al.* (2015, p. 126), “indicam o efeito que cada um dos fatores tem sobre as variantes do fenômeno linguístico analisado (a variável dependente)”. A quantificação dos dados, por sua vez, é chamada de rodada, etapa que é posteriormente acompanhada do que se chama de interpretação dos dados, momento em que o pesquisador, apropriado de informações estatísticas quanto ao seu *corpus*, elabora uma minuciosa descrição a respeito deste.

3.3 Definição das variáveis

Como se sabe, toda pesquisa variacionista privilegia a abordagem tanto de aspectos linguísticos como sociais, a fim de poder explicar fenômenos de variação. Nesse sentido, para este estudo, foram controladas seis variáveis, sendo elas: concordância verbal, saliência fônica, modalidade e preenchimento do sujeito (**linguísticas**) e escolaridade e sexo (**sociais**).

Pela análise da concordância verbal, objetivou-se identificar como esta se apresenta diante do uso de *nós/a gente* (concordância padrão e/ou não padrão). Na análise da saliência fônica, buscou-se explorar as distinções entre as marcas de número relativas à primeira pessoa do plural nas produções dos estudantes. Já no que diz respeito à modalidade, o foco recaiu sobre o comportamento das duas variantes: fala e escrita. Por fim, com a variável preenchimento do sujeito, observaram-se como *nós* e *a gente* se apresentaram: de forma expressa (explícita) ou de forma oculta (implícita).

Já em relação aos dois fatores sociais (também chamados de extralinguísticos), buscou-se observar a influência dos fatores escolaridade e sexo na aplicação do fenômeno, ou seja, responder a questionamentos tais como “Em qual nível escolar há maior índice de uso do pronome padrão ‘nós’?”, “Em qual se observa maior preferência pela forma inovadora?”, “Quem utiliza mais ‘a gente’: meninos ou meninas?”.

Assim, com todos os dados codificados e submetidos ao programa estatístico *Goldvarb X*, foi possível responder a essas e outras questões pertinentes à aplicação do fenômeno. Além da variável dependente *nós* e *a gente* na posição de sujeito, foram controladas seis variáveis, das quais quatro foram selecionadas como relevantes pelo programa.

O programa considerou como relevantes: modalidade, preenchimento do sujeito, concordância verbal (linguísticas) e escolaridade (sociais). Dessa forma, como se pode visualizar na tabela abaixo, os fatores sexo e saliência fônica não foram considerados significativos o suficiente.

Quadro 5- Ordem de relevância das variáveis linguísticas e extralinguísticas, segundo o programa estatístico *Goldvarb*

Variáveis	Ordem
Modalidade (fala/escrita)	1
Expressão do sujeito (explícito/implícito)	2
Escolaridade	3
Concordância verbal	4
Saliência fônica	-
Sexo	-

Adiante, será comentada individualmente, cada uma dessas variáveis pela ordem de relevância em que foram elencadas pelo *Goldvarb X*. As

variáveis que não foram consideradas relevantes (saliência fônica e sexo) também integram a interpretação dos dados aqui exposta, pois, embora o programa as tenha excluído do grupo de fatores mais significativos, há informações pertinentes quanto a elas que devem ser também apresentadas.

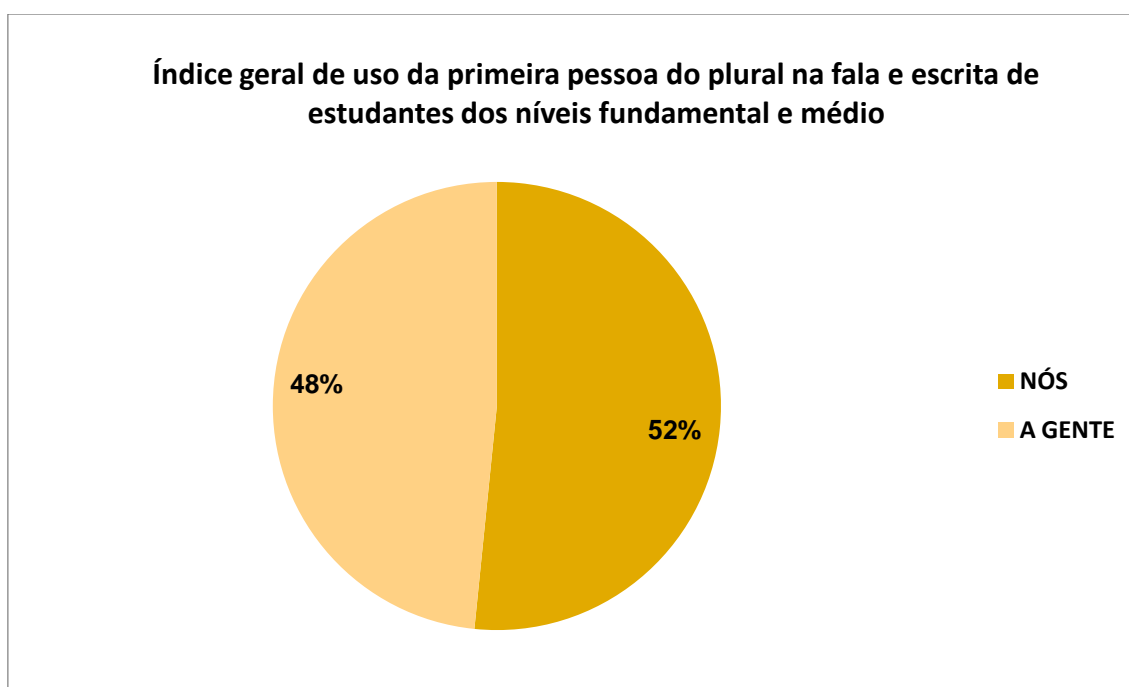
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 Variável dependente

Partindo dos resultados encontrados em trabalhos como os de Seara (2000), Zilles (2002) e Mollica e Nascimento (2006), que indicam predominância de *a gente* como estratégia preferencial dos informantes, estabeleceu-se a hipótese de que a análise do corpus aqui apresentado culminaria em conclusões semelhantes às observadas nesses e em outros estudos contemplados no capítulo 4.

Abaixo, o Gráfico 3 ilustra os resultados referentes ao uso geral da primeira pessoa do plural, considerando o total de ocorrências, tanto das produções dos alunos do Ensino Fundamental, quanto dos do Ensino Médio:

Gráfico 3 – Índice geral de uso da primeira pessoa do plural na fala e na escrita de estudantes dos níveis fundamental e médio



O pronome padrão contou com 297 ocorrências (52%), enquanto a variante inovadora contabilizou 279 (48%). Com uma baixa distinção na probabilidade do uso entre uma forma e outra, presume-se que a primeira pessoa do plural, nos contextos investigados, encontra-se em estado de variação equilibrada.

Dentre os estudos com os quais esses resultados mantiveram consideráveis aproximações, destacam-se os trabalhos de Maia (2003), Majoni (2014) e Vitória (2015). Essas pesquisas trazem em comum a predominância do pronome canônico *nós* como resultado obtido. Maia (2003) encontrou conservadorismo quanto a essa variante ao investigar a região rural do município de Pombal. Já Majoni (2014), ao analisar a primeira pessoa do plural nas revistas em quadrinhos da Turma da Mônica, também encontrou a mesma predominância do pronome. Por fim, Vitória (2015), que se dedicou exclusivamente à análise da primeira pessoa do plural na escrita escolar, concluiu que, pelo menos nessa modalidade linguística, *nós* revelou-se como a estratégia preferencial dos informantes.

A seguir, serão analisadas todas as variáveis controladas e selecionadas na análise dos dados, a fim de averiguar as influências dos fatores linguísticos e extralinguísticos na aplicação do fenômeno.

4.2 Variáveis independentes

4.2.1 Modalidade

A variável considerada como a mais relevante pelo programa estatístico *Goldvarb X* foi a modalidade, que, neste estudo, consiste na dualidade fala x escrita, duas manifestações da linguagem em que se esperava a presença bastante recorrente da primeira pessoa do plural, em função da atividade proposta aos alunos.

De acordo com Marcuschi (2007), a fala e a escrita “não são propriamente dois dialetos, mas sim duas modalidades de uso da língua” (p. 32). Esse ponto de vista, quando aplicado ao fenômeno aqui investigado,

sugere pensar que a primeira pessoa do plural pode apresentar-se de forma alternada, diversificada e/ou distinta entre uma modalidade e outra, justificando, assim, sua relevância dentro desta pesquisa.

Nesse sentido, estabeleceu-se uma hipótese inicial sobre essa variável, que se baseia nos resultados obtidos de Brustolin (2010), Vitória (2015) e Agostinho e Coelho (2015) em seus trabalhos sobre a variação *nós* x *a gente*. A expectativa era a de que a modalidade escrita, assim como nesses estudos, fosse comprovada como um fator bastante favorecedor do pronome canônico *nós*, já que, tal como aponta Vitória (2015):

A baixa frequência de *a gente* na escrita escolar pode estar relacionada à pressão normativa em favor de uma norma padrão, tendo em vista que a maioria dos manuais que orienta o ensino de língua na escola adota o quadro dos pronomes pessoais vigente nas gramáticas tradicionais, excluindo o *a gente* pronominal (VITÓRIO, 2015, p. 133)

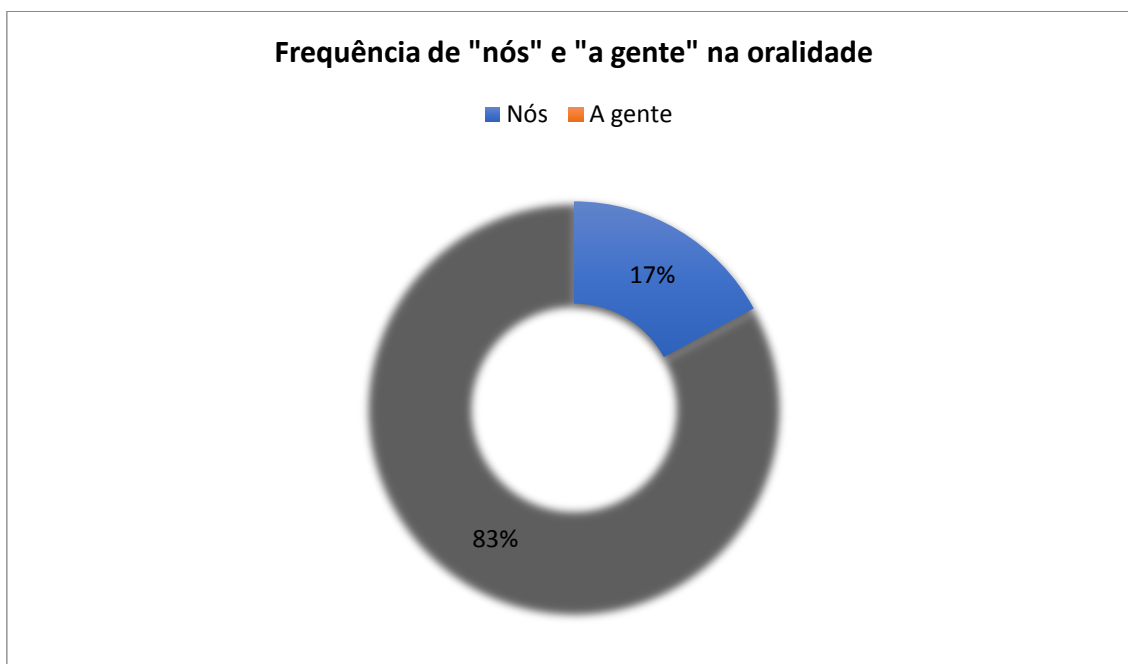
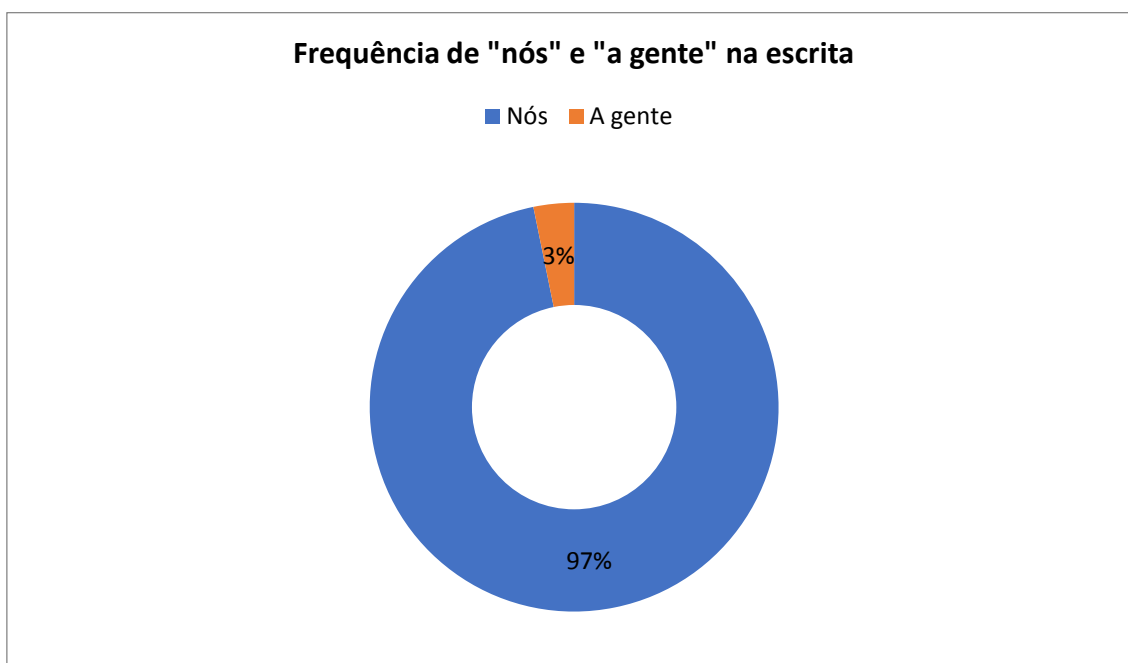
Desse modo, enquanto a escrita seria evidenciada como um terreno fértil para o uso preferencial da variante *nós*, a fala, com todo seu caráter espontâneo e constantemente isento de muito monitoramento (como foi no caso da coleta do *corpus*), estaria mais suscetível à presença de *a gente*, sobretudo pela atividade em sala de aula, em que os alunos apresentaram oralmente suas histórias, ter sido bastante informal.

Os resultados relativos ao uso de *nós* e *a gente* na fala e na escrita corresponderam à expectativa inicial, que era a de que a oralidade seria um aspecto linguístico muito favorecedor da variante inovadora, enquanto o pronome *nós* seria muito mais identificado na escrita. A tabela e os gráficos abaixo ilustram essas conclusões:

Tabela 1 - Frequência de uso de *nós* e *a gente* em relação à variável modalidade

Modalidade	Nós Aplic./Total	%	A gente Aplic./Total	%	PR
Fala	56/327	17.1%	271/327	82.9%	0.882
Escrita	241/249	96.8%	8/249	3.2%	0.066

Input: 0.425 Significance:0.000

Gráfico 4 - Frequência de *nós* e *a gente* na oralidade**Gráfico 5** - Frequência de *nós* e *a gente* na escrita

Estes resultados são bastante expressivos quanto à preferência dos informantes dentro de cada modalidade. Aparentemente, os alunos possuem a consciência de que precisam adequar seus textos (orais e escritos) às diversas situações sociais. Por estar a escrita escolar muito intimamente relacionada à norma padrão, nessa modalidade, os estudantes optaram pelo uso (explícito e implícito, como se verá adiante) do pronome *nós*, um resultado bastante

semelhante ao que foi encontrado por Agostinho e Coelho (2015) e Fagundes (2015) que também identificaram a predominância da forma canônica. Todavia, durante a fala, a forma inovadora ganhou bastante destaque, revelando-se como a estratégia preferencial dos informantes, de forma semelhante ao que Brustolin (2010) e Fagundes (2015) encontraram em seus trabalhos.

Um aspecto bastante notável em relação ao comportamento das variantes na escrita diz respeito às poucas ocorrências de *a gente*. Em grande parte delas, a forma inovadora mostrou-se empregada em momentos do texto que indicavam transição do discurso indireto para o direto, ou seja, em trechos que representavam um diálogo oral. Isso revelou que os alunos, ao representarem a fala informal na escrita, tendiam a utilizar a variante *a gente* para produzir diálogos mais realistas/condizentes com suas realidades linguísticas.

Nesse sentido, concluiu-se que, de modo geral, cada modalidade privilegiou uma variante: enquanto a fala condicionou o uso de *a gente*, a escrita favoreceu o emprego de *nós*, conforme nossa hipótese.

4.2.2 Preenchimento do sujeito

A língua portuguesa permite sintaticamente a ocultação do sujeito de uma oração, ou seja, uma sentença pode apresentar sujeito explícito ou implícito. A partir dessas noções, buscou-se, neste estudo, averiguar o índice de uso de *nós* e de *a gente* expressos e não expressos, com o intuito de comparar os resultados aos de trabalhos anteriormente mencionados. A hipótese inicial consistiria em haver maior probabilidade de uso de sujeito pleno em ocorrências com *a gente* e de sujeito nulo quando fosse utilizado o pronome *nós*, em concordância com os trabalhos de Mendonça (2010), Majoni (2014), Fagundes (2015) e Vitória (2015).

Os resultados abaixo, oriundos da análise do *corpus*, corroboram essa hipótese, pois foram semelhantes:

Tabela 2 - Frequência de *nós* e *a gente* em relação à variável preenchimento do sujeito

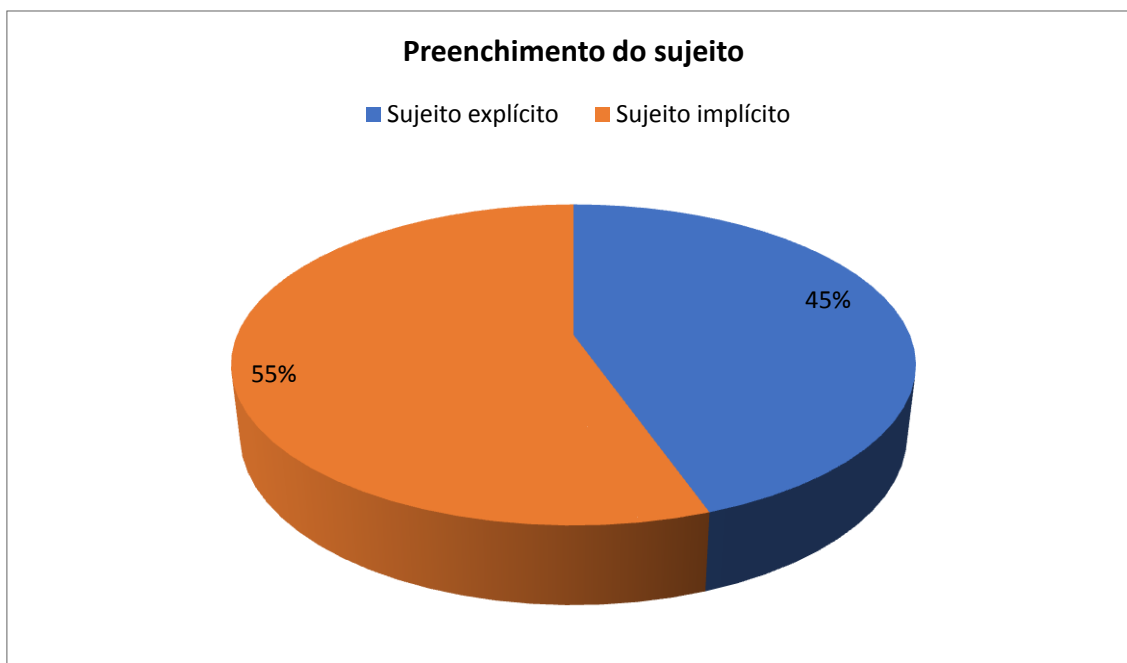
Tipo de sujeito	Nós Aplic./Total	%	A gente Aplic./Total	%	PR
Explícito	23/257	8.9%	234/257	91.1%	0.878
Implícito	274/319	85.9%	45/319	14.1%	0.169

Input: 0.425 Significance: 0.000

Como se pôde observar na tabela acima, há maior preferência dos estudantes pelo uso implícito do pronome *nós* na função de sujeito do que pela forma *a gente*, a qual, por sua vez, como em pesquisas precedentes a esta, mostra-se veementemente empregada de forma explícita. A possibilidade oferecida pela língua portuguesa de ocultar o sujeito, sendo este identificado pela desinência verbal, talvez seja um fator que explique concisamente esses resultados. Pode, eventualmente, parecer redundante para o aluno expressar *nós* em sentenças do tipo “Nós acordamos cedo hoje”, quando, de forma mais prática e também igualmente compreensível, se pode dizer “Acordamos cedo hoje”. Ou seja, a presença explícita ou não do pronome *nós* não interfere, em termos de sentido, nem mesmo prejudica a compreensão do enunciado. O mesmo fenômeno não parece ser comum com *a gente*, uma vez que o pronome estabelece concordância verbal com a terceira pessoa do singular, e, ao ser ocultado, poderia gerar problemas como ambiguidade ou compreensão imparcial de uma sentença por não apresentar clareza sobre a quem se refere o verbo (primeira pessoa do plural *a gente* ou terceira pessoa do singular “ele”).

O gráfico a seguir, por sua vez, ilustra os resultados gerais relacionados à variável preenchimento do sujeito:

Gráfico 6 - Frequência de *nós* e *a gente*, segundo a variável preenchimento do sujeito



O resultado apontado no gráfico permite inferir que os informantes fizeram mais uso explícito do que implícito da primeira pessoa do plural (considerando as duas variantes), pois houve 55.4% de ocorrências de sujeito nulo (implícito) e 44.6% para sujeito pleno (explícito). Entretanto, como indicado na tabela 2, a variante *a gente* apresentou maior índice de uso explícito, enquanto sua concorrente *nós*, maior uso de implícito.

4.2.3 Escolaridade

A terceira variável selecionada pelo *Goldvarb X* diz respeito à escolarização dos informantes e sua influência na aplicação do fenômeno. Inicialmente, a hipótese atribuída a esse fator extralinguístico era a de que se obteriam resultados semelhantes aos de Vitório (2015), que identificou maior tendência de uso da variante *nós* por parte de informantes do nível médio. Todavia, como se verá abaixo, os resultados desta pesquisa vão de encontro aos de Vitório e parecem se assemelhar mais com os de Seara (2000), que revelou em seu estudo maior preferência da forma inovadora *a gente* por parte dos alunos do Ensino Médio, enquanto os do Ensino Fundamental preservaram mais o pronome *nós*.

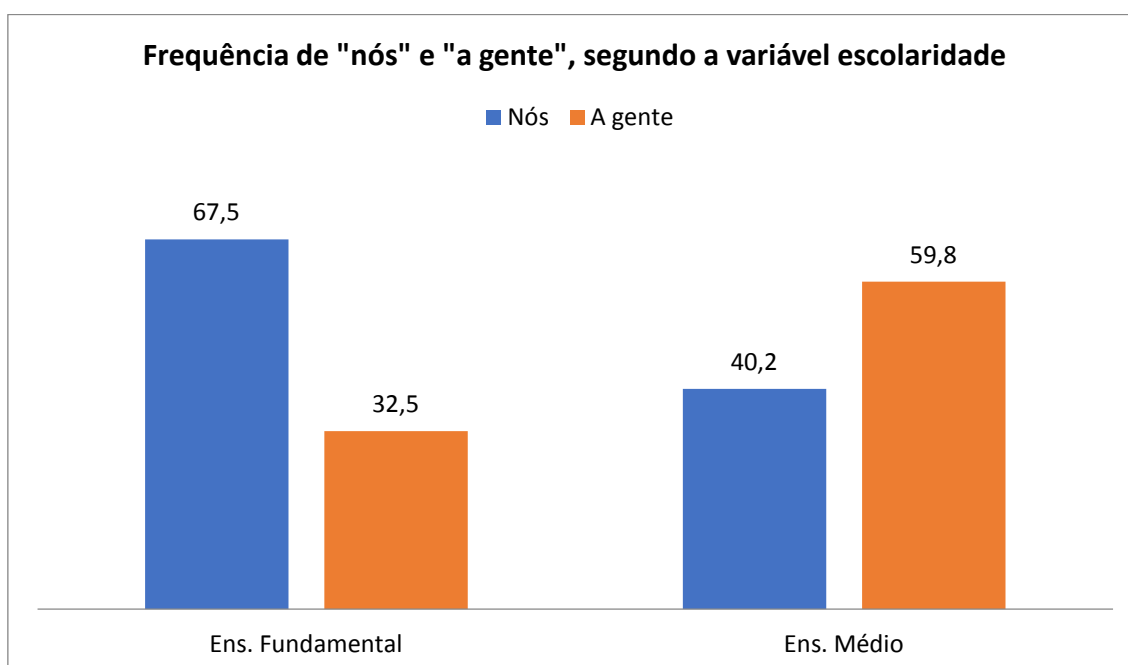
Abaixo, seguem uma tabela e um gráfico que ilustram os resultados obtidos:

Tabela 3 - Frequência de uso de *nós* e *a gente* em relação à variável escolaridade

Escolaridade	Nós Aplic./Total	%	A gente Aplic./Total	%	PR
Ens. Fundamental	162/240	67.5%	78/240	32.5%	0.230
Ens. Médio	135/336	40.2%	201/336	59.8%	0.703

Input: 0.425 Significance: 0.000

Gráfico 7 - Frequência de *nós* e *a gente*, segundo a variável escolaridade



Como é possível notar, os informantes do nível fundamental optaram mais pelo emprego do pronome *nós*, contabilizando 162 ocorrências (67,5%) contra 78 ocorrências de *a gente* (32,5%). Tais resultados se opõem totalmente quando comparados aos dados provenientes dos informantes do nível médio: estes, por sua vez, mostraram-se mais favoráveis ao uso de *a gente*, com 201 ocorrências (59,8%) contra 135 de *nós* (40,2%). De acordo com a tabela, os pesos relativos indicam que a variável escolaridade mostrou-se significativa apenas no Ensino Médio (0.703), ao contrário do Ensino Fundamental, que apresentou peso relativo de 0.230.

Partindo da hipótese de que quanto maior for a escolaridade do indivíduo, maior será a probabilidade de ele utilizar variantes padrão, o esperado, nesta pesquisa, era de que fossem os alunos do Ensino Médio mais conservadores quanto ao pronome *nós* e utilizassem-no com maior frequência do que os alunos do Ensino Fundamental. Todavia, uma vez tendo ocorrido o contrário, é possível supor que a variante *a gente* está sendo bastante propagada no linguajar dos adolescentes, enquanto os estudantes do nível fundamental, devido a um possível e recente contato com o quadro pronominal nos conteúdos escolares, possam estar preservando a variante padrão em função das convenções de escrita constantemente cobradas nas instituições de ensino.

4.2.4 Concordância verbal

A quarta variável selecionada pelo *Goldvarb X* diz respeito à concordância verbal. Como se sabe, dentro do que se convém considerar como padrão na língua portuguesa, o pronome *nós* estabelece concordância com verbos acrescidos da marca morfológica *-mos* (“*nós cantamos*”, “*nós escrevemos*”, “*nós fugimos*”). Já *a gente* realiza concordâncias na terceira pessoa do singular (*a gente canta*, *a gente escreve*, *a gente foge*). Qualquer desvio dessas regras, inclusive a mescla entre essas concordâncias, tende a ser considerado como uma variação linguística não padrão e causa estigmatização.

O trabalho de Agostinho e Coelho (2015) foi basilar para a análise desta variável, bem como da constituição da hipótese sobre o corpus obtido. Em concordância com as linguistas, pressupõe-se que, uma vez sendo a escola “propagadora da norma padrão” (AGOSTINHO; COELHO, 2015, p. 82), esperava-se serem encontradas em maior quantidade ocorrências de *nós/a gente* que obedecessem às regras gramaticais, que, diga-se de passagem, são veementemente requisitadas no ambiente escolar.

Os resultados da análise confirmam a tese inicial e evidenciam semelhanças com a pesquisa de Agostinho e Coelho (2015). Foi possível identificar que os estudantes fazem grande uso da primeira pessoa do plural com concordâncias consideradas padrão, o que significa que eles possuem

bons conhecimentos quanto ao emprego dos dois pronomes. No entanto, a forma canônica *nós* foi a que mais apresentou concordâncias não padrão, como se verá a seguir:

Tabela 4 – Frequência geral das variantes *nós* e *a gente*, segundo a variável concordância verbal

Concordância verbal	Aplicação total	%	PR
Padrão	553/576	96%	0.523
Não padrão	23/576	4%	0.099

Input: 0.425 Significance:0.000

Tabela 5 - Ocorrências com concordância padrão

Variante	Exemplos	Aplic./Total	%	PR
A gente	“a gente tentou voltar pra casa “...a gente viu alguns vultos...”	274/553	49.5%	0.523
Nós	“Eu e minha amiga jogávamos videogame...” “...nós no separamos...”	279/553	50.5%	0.523

Input: 0.425 Significance:0.000

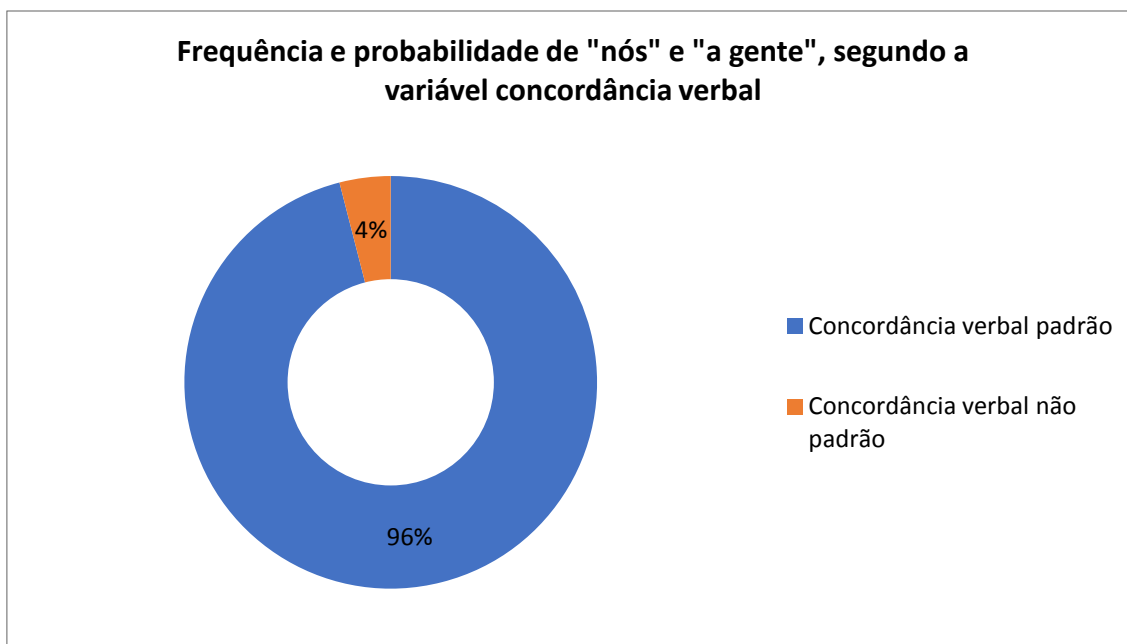
Tabela 6 - Ocorrências com concordâncias não padrão

Variante	Exemplos	Aplic./Total	%	PR
A gente	“A gente saímos do acampamento...” “...a gente, depois de um mês tentando, conseguimos um emprego...”	5/23	21.7%	0.099
Nós	“Eu e meu sobrinho tava jogando bola” “Tava eu e a minha melhor amiga acampando”	18/23	78.3%	0.099

Input: 0.425 Significance: 0.000

Assim, de modo geral, conclui-se que os informantes fizeram mais uso de concordância verbal padrão da primeira pessoa do plural (553 ocorrências, 96%) do que não padrão (23 ocorrências, 4%), conforme é possível visualizar no gráfico abaixo.

Gráfico 8 - Frequência e probabilidade de *nós* e *a gente*, segundo a variável concordância verbal



Estes números constituem um resultado que é semelhante aos resultados de Brustolin (2010) e de Agostinho Coelho (2015), que encontraram maior frequência de concordância padrão tanto para *nós* quanto para *a gente* ao investigarem a alternância entre os pronomes no ambiente escolar.

4.3 Variáveis desconsideradas

4.3.1 Saliência fônica

Segundo Azalim et.al (2018, p. 517), o princípio da saliência fônica tem relação com as distinções entre singular e plural de uma palavra, podendo ser mais acentuadas (indicando maior saliência) ou menos acentuadas (indicando menor saliência). Partindo da noção de que o pronome *nós* e o pronome *a gente*, embora sejam equivalentes quanto ao sentido, mantêm concordâncias verbais totalmente distintas, investigar a saliência fônica entre ambas as variantes pode servir para explicar questões relacionadas à variação da primeira pessoa do plural.

Os resultados identificados nas pesquisas de Lopes (1993) e Fagundes (2015) auxiliaram a compor a hipótese sobre essa variável. Assim, em concordância com esses estudos, esperava-se obter conclusões semelhantes, ou seja: que quanto maior fosse a saliência fônica de uma determinada forma

verbal, maior seria a probabilidade do uso do pronome padrão *nós*. A seguir, a tabela abaixo exhibe a frequência geral das variantes *nós* e *a gente*:

Tabela 7 - Frequência geral das variantes *nós* e *a gente*, segundo a variável saliência fônica

Grau de saliência fônica	NÓS Aplic./Total	%	A GENTE Aplic./Total	%
Mais saliente	210/374	56.1%	164/374	43.9%
Menos saliente	87/202	43.1%	115/202	56.9%

O programa *Goldvarb X*, entretanto, não considerou significativos os resultados provenientes da análise dessa variável. Apesar disso, nota-se a confirmação da tese inicial, pois o pronome *nós* foi mais favorecido por verbos com maior grau de saliência fônica.

Na análise desse fator linguístico, tomaram-se como fundamento os critérios propostos por Omena (1998), Lopes (1993), Naro et. al (1999) e Brustolin (2010), que consistem em seis classificações para os graus de saliência fônica, que vão dos sutilmente salientes até os demasiadamente salientes. A tabela abaixo contempla os resultados relativos à variante *a gente*, contendo exemplos referentes a cada grau.

Tabela 8 - Frequência de *a gente* segundo a variável saliência fônica

	Graus de saliência fônica		Aplic./Total	%
Menor saliência fônica	Grau 1	gostava/gostávamos		
	Grau 2	consegue/conseguimos	164/374	43.9%
	Grau 3	vê/vemos		
Maior saliência fônica	Grau 1	decidiu/decidimos		
	Grau 2	tirou/tiramos	115/202	56.9%
	Grau 3	é/somos		

Input: 0.425 Significance: 0.000

Em contrapartida aos resultados relativos à variante inovadora, o pronome *nós*, por sua vez, obteve 210 ocorrências com maior saliência fônica

Tabela 11 - Frequência e probabilidade da variante *nós* de acordo com a variável sexo

Sexo	Aplicação/total	%
Masculino	109/212	51.4%
Feminino	188/364	51.6%

Como se pode notar, houve quase uma equivalência tanto na frequência de *nós* como na de *a gente* para ambos os sexos. A vantagem do pronome canônico é pouca em relação à forma concorrente, e, ao se compararem os informantes do sexo masculino e feminino, nota-se também uma equiparação nos resultados.

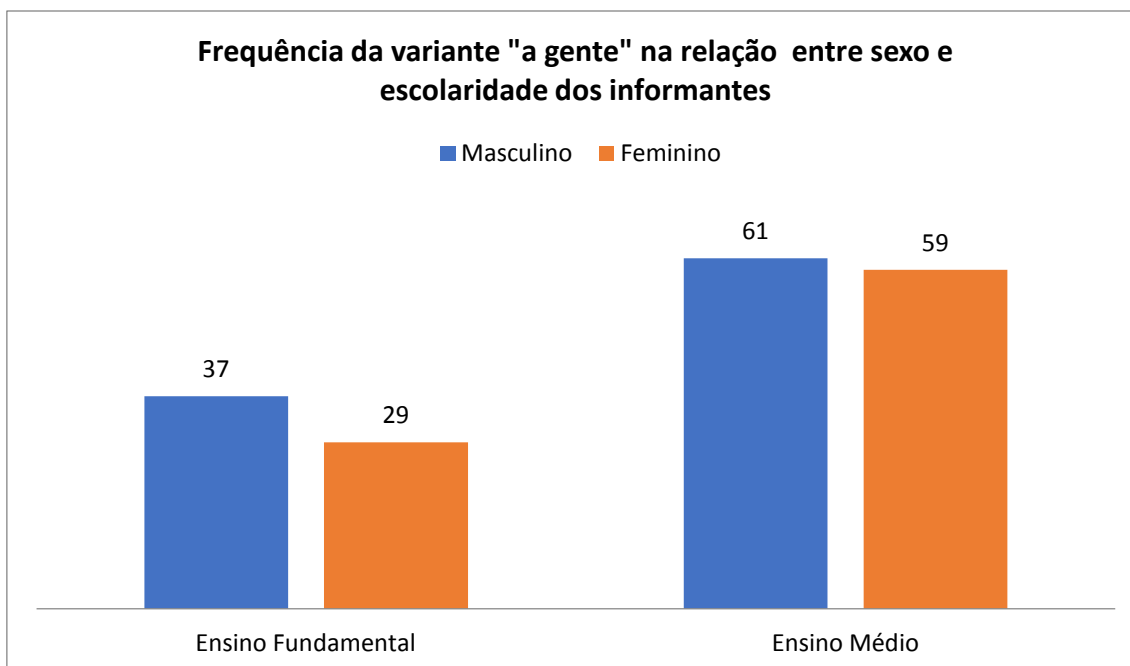
Desse modo, uma vez sendo todos esses números muito próximos entre si e em torno do ponto neutro, compreendem-se, assim, as razões pelas quais o *Goldvarb X* desconsiderou a variável sexo como fator relevante para a explicação da análise do *corpus*.

4.4 Cruzamento de dados: sexo e escolaridade

A partir dos resultados obtidos, foi possível formar cruzamento entre alguns, a fim de se observar a interação entre eles. Foi o caso das variáveis extralinguísticas sexo e escolaridade.

Conforme as estatísticas presentes no gráfico a seguir relativo à frequência da variante *a gente* de acordo com essas duas variáveis, nota-se que, em ambos os graus de escolaridade (nível fundamental e nível médio), foram os informantes de sexo masculino os maiores propagadores da forma inovadora, apesar de que a porcentagem é quase a mesma entre masculino e feminino no Ensino Médio.

Gráfico 9 - Frequência da variante *a gente* na relação entre sexo e escolaridade dos informantes



Embora o fator sexo (individualmente) não ter sido considerado relevante pelo *Goldvarb X*, aqui, na interação com o fator escolaridade, essa variável confirma o favorecimento de *a gente* por falantes do sexo masculino, no Ensino Fundamental (37%), e levemente no Ensino Médio (61%). Assim, percebe-se, por intermédio desse cruzamento, uma preferência linguística em comum aos meninos de ambos os níveis de escolaridade.

4.5 Cruzamento de dados: saliência fônica e concordância verbal

Por fim, também foi realizado um cruzamento entre outras duas variáveis: saliência fônica e concordância verbal, com o intuito de perceber em que medida a saliência fônica influencia não somente a concordância verbal, mas também a seleção do pronome de primeira pessoa do plural. Os resultados seguem exibidos na tabela abaixo.

Tabela 12 - Frequência e probabilidade da variante *nós* de acordo com as variáveis saliência fônica e concordância verbal

Nível de saliência fônica	Concordância verbal padrão		Concordância verbal não padrão	
	NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE
Mais saliente	56%	44%	64%	36%
Menos saliente	60%	40%	100%	0%

Input: 0.425 Significance: 0.000

Conforme se pode observar, em ocorrências com concordância verbal padrão e com mais saliência fônica, o pronome *nós* foi o que apresentou maior frequência (56%), em comparação à forma *a gente* (44%). O mesmo ocorreu nas ocorrências com concordância verbal não padrão, já que o pronome *nós* novamente foi o que se apresentou como a variante saliente mais empregada, representando 64% dos dados, contra 36% de *a gente*.

Já ao se analisar as formas menos salientes, notou-se que, em ocorrências com concordância verbal padrão, *nós* possuiu maior frequência de uso (60%) em comparação à variante concorrente *a gente* (40%) enquanto, nas ocorrências com concordância verbal não padrão, o resultado foi bastante expressivo para a forma *nós*, que obteve 100% de frequência, corroborando as conclusões encontradas nos trabalhos de Lopes (1993) e Fagundes (2015), que encontraram favorecimento do pronome *nós* por formas consideradas menos salientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por intermédio da sociolinguística, concebe-se a língua como um fenômeno sujeito ao dinamismo, variação e mutabilidade, aspectos que o uso alternado da primeira pessoa do plural no português brasileiro exemplifica com facilidade.

Apesar de a frequência global de *nós* ter sido maior que a de *a gente*, foi possível observar, nesta pesquisa, que há fatores de ordem linguística e extralinguística que condicionam o emprego da variante inovadora. Destacou-se, entre esses fatores, a variável modalidade, que é referente à fala e à escrita, e, com isso, percebeu-se o quanto *a gente* (83%) predomina em relação ao pronome canônico, na situação de fala, o que reforça a perspectiva de Vianna e Lopes (2015), que descrevem o processo de substituição de *nós* por *a gente* como uma mudança linguística encontrada em "avançado estágio, na língua oral" (p. 130). Ou seja, a oralidade é uma estância na qual a forma inovadora encontra terreno fértil para proliferação, tendo em vista a sua grande aceitabilidade entre os falantes, de modo geral. Por outro lado, a grande frequência de *nós* (97%) nos textos escritos revela a preocupação dos estudantes com a norma padrão e a adequação da linguagem frente às convenções de escrita constantemente cobradas pela escola. Nesse sentido, pode-se considerar que vem a escola alcançando os seus objetivos de preservar o uso da norma padrão dentro dos contextos em que ela pode vir a ser um requisito, como em uma atividade escolar, pois os alunos souberam se expressar com facilidade tanto na fala como na escrita, transitando entre a formalidade e a informalidade com bastante consciência.

O preenchimento do sujeito também foi significativo para salientar características do fenômeno de variação investigado. A partir dos resultados, foi possível considerar que houve maior preferência entre os informantes em fazer uso explícito de *a gente* na função sintática de sujeito e uso implícito de *nós*. A possibilidade de ocultação do sujeito *nós*, cuja presença implícita se identifica pela desinência verbal, pode ser uma resposta a esse resultado.

No que tange à concordância verbal, o resultado geral indica que os alunos possuem conhecimentos das regras gramaticais atreladas à primeira

pessoa do plural. No entanto, resultados referentes ao emprego do pronome *nós* sugerem que é esta variante que mais gera equívocos entre os informantes no que diz respeito à concordância. Cabe às instituições de ensino sempre reforçarem as características que diferem *nós* e *a gente* para que sejam essas dificuldades eliminadas a fim de que os alunos aprimorem o modo como se expressam.

A saliência fônica, apesar de não ter sido considerada relevante pelo programa estatístico *Goldvarb X*, realça distinções com as conclusões obtidas em trabalhos anteriores, como os de Brustolin (2010) e Lopes (1993), que indicam favorecimento de *a gente* em sentenças cujos verbos apresentam maior saliência fônica, enquanto *nós* é mais condicionado por verbos que se apresentam como menos salientes.

Outro resultado igualmente considerado como pouco significativo pelo *Goldvarb X* é referente ao fator sexo. Apesar de as frequências tanto de *nós* como de *a gente* serem quase idênticas para informantes do sexo masculino e do sexo feminino, os pequenos números que os diferem indicam maior favorecimento da variante inovadora pelo segundo grupo, ou seja, as alunas dos níveis fundamental e médio.

Por fim, o fator escolaridade foi de encontro à expectativa inicial, que era a de que o pronome *nós* fosse mais empregado pelos estudantes do ensino médio, por estarem em nível mais avançado. Ao contrário disso, os estudantes do fundamental foram os que fizeram maior uso de *nós*, sendo maiores propagadores do pronome canônico.

Ressalta-se, com isso tudo, que esta pesquisa não se constitui como um ponto de chegada, mas de partida. É pertinente continuar investigando o comportamento da primeira pessoa do plural em todo o Brasil, inclusive na escrita, para se obter um maior panorama em relação a esse fenômeno de variação linguística. Neste estudo, considerou-se a escola como comunidade de fala a ser investigada, mas essa escolha não exclui a relevância de outros meios sociais, em que, indiscutivelmente, a primeira pessoa do plural também se faz presente. Até mesmo no ambiente escolar, mas em espaços diferentes, como o pátio da escola, por exemplo, poderiam ser encontrados resultados

distintos dos que foram obtidos na coleta realizada na sala de aula. Isso, em outras palavras, significa dizer que, dentro de uma mesma comunidade de fala, existem diversos contextos que se diferem, e todos eles são passíveis de investigação, pois, certamente, exercem influência na língua.

Desse modo, espera-se que este estudo motive a investigação contínua da primeira pessoa do plural no Sul do país, inclusive no município de Rio Grande, onde quaisquer generalizações acerca do fenômeno são limitadas, uma vez que mais contextos sociais (além do escolar) precisam ser investigados para que se obtenha um quadro atualizado relativo ao comportamento da variação *nós versus a gente*. Eis aí a tarefa do sociolinguista: dar conta de explicar um fenômeno linguístico sem desconsiderar a relação intrínseca da língua com a sociedade, e suas mútuas influências.

Em síntese, conclui-se que é sempre de grande contribuição para o campo da educação a articulação entre os estudos variacionistas e o ensino, por estes atualizarem as concepções sobre a língua, descrevendo suas transformações e alternâncias. Um ensino que privilegie a diversidade linguística, portanto, é capaz de eliminar preconceitos e, além disso, de expandir o conhecimento dos alunos não somente sobre sua língua materna, mas, sobretudo, sobre seu uso e sua função na sociedade.

Tornar o aluno poliglota em seu próprio idioma, como pontuou Bechara (anteriormente aqui mencionado), significa, então, oferecer condições para que o estudante (independentemente do nível escolar) esteja apto a fazer uso adequado da linguagem nas mais diversas situações da vida social, meio no qual a língua encontra seu espaço de manifestação. Nesse sentido, ao contrário do que se pensa entre muitos críticos da abordagem variacionista, não deve a escola, de modo algum, negligenciar o ensino da norma culta, uma vez que esta concederá ao aluno a capacidade de integrar plenamente muitas práticas sociais. Por outro lado, é também tarefa de toda instituição de ensino promover debates e reflexões acerca da variação e mudança da língua, compreendendo e respeitando as inúmeras diferenças/alternâncias que ela suporta e que fazem parte de sua composição.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. R. N; COELHO, I. L. Concordância de 1ª pessoa do plural na escrita escolar. In: ZILLES, A. M. S; FARACO, C. A. (Org.). **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhembi. 1955.

AMARAL, M. Ditongação diante de S. In: BISOL, L.; BATTISTI, E. (Org.). **O português falado no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 79-88

AZALIM, C. et al. Concordância nominal variável de número e saliência fônica: um estudo experimental. **DELTA**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 513-545, 2018.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BARROS, D. M. **Aspectos funcionais relativos ao (des)uso do reflexivo no dialeto goiano**. 2011. 215f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BORGES, P. R. S. **A gramaticalização de a gente no português brasileiro**: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas. 2004. 227f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRUSTOLIN, A. K. B. S. Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis. **Diadorim**, v. 8, n.1, p. 351-374, 2010.

_____. Uso e variação de nós e a gente na fala e escrita de alunos do Ensino Fundamental. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 9., 2010, Palhoça. **Anais eletrônicos...** Palhoça, Ed. Unisul, 2010. p. 1-15. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Ana%20Brustolin%201.pdf>>. Acesso em: dez. 2019.

CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.

CESÁRIO, M. M.; VOTRE, S.; COSTA, M. A. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 141-155.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1965.

CINTRA, Luís F. Lindley. **Sobre Formas de Tratamento na língua portuguesa: ensaios**. Lisboa: Horizonte, 1972.

COELHO, I. L. et al.– Sociolinguística. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. Disponível em: http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf >. Acesso em: out. 2019.

_____. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COELHO, R. F. **É nós na fita! Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana**. 2006. 178f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

COSTA, M. A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2010. p.113-126.

COULTHARD, M. **Linguagem e sexo**. São Paulo: Ática, 1991.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon. 2007.

DANTAS, J. C. **Da fala para a fala na escola**. 2004. 94f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

FAGUNDES, A. P. C. **A alternância entre as variantes a gente e nós na fala e na escrita dos Bageenses**. 2015. 36f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras – Português/Inglês e Respectivas Literaturas) – Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2015.

FARACO, C. A.; TEZZA, C. **Prática de texto para estudantes universitários**. Petrópolis: Vozes, 2001.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. **Gramática: fonética e fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Ática, 1997.

FERNANDES, E. A. Fenômeno variável: nós e a gente. In: HORA, D. (Org.). **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade.** Santa Maria: Pallotti, 2004. p. 149-156.

_____. **Nós e a gente: variação na cidade de João Pessoa.** 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1997.

FERREIRA, A. B. de H. **Mini-Aurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GREGORIM, C. O. **Michaelis Português gramática prática.** São Paulo: Melhoramentos, 2011.

HOCKETT, Charles F. A course in modern linguistics. New York: The Macmillan Company, 1958. SCHERRE, Maria Marta Pereira. Speech Community. In: **Encyclopedia of Language & Linguistics.** 2 ed. Oxford: Elsevier, 2006, v.11, p. 716-722.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization.** Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, R. et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, A. T. de.; BASÍLIO, M. (Orgs.). **Gramática do português falado: estudos descritivos.** Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996. v. 4. p. 79-166.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos.** São Paulo: Contexto, 2006.

INFANTE, U. **Curso de gramática aplicada aos textos.** São Paulo: Scipione, 1997.

KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística.** 1ª. ed., São Paulo: Contexto, 2010. p.127-140.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Org.) **Perspectives on Historical Linguistics.** Amsterdã: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

LEITE, M. Q. **Preconceito e intolerância na linguagem.** São Paulo: Contexto, 2008.

LOPES, C. R. dos S. A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos

traços intrínsecos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, out. 2007. ISSN 1984-8412. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/7728>>. Acesso em: novembro de 2019.

_____. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. UFRJ: 1993.

MAIA, F. P. S. **A variação 'nós'/'a gente' no dialeto mineiro: investigando a transição**. 2003. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MAIA, F. P. S. A variação 'nós'/'a gente' no dialeto mineiro: investigando a transição. **Revista da ABRALIN**, [S.l.], v. 8, n. 2, maio 2017. ISSN 0102-7158 Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/52407/32263>>. Acesso em: ago. 2019.

MAJONI, P. G. de A.. **Primeira pessoa do plural nas revistas da Turma da Mônica**. Cadernos do CNLF (CiFEFil) , v. XVIII, p. 108-121, 2014

MAMONAS ASSASSINAS. 1406. **Mamonas Assassinas**. São Paulo, EMI, 1996.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MATTOS, S. E. R. **Goiás na primeira pessoa do plural**. 2013. 137f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MENDES, R. P. S. **O perfil da alternância do sujeito nós e a gente em Santo Antônio de Jesus: um recorte no português popular do interior da Bahia**. 2007. 141f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

MENDONÇA, A. K. **Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba**. 2010. 135f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

MENON, O. P. S. O sistema pronominal do português do Brasil. **Letras**, Curitiba, n. 44, p. 91-106, 1995.

MOLLICA, M. C. de M.; DO NASCIMENTO, R. A. Monitoramento estilístico entre nós e a gente na escola. In.: GORSKI, E. M.; COELHO, I. L.(Org.). **Sociolinguística e ensino: Contribuições para a formação do professor de Línguas**. Florianópolis: UFSC, 2006.

MONTEIRO, J. L. **Para Compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MUNIZ, L. **On the Use of a gente in Brazilian Portuguese**. Independent Study, Fall, 2007.

NARO, A. J.; GÖRSKI, E. M.; FERNANDES, E. "Change without Change". **Language Variation and Change**, Nova Iorque. v. 11, n. 2, p. 197-211, 1999.

NARO, A. J.; SCHERE, M. M. P. Variação linguística, expressividade e tradição gramatical. In: GÖRSKI, E.; COELHO, I. L. (Org.) **Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua**. Florianópolis: EDUFSC, 2006. p. 235-266.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].

NEVES, M. H. de M. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA, K. R. F.; SILVA, E. G. da. Manifestações de preconceito linguístico e intolerância linguística contra o falante rural na mídia. In: COLÓQUIO NACIONAL, 12., COLÓQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO, 5., 2017, Vitória da Conquista. **Anais eletrônicos...** Vitória da Conquista, 2017, p. 1293-1297. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/6965/pdf_657>. Acesso em: ago. 2019.

OLIVEIRA, M. R.; WILSON, V. Linguística e Ensino. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 235-242

OMENA, N. P. A referência a primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). **Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998 [1986]. p.185-215.

PERES, EdenizePonzo. De "Nossa Mercê" a "cê": os processos de uma mudança em curso. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 1, n. 1, Vitória, p. 155-168, 2007.

PRETI, D. O ensino de Língua Portuguesa na encruzilhada entre a escrita e a oralidade. In: BASTOS, N. B. (Org.). **Língua Portuguesa: história, perspectivas, ensino**. São Paulo: EDUC, 1998.p.85-93.

RAMOS, C. M. A.; BEZERRA, J. R. M.; ROCHA, M. F. S. Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/a gente no português do Maranhão. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 279-292, jul. 2009.

RESENDE, T. C. C. de. Comunidade de Fala. **Recorte**, [S.l.] v. 3, n. 1, [n.p.], jun. 2006. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2107>>. Acesso em: out. de 2019.

RIBEIRO, D. S. da S. **A gente como pronome pessoal: teoria, prática e proposta pedagógica**. 2013. 34f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

RICK & RENNER. Nois trúpica, mais não cai. **Só Pensando em Você**. Rio de Janeiro, Warner Music Brasil, 2002.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 2002.

RODRIGUES JUNIOR, F. **Pronomes Latinos (Estudo Comparativo)**. Usina de Letras, Minas Gerais, fev. 2002. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=6421&cat=Artigos&vinda=S>>. Acesso em: ago. 2019.

SACCONI, L. A. **Novíssima Gramática Ilustrada**. 24 Ed. São Paulo: Nova Geração, 2011.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.

SANTOS, K. C. dos R. **O monitoramento da escrita e a valorização da norma-padrão nas redes sociais**. 2017. 21f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Revisão de Textos) – Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2017.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1990.

SEARA, I. C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. **Organon**, Porto Alegre, v. 14, n. 28/29, p. 179-194, 2000.

SILVA NETO, S. da. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Presença/MEC, 1979.

SILVA, C. da S.; ANDRADE, K. dos S. Variação linguística e ensino: estudo dos traços da oralidade na escrita em textos de alunos de uma escola rural tocaninense. **Leitura**. [S.l.], n. 47, p. 269-296, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/913>>. Acesso em: dez. de 2019.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo, Ática, 1985.

TRAUOGOTT, E.; HEINE, B. (Org.). **Approaches to Grammaticalization**, v. 1. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

TRUDGILL, P. **Sociolinguistics; an Introduction**. Grã Bretanha: Penguin Books, 1979.

UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA. 20 erros de português mais vergonhosos nas redes sociais. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22out. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/guiaenem/20-erros-de-portugues-mais-vergonhosos-nas-redes-sociais-22306127>>. Acesso em: jun. de 2019.

VEIS RIBEIRO, V.; LOREGIAN-PENKAL, L. **O fator faixa etária e a concordância nominal na linguagem falada na cidade de Irati, PR**. Revista Analecta, v.10, n.1, p.69-83, 2009.

VIANNA, Juliana Segadas; LOPES, Célia Regina dos Santos. Variação dos pronomes nós e a gente. In: ABRAÇADO, Jussara; MARTINS, Marco Antonio. (Org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-131.

VIOTTI, E. Mudança linguística. In: FIORIN, J. L. **Linguística? Que é isso?**. São Paulo: Contexto, 2013.

VITÓRIO, E. G. de S. L. A. Variação nós e a gente na posição de sujeito na escrita escolar. **Letras & Letras**, v. 31, n. 2, p. 128-143, dez. 2015.

ZILLES, A. M. S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, 2007.

ANEXOS

ANEXO A – Exemplos de textos do Ensino Fundamental

Era uma vez Tala e eu e minha melhor amiga távamos acampando a noite de nada começamos a ouvir gritos. Ficamos muito desesperada quando saímos do acampamento, vimos o palhaço aí começamos a gritar e saímos correndo muito desesperada e ele vinha correndo atrás da gente, aí nisso ele conseguiu, pegar a gente ficamos perdendo o sono mas ninguém ouvia a gente, nisso meus amigos ficaram preocupado com a gente e vieram atrás da gente para procurar se que nisso eu e minha melhor amiga já estávamos muito longe do acampamento e não encontraram a gente, e nisso a minha melhor amiga táva demonstrando medo pro palhaço aí eu falei com ela e demonstrando medo pro palhaço aí eu falei com ela e isso que ele quer que a gente fique com medo dele pra ele se alimentar de nosso medo quando eu disse isso pra ela. Nós duas enfrentamos o medo e conseguimos fugir dele.

Em Janeiro de 2019, eu e a minha amiga estávamos em casa jogando video game e escutando musica. Estava tudo indo bem, até que algo começou a nos deixar desconfortáveis, parecia que tinha algo nos observando.

As energias já não eram as mesmas, estava tudo meio do-
curo, nós duas percebemos isso ao mesmo tempo, naquele momento
estávamos só eu e ela.

Pensei em ligar para minha mãe, mas não queria deixar ela preocupada pois ela estava cuidando da minha vó no hospital. Minha amiga e eu saímos de casa e fomos para o patio, de alguma forma parecíamos estar mais seguras. Ficamos tentando tirar aquilo da cabeça, nos distrair, mas aí minha amiga disse que tinha visto um vulto passar por ela quando ainda estávamos dentro de casa.

No fim, começamos a ficar com pensamentos mais positivos, entramos na casa com receio. Porém não ocorreu mais.

ANEXO B – Exemplos de textos do Ensino Médio

P:

Amigas de matar

O dia amanheceu como todo os outros, acordei atrasada, então me arrumei e sai correndo para a escola. Chegando lá já encontro minhas duas melhores amigas, Bianca e Alama.

Alama está com uma expressão de medo, eu pergunto o que aconteceu, ela diz que um estranho a seguiu até a escola.

Não tentamos abraçá-la e dizer que talvez ela tivesse saudades imaginando coisas, pois sabíamos do histórico de Alama, ela foi diagnosticada com uma síndrome rara, ela tem sonhos e imagina coisas que nem totalmente da realidade.

Então fomos até a enfermaria da escola e a enfermeira alcançou mais ela e passamos o dia conversando e rindo.

Se passou um mês do acontecimento e Alama pareceu mais estranha e misteriosa, diante da angústia que eu estava sentindo, falei em particular com a Bianca para nós conversarmos juntas com ela, éramos amigas desde bebê não podíamos deixá-la passar por essa fase sozinha.

Bianca e eu dizemos: Alama não precisa nos contar o que está acontecendo, a gente quer te ajudar. Alama respondeu: Eu não fono, vocês vão achar que sou louca.

Eu disse: Alguma vez na vida a gente já te julgou?

Alama: NÃO, mas dessa vez é diferente.

Eu disse: O que é diferente?

Alama: Tudo começou quando eu acordei 3:00 da manhã, pois achei que alguém havia me chamado. "Alama acorde", fiquei assustada, pois meus pais estavam dormindo e não tinha motivo para alguém me chamar uma hora dessas, então voltei a dormir, mas a voz continuava me chamando.

Eu sai correndo para chamar meus pais e ao passar por corredor escuro vi uma mulher toda de branco e com seu rosto desfigurado, comecei a gritar e não saia com. Acordei com meus pais em minha volta, perguntando o porquê estou ali. Respondo que foi só um pesadelo.

mas, aquilo parecia muito real e desde então todas as noites eu vejo esta mulher.

Eu disse: Alanna, e o x não foi medium?

Alanna: eu tenho aquela síndrome, lembra?

Byanca: e o x não foi uma síndrome e sim um dom.

Alanna: Ver aquela mulher não é um dom.

Byanca: Vamos dormir na sua casa hoje e a gente vai te ajudar a mandar essa sombração embora.

Chegou a noite e fomos dormir, sempre atentas com o relógio. Deu três horas em ponto e Alanna começou a ficar estranha, pálida e com os olhos totalmente fixos e com o olhar fixado para a porta.

Eu olho em direção para a porta e vejo a coisa mais amustadaa, uma mulher de cabelos pretos, com um vestido branco rasgado com manchas de sangue e com o rosto desfigurado, tento gritar e minha voz falha. Ao olhar para o lado fecho que a Byanca sumiu, Conseguimos fugir da sombração. Encontramos Byanca na escada, dando risada e falando algumas coisas sem sentido.

Eu pergunto: Byanca, Vamos fugir?

Byanca: Não não não a lugar nenhum, tem uma pessoa que quer conhecer vocês. Beatrice venha cá.

Alanna e eu: Vimos aquela mulher anônima se aproximar de nós, sem conseguirmos sair do lugar.

Ela se aproxima, após Byanca falar uma língua estranha, acho que era alguma ordem.

Eu olhei dentro dos olhos daquela mulher, antes de sentir meus ossos serem esmagados lentamente, eu ouvi os gritos de Alanna pedindo para não mover, em minha cabeça só passava as imagens em que a Byanca se mostrou estranha com a gente, mas nunca pensei que pudesse fazer tamanha crueldade. A Beleza da aparência seu parsoita manchava -e de sangue, o do olho hoover e com a última batida do meu coração, Byanca e Beatrice foram. Pois completaram sua missão.

Eu começo os três dentro da minha casa sendo um filme de comédia
bem ruim e vindo de vez em quando de algumas piadas, enquanto a
meite ia se comportando embora lá fora de casa. O tédio se mostra
na em desses corpos que estão jogados na cama e esses olhos
não paravam mais no televisor ligado. Logo falei:

- Certo, se esse filme não acabar em um minuto eu vou acabar
me matando.

As outras duas concordaram, mas nenhuma realmente se levantou
para trocar o filme que passava. Bufei sabendo que teria que fazer
algo antes que o tédio me consumisse, lembrei da comida que está
lá no primeiro andar da casa e fiz um comentário para ver se al-
guém se mexia:

- Lembra que compramos chips para comer? Alguma de vocês não
quer ir lá pegar?

Silêncio. Fiquei inquieta na cama, pois nenhuma delas parecia
se importar com a minha amizade. Senti os lágrimas escorrendo pelo
meu rosto, mas não soltei um ruído sequer. Ouvia a madeira solta
da casa rangir e os barulhos atordoados que os animais metidos
faziam de dentro da mata que nos cercava.

Levantei da cama e ouvi o barulho de um dos corpos caindo no
chão, olhei na direção do som e percebi que era a traidora. Traidora
porque se jogou da janela do segundo andar diretamente em direção aos
ferros que tinhamos os lados de fora da casa quando ter a chance. Não
dava para confiar em ninguém mesmo.

Andei em direção os escadas e senti lembrando dos bons momentos
que passei com o corpo que se mantinha em cima da cama. Sentia
saudades da sua voz, gritando e pedindo para que eu lhe desse sua ol-
vidada liberdade. Naquele dia em específico ela subiu os escadas deixando
um rastro de sangue por onde passava devido aos seus cortes pelo corpo.
Tinhamos acabado de se jogar, aquilo era mortal já.

Comentei me sentindo sozinho e ouvi o celular tocar dentro do quarte-
to. Olhei a tela que mostrava o nome de um garoto e senti pela primeira
vez, finalmente não me sentia mais sozinho. Atendi:

- Oi, amor. Que saudades de falar com você, quando vamos
poder nos encontrar de vez?

ANEXO C - Lista de códigos da análise de dados

Variável dependente

1 = *Nós*

2 = *A gente*

Expressão do sujeito

E = explícito

I = implícito

Modalidade

t = Nós (escrita) ou A gente (escrita)

o = Nós (fala) ou A gente (fala)

Concordância verbal

p = Nós + -mos/-mo ou A gente + zero

n = Nós + zero ou A gente + -mos

Saliência fônica

s = mais saliente

r = menos saliente

Sexo

m = masculino

f = feminino

Escolaridade

3 = Ensino médio

9 = Ensino fundamental

ANEXO C - Ocorrências e codificação dos dados

- (2eopsm3 Eu e o M. a gente se conheceu
- (2eopsm3 a gente decidiu ir numa casa
- (2iopsm3 e decidiu ir ver como ela era
- (2eopsm3 a gente decidiu caminhar
- (2eopsm3 a gente tentou abrir a porta
- (1iopsm3 decidimos ir pela porta
- (2eopsm3 quando a gente entrou por lá
- (2eopsm3 e quando a gente entrou
- (2eopsm3 quando a gente entrou
- (2eopsm3 a gente deu uma volta
- (2eopsm3 quando a gente entrou
- (2eopsm3 a gente encontrou um porão
- (2iopsm3 e a gente abriu a porta
- (2eoprm3 a gente queria descer do porão
- (2eopsm3 a gente tirou par ou ímpar
- (2iopr3 só que a gente tava com muito medo
- (2eopsm3 a escada que a gente desceu era de madeira
- (2eopr3 e a gente tava lá
- (2eopr3 a gente não sabia o que fazer
- (2eopsf3 dei a ideia pra ela da gente sei lá sair
- (2eopr3 pra gente comer

(2eoprf3 pra gente que ia passar a tarde
(2ioprf3 e "a gente que ia" voltar só de noite
(2eopsf3 a gente saiu
(2iopsf3 a gente começou a caminhar
(2eopsf3 a gente estendeu
(2eoprf3 pra gente entrar num desses bosques
(2eopsf3 aí a gente entrou
(2eoprf3 a gente tava caminhando
(2eoprf3 a gente tava caminhando
(2eoprf3 a gente não acredita
(2eoprf3 mas a gente não duvida
(2eoprf3 pedindo pra gente sair de lá
(2eoprf3 olha onde a gente tá se metendo
(1ionrf3 vamo voltar pro loteamento
(1ionrf3 vamo voltar pra um lugar
(1ionrf3 vamo fazer uma pausa
(1ionrf3 vamo comer o negocinho
(2eoprf3 que a gente trouxe
(2eoprf3 a gente tenta acalmar ela
(2ioprf3 "a gente tenta" dizer que talvez seja coisa
(2eoprf3 a gente já sabia do histórico
(2eopsf3 a gente levou ela
(2eopsf3 a gente conversou com ela

(2eopsf3 a gente se divertiu

(2iopsf3 a gente brincou

(2iopsf3 a gente falou mal dos outros

(2eoprf3 Eu e B. a gente tava notando

(2eoprf3 a gente não podia deixar a A.

(2eoprf3 a gente sabia que ela tinha

(2eoprf3 só que a gente como amiga tem que ajudar

(2eopsf3 a gente foi falar com ela

(2eopsf3 a gente disse

(2eoprf3 pra gente poder ajudar

(2eoprf3 a gente ia achar que ela é louca

(2eoprf3 a gente poderia pensar alguma coisa

(2eoprf3 a gente tava ali pra apoiar

(2eopsf3 a gente disse

(2eoprf3 claro, a gente nunca ia fazer

(2eopsf3 a gente ficou em choque

(2eopsf3 a gente ficou em choque

(2iopr3 e a gente não sabia o que dizer

(2eoprf3 a gente só podia abraçar ela

(2eopsf3 a B. sugeriu que a gente fosse até a casa

(2iopr3 a gente fizesse um dormidão

(2iopr3 a gente fosse pra casa dela

(2iopr3 e a gente ajudasse ela

(2eopsf3 então foi isso que a gente fez
(2eopsf3 a gente foi pra casa
(2eopsf3 a gente fingiu
(2ioprf3 que ia dormir
(2iopsf3 e "a gente foi" ficar ali pra ajudar ela
(2eopsf3 então a gente fingiu
(2ioprf3 que ia dormir
(2eoprf3 pra gente começar
(2eopsf3 a gente foge dali
(2eoprf3 a gente sai correndo
(2eoprf3 a gente fala
(2eoprf3 a gente tem que sair daqui
(2eopsf3 e a gente disse
(1ioprf3 vamo sair daqui
(2eoprf3 a gente tá quase morrendo
(2eopsf3 e a gente diz
(2eoprf3 a gente gostava muito de ir no sítio
(2eoprf3 a gente gostava muito de ir pra lá
(2eoprf3 floresta que a gente adorava ir
(2eopsf3 a gente resolve ir lá
(2eopsf3 a gente se acordou cedo
(1iopsf3 e resolvemos que
(2eoprf3 a gente ia passar o dia

(2eoprf3 a gente ia levar nossos livros
(2ioprf3 a gente ia ler
(2ioprf3 e "a gente ia" conversar
(2eopsf3 então a gente foi
(2eopsf3 e a gente se sentou na sombra
(1iopsf3 e começamos a ler e aí
(1iopsf3 depois conversamos
(2eoprf3 a gente nunca tinha presenciado
(2eopsf3 então a gente foi
(2iopsf3 a gente conversou
(2iopsf3 a gente passou o dia
(2eopsf3 então a gente pegou
(2iopsf3 e a gente viu anoitecendo
(2eopsf3 a gente falou
(1ioprf3 vamos embora
(2eoprf3 a gente tinha que percorrer um caminho
(2eopsf3 a gente começou a procurar
(2eoprf3 a gente tava com medo
(2eoprf3 a gente não sabia se tinha bicho
(1ioprf3 e eu nossa entendermos
(2eopsf3 a gente se encarou
(2eopsf3 a gente não entendeu
(2eopsf3 a gente pegou então

(2eopsf3 a gente decidiu ir lá
(2eonsf3 aí a gente se encaramos
(2ionsf3 e continuamos
(1ionsf3 nos encorajamos
(2ionsf3 e continuamos
(2eopr3f3 quando a gente tava chegando
(2eopr3f3 que a gente não entende
(2eopsf3 a gente só viu
(2eopsf3 a gente paralisou
(2eopsf3 a gente foi seguir andando
(2eopsf3 a gente ouve uma espécie
(2eopsf3 a gente pegou
(2iopr3f3 e a gente olha assim
(2iopr3f3 e a gente começa a procurar
(2eopr3f3 então a gente fica apavorado
(2eopr3f3 a gente tenta ajudar
(2eopr3f3 a gente chama ajuda
(2eopsf3 a gente consegue descer ela de lá
(2eopr3f3 a gente volta pra casa
(2eopsf3 e aí a gente decide
(2eopr3f3 que a gente nunca mais volta
(2eopsf3 a gente vê que o livro
(2eopr3f3 a gente tava era eu e minhas duas melhores amigas

(2eoprf3 e a gente tava fazendo um dormidão

(2eoprf3 a gente tava vendo um filme

(2eoprf3 a gente tinha comprado comida

(2eoprf3 porta que a gente tava

(2eoprf3 ferros que a gente tinha

(2eoprf3 a gente tava cozinhando

(2eoprf3 a gente ia passar o final de semana

(2eoprf3 a gente ia jogar alguns jogos

(2eoprf3 a gente tava assustando

(2eoprf3 a gente tava jogando uns jogos

(2eopsf3 a gente começou a comer várias coisas

(2eopsf3 a gente começou a comer umas minhocas

(2eoprf3 a gente tava lá na casa

(2eopsf3 a gente foi sozinho

(2eoprf3 a gente desligava

(2ioprf3 a gente desligava

(2ioprf3 a gente ligava

(2eoprf3 a gente tava estava os três com medo

(2eoprf3 pra gente ir lá na casa

(2eopsf3 aí a gente saiu

(2eopsf3 a gente escutou um uivo

(2eopsf3 a gente escutou um uivo assim

(1iopsf3 e ficamos os três com medo

(2eopsf3 e aí eu e o J., a gente ficou desesperado

(2eopsf3 a gente tentou voltar pra casa

(1ioprf3 tentamo procurar ele

(2eopsf3 e a gente não encontrou

(2eopsf3 a gente não encontrou o E.

(2eopr3 a gente tava com muito medo

(2eopsm3 a gente decidiu

(2eopsm3 a gente decidiu lançar currículos pra lá

(2ioprm3 pra ver se a gente conseguia um emprego

(2eopr3 pra a gente conseguir alugar alguma casa

(2eonsm3 a gente, depois de um mês tentando, conseguimos um emprego

(2eopr3 que a gente poderia gastar

(2eopsm3 a gente viu que

(2eopr3 a gente tinha o equivalente a 600,00

(2eopsm3 aí a gente começou a procurar casas

(2ioprm3 e a gente não tava encontrando

(2eopr3 a gente achou uma casa

(2eopr3 que a gente tava achando

(2eopsm3 a gente encontrou essa

(2eopsm3 a gente fechou o contrato

(2eopsm3 a gente foi pra lá

(2eopsm3 a gente começou a procurar a casa

(1ionsm3 fomo se informar

(2eopsm3 a gente acabou decidindo que

(2eopsm3 a gente foi pra lá

(2eoprm3 a gente tava chegando

(2eopsm3 quando a gente chegou

(2eopsm3 a gente viu aquela

(2eopsm3 a gente percebeu

(2eopsm3 a gente foi perguntar sobre

(2eopsm3 mas a gente seguiu

(2eoprm3 era o que a gente podia fazer

(2iopr3 a gente podia pagar

(2eopsm3 a gente decidiu que nos primeiros dias

(2eoprm3 a gente ia limpar a casa

(2iopr3 "a gente ia" tirar a lama

(2iopr3 "a gente ia" varrer todos os cômodos

(2iopr3 "a gente ia" matar algum animal

(2eopsm3 e aí a gente percebeu que não tinha nenhum

(2eopsm3 quando a gente parou pra pensar na volta

(2eoprm3 que desse pra gente observar

(2eopsm3 a gente percebeu que na casa

(2eopsm3 mas a gente não deu bola

(2eopsm3 a gente terminou de limpar

(2eopsm3 a gente decidiu pegar um ou dois dias

(2eopsm3 mudança que a gente fez

(2eopsm3 então a gente decidiu ir pra cidade

(2iopsm3 "a gente decidiu ir" conhecer um pouco

(2eoprm3 a gente ia fazer

(2eopsm3 quando a gente voltou

(2eopsm3 a gente olhou na janela

(2eoprm3 a gente não sabia muito bem

(2eopsm3 a gente tentou chegar

(2eoprm3 a gente tá na caminhonete

(1iopsm9 sim acreditamos

(2eopsm9 A gente foi ficar na casa

(2eoprm9 Ele pediu pra gente ficar

(2eoprm9 Ai a gente tava andando

(2eoprm9 A gente tava andando e

(2eopsm9 No meio do caminho a gente achou um boi

(2eopsm9 A gente achou um único só

(2eoprm9 Ai a gente andando,

(2ioprm9 "A gente" andando

(2eopsm9 Ai a gente pegou e

(2iopsm9 "A gente" falou

(1ioprm9 Bom, vamo dar uma corridinha

(2eoprm9 Ai a gente andando

(2eopsm9 A gente pegou e

(2iopsm9 "A gente" falou

(1ioprm9 Bom, vamo correr

(2eoprm9 A gente tava ouvindo uns barulho

(2eopsm9 A gente correu

(2iopsm9 "A gente" correu

(2eoprm9 E a gente tinha se esquecido da porteira

(2eopsm9 A gente se bateu na porteira

(2eoprm9 A gente queria entender como

(2eoprm9 A gente queria entender isso

(2eopsm9 A gente voltou pra casa

(2eopsm9 A gente nem comprou os negócio

(2eopsm9 A gente ficou assustado

(1ionrm9 Eu e meu sobrinho tava jogando bola

(1ionsm9 Fiquemo a lá jogando

(1ionsm9 "Fiquemo" tocando pro outro

(1ionsm9 Escutemo

(1ioprf9 Estávamos eu e a minha namorada

(2eopsf9 Ai quando a gente foi ver

(2eoprf9 Até hoje a gente não entende

(2eoprm9 A gente ia marcar de ver um filme

(2eopsm9 Ai a gente assistiu o filme

(2eopsm9 A gente começou a ouvir barulhos

(2eopsm9 A gente ficou sozinha

(2eopsm9 A gente ficou com muito medo e

(2iopsm9 "A gente" ficou umas duas horas

(1iopsf9 Eu e uma amiga fomos numa casa

(2eopsf9 A gente começou a escutar vários ruídos

(2eopsf9 A gente ficou com medo

(2eopsf9 A gente teve que ir embora

(2eopsf9 Uma semana depois a gente voltou lá

(2eopsf9 E a gente viu que tinha algo

(2eopsf9 Ai a gente foi indo caminhando

(2iopsf9 E "A gente" viu que tinha uma pessoa

(2eopsf9 A gente se aproximou dessa pessoa

(2eopsf9 Ai A gente saiu correndo

(2eopsf9 E a gente prometeu uma pra outra

(1iopr9 Que nunca mais voltamos lá

(2eopr9 A gente disse que é curioso

(2eopr9 Porque a gente não sabe do que se passa

(2eopsf9 A gente viu dois palhaço

(2eopsf9 Ai a gente ficou louca de medo

(2eopsf9 Ai A gente foi pra parada

(2eopsf9 A gente foi tentar achar eles

(2eopsf9 A gente ficou com medo

(2eopsf9 A gente não fez nada

(1iopr9 Eu e a minha amiga estávamos em casa

(2eopsf9 A gente se olhou assim

(2eopsf9 A gente pensou
(2eopsf9 Ai a gente foi pra rua e
(1iopsf9 Ficamos conversando
(2eopsf9 Ai a gente entrou e deu tudo certo
(1iopsf9 Decidimos ir num asilo
(1iopsf9 Ouvimos um barulho
(1iopr9 Como todos sabemo, sal grosso afasta
(1iopsf9 Saímos correndo
(1iopsf9 Saímos
(1ionrf9 Tava eu e a minha melhor amiga acampando
(1iopsf9 E ai começamos a ouvir gritos
(1eonrf9 Tava eu e a minha melhor amiga acampando
(1iopsf9 E ai "ouvim"
(1iopsf9 Começamos a ouvir gritos
(2eonsf9 A gente saímos do acampamento
(1iopsf9 e vimos palhaços
(2eopsf9 A gente começou a correr
(2eopr9 Se a gente demonstrar medo
(2eopsf9 A gente enfrentou o medo
(1iopsf9 E ai conseguimos fugir dele
(1iopsm9 Matamo eles
(1iopsm9 Depois que matamo eles
(1ionsm9 Eu e a minha vózinha se assustamos

(2eoprm9 A gente tava vendo um filme

(2eoprm9 A gente tava com medo

(1ioprf9 Eu e meu amigo estávamos em casa

(2eopsf9 A gente começou a gritar

(2eopsf9 A gente ficou gritando

(2eopsf9 A gente saiu

(1iopsf9 E só voltamos no outro dia

(1eopsm9 Eu e N. N. nós aceitamos

(1eoprm9 Nós estávamos bem perdidos

(1ioprm9 E não tínhamos muita base

(1eoprm9 Nós não tínhamos por onde começar

(1eoprm9 Nós tavamos totalmente perdidos

(1eoprm9 Nós dois não sabíamos mais o que fazer

(1eopsm9 Nós recebemos

(1ioprm9 Ao chegarmos lá

(1ioprm9 Pisamos na casa

(2eoprm9 A gente não soub"

(2iopsm9 "A gente" não encontrou

(2eopsm9 A gente decidiu se separar

(2eopsm9 A gente viu alguns vultos

(2eopsf9 Ai a gente foi visitar

(2eopsf9 Quando a gente entrou

(2eopsf9 E ai a gente começou a ouvir

(2eopsf9 E ai a gente ficou parado
(2iopsf9 "A gente" olhou pra ver
(2eopsf9 E a gente começou a fugir
(1iopsm9 Fomos eu e a minha amiga
(1iopsm9 Fomos teletransportados
(2eopsm9 A gente fugiu por um
(1iopsm9 Conseguimo fugir
(1itprf3 Eu e minha melhor amiga adorávamos
(1etpsf3 nós fomos bem cedinho
(1itpsf3 e passamos o dia
(1itpsf3 quando resolvemos ir embora
(1etpsf3 nós começamos a procurar
(1itpsf3 nós encaramos
(1itpsf3 ficamos sem entender
(1itpsf3 tomamos coragem
(1itpsf3 fomos caminhando
(1itpsf3 sem pensar muito, continuamos
(1itpsf3 e quando nos encontramos
(1itpsf3 ouvimos um grito
(1itpsf3 apavorados chamamos ajuda
(1itpsf3 e tiramos ela de lá
(1itpsf3 voltamos para casa
(1etpsf3 nós nunca mais voltamos lá

(1itpsf3 quando olhamos para a janela
(1itpsf3 tentamos ligar para o pronto socorro
(1itpsf3 e não tínhamos muita opção
(1itprf3 passaríamos a noite
(1itpsf3 eu e F. descemos
(1itpsf3 percebemos o quão estranho
(1itpsf3 sem opções tivemos a péssima ideia
(1itpsf3 ajudamos o G.
(1itpsf3 e seguimos pela trilha
(1itpsf3 quando nos aproximamos
(1itpsf3 constatamos que se tratava
(1itprf3 fazendo com que entrássemos naquele
(1itpsf3 entramos em choque
(1itpsf3 após o choque tentamos correr
(1itpsf3 nos olhamos quase
(1itprf3 sabíamos que não
(1itprf3 sairíamos vivos dali
(1itpsf3 enxergamos no meio do caos
(1itpsf3 com que fossemos expulsos
(1itpsf3 sobrevivemos, mas as cicatrizes
(1itpsf3 teve cabelos sobrevivemos
(1itpsf3 nunca mais esquecemos aqueles dois
(1itpsf3 dias que conhecemos o inferno

(1itpsm3 assim como meu colega e amigo J. decidimos começar
(1itpsm3 pesquisamos empregos
(1itpsm3 e enviamos curriculos por email
(1itpsm3 e fomos chamados para trabalhar
(1itpsm3 nos graduamos com um salário
(1itprm3 entre os dois, poderíamos alugar
(1itpsm3 a partir deste momento, pesquisamos
(1itpsm3 e encontramos ofertas de locais
(1itpsm3 descobrimos uma por cem reais
(1itpsm3 acertamos com o responsável
(1itpsm3 a mudança começamos a procurar
(1itpsm3 e descobrimos que ela ficava
(1itprm3 era o que podíamos bancar
(1itprm3 quando perguntavamos sobre a residencia
(1itpsm3 percebemos o motivo
(1itpsm3 assim que chegamos no local
(1itprm3 que chamariamos de casa
(1itpsm3 nos primeiros dias tratamos de limpar
(1itpsm3 e quando paramos para pensar
(1itpsm3 encontramos manchas vermelhas
(1itpsm3 até os quartos, mas ignoramos
(1itpsm3 quando terminamos tudo
(1itprm3 ainda tínhamos duas semanas

(1itpsm3 decidimos descansar um pouco
(1itpsm3 quando chegamos da nossa saída
(1itpsm3 vimos um vulto
(1itpsm3 voltamos para Rio Grande
(1itpsm3 decidimos fazer faculdade
(1itprm3 num local que já conhecessemos
(1etpsf3 nós tentamos acalmá-la
(1itprf3 pois sabíamos do histórico
(1itpsf3 então fomos até a enfermaria
(1itpsf3 e passamos o dia conversando
(1etprf3 nos conversarmos juntas com elas
(1itprf3 eramos amigas desde bebê
(1itprf3 não podíamos deixar
(1itprf3 B. e eu dissemos
(2itpsf3 a gente quer te ajudar
(2itpsf3 na vida a gente já te julgou
(1itpsf3 vamos dormir na sua casa
(2itpsf3 e a gente vai te ajudar
(1itpsf3 chegou a noite e fomos dormir
(1itpsf3 conseguimos fugir da assombração
(1itpsf3 encontramos B. na escada
(1itprf3 B. vamos fugir
(1itpsf3 Vimos aquela mulher assombrada

(1itprf3 Sem conseguirmos sair do lugar
(1itpsf3 Eu e meus irmãos fomos
(1itpsf3 meu irmão mais novo resolvemos apostar
(1itpsf3 o dia que fizemos isso
(1itprf3 tínhamos que comer coisas
(1itprf3 tínhamos que andar 2km
(1itpsf3 ficamos desesperados
(1itpsf3 e fomos procurá-lo
(1itprf3 estávamos eu e minha irmã
(1itpsf3 enquanto reclamamos do calor
(1itprf3 a saímos um pouco de casa
(1itpsf3 saímos para mais um possível
(1itpsf3 caminhamos um pouco
(1itprf3 entrarmos num dos bosques
(1itprf3 decidi que faríamos uma pausa
(1itpsf3 sentamos sobre os nossos casacos
(1itpsf3 e fomos pegar a mochila
(1itprf3 para bebermos
(1itprf3 e comermos alguma coisa
(1itnrf3 tudo que havíamos trago
(1etprf3 depois que nós tínhamos
(1itprf3 e pediu para voltarmos
(1itprm3 eu e ele nunca paravámos quieto

(1itnrm3 ou estáva"mos" jogando bola
(1itpsm3 e decidimos dar uma volta
(1itpsm3 onde soubemos que existia uma casa
(1itpsm3 e decidimos quebrar uma porta
(1itpsm3 abrimos a porta
(1itpsm3 decidimos que eu iria
(1itprm3 enquanto estávamos descendo
(1itpsm3 descemos até abaixo
(1itpsm3 e achamos atrás da máquina
(1itprf3 erámos as três
(1itpsf3 lembram que compramos chips
(1itprf3 os ferros que tínhamos ao lado de fora
(1itprf3 tínhamos acabado de cozinhar
(1itpsf3 quando vamos poder
(1itprf3 até ficarmos somente eu e minha amiga
(1itprf9 Eu e meu amigo estávamos bem de boa
(1itpsf9 E ficamos trancados
(1itpsf9 Então começamos a gritar
(1itpsf9 Então nos retiramos da casa
(1itpsf9 E só voltamos no outro dia
(1itprm9 Eu e minha amiga jogávamos videogame
(1itpsm9 Então resolvemos nos esconder
(1itpsm9 De repente fomos teletransportados

(1itprm9 Como havíamos parado ali

(1itprm9 Iríamos correr

(1itpsm9 Quando fomos começar

(1itpsm9 Conseguimos atravessar o portal

(1itpsm9 E vimos que

(1itprm9 Estávamos num lugar seguro

(1etprm9 Nós tínhamos uma arma

(1itpsm9 Aí matamos eles dois

(1itprf9 Eu e a minha amiga estávamos em casa

(1etpsf9 Nós duas percebemos isso

(1itprf9 Estávamos só eu e ela

(1itpsf9 Minha amiga e eu saímos de casa

(1itpsf9 E fomos para o pátio

(1itprf9 Parecíamos estar mais seguras

(1itpsf9 Ficamos tentando tirar aquilo da cabeça

(1itpsf9 "Ficamos tentando" nos distrair

(1itprf9 Estávamos dentro de casa

(1itpsf9 Começamos a ficar com pensamentos

(1itpsf9 Entramos na casa

(1itpsf9 Decidimos ir a um asilo

(1itpsf9 Ouvimos um barulho

(1itpsf9 Como bem sabemos, sal grosso

(1itpsf9 Corremos até a porta

(1itpsf9 Saímos e o asilo desmoronou

(1itprf9 Eu e uma amiga minha estávamos no shopping

(1itpsf9 Quando decidimos ir embora

(1itpsf9 Quando saímos de dentro

(1itpsf9 Quando chegamos lá

(1etpsf9 Nós ficamos sem dinheiro

(1itpsf9 Depois dali fomos na civil

(1itpsf9 Nunca mais fomos para nenhum lugar

(1itpsf9 Eu e minha amiga C. resolvemos ir a uma casa

(1itpsf9 Ficamos com medo

(1itpsf9 Tivemos que ir embora

(1itpsf9 Resolvemos voltar na casa

(1itpsf9 E nos separamos

(1itpsf9 Fomos indo caminhando

(1itprf9 Quando vê vemos que tinha uma pessoa

(1etpsf9 Nós se aproximamos dessa pessoa

(1itpsf9 Então fomos embora

(1itpsf9 Nunca mais voltamos na casa

(1itpsf9 Eu e minha amiga prometemos nunca mais voltar

(1itpsf9 Achamos curioso sim

(1itpsf9 Achamos

(1itprf9 Mas nunca mais nós iríamos voltar lá

(1itpsf9 Fomos até uma floresta

(1itprf9 Antes de entrarmos na floresta
(1itpsf9 Quando fomos andando
(1itpsf9 Ouvimos vozes
(1itpsf9 Até que vimos algo
(1etpsf9 E nós saímos correndo
(1itprf9 Estávamos perdidos
(1itprf9 Porque íamos nos juntar
(1itpsf9 Fizemos pipoca
(1itpsf9 E nos deitamos para escolher
(1itprf9 Estávamos sozinhas
(1itpsf9 Começamos a ver
(1itpsf9 E "começamos" a escutar coisas
(1itpsf9 As duas ficamos assustadas
(1itpsf9 Desligamos a TV
(1itpsf9 E ficamos umas duas horas
(1itpsf9 E saímos
(1itpsf9 Fomos em um oculista
(1itprm9 Eu e meu padrasto estávamos ficando o final de semana
(2etprm9 Pediu pra gente ir buscar milho
(1itpsm9 E fumo para o carro
(2etpsm9 A gente encontrou um único boi
(1itpsm9 Não demos muita bola
(1itpsm9 E seguimos o caminho

(1itpsm9 Decidimos seguir nosso caminho

(1itpsm9 Depois decidimos correr e o boi nos seguiu

(1itnsm9 Só que se esquecemos da porteira

(1itpsm9 Não conseguimos ver

(2etpsm9 A gente se bateu na porteira

(1itnsf9 Tava eu e a minha melhor amiga

(1itprf9 Távamos acampando

(1itpsf9 Começamos a ouvir gritos

(1itpsf9 Ficamos muito desesperada

(1itpsf9 Quando sairmos do acampamento

(1itpsf9 Ouvirmos o palhaço

(1itpsf9 Aí começamos agritar

(1itwsf9 E sairmos correndo

(1itpsf9 Ficamos pendindo socorro

(1itprf9 Eu e minha melhor amiga já estávamos muito longe

(2itprf9 Quer que agente fique comedo

(1etpsf9 Nós duas enfretamos o medo

(1itnsf9 E "nóis" conseguirmos fugir dele

(1itprf9 Estávamos eu e a minha namorada

(1etpsf9 Nós fomos ver o que era

(1itpsf9 Quando chegamos lá

(1itprm9 Eu e meu amigo R. estávamos jogando bola

(1itpsm9 Resolvemos passar numa casa

(1itpsm9 Eu e meu amigo pulamos o muro
(1itpsm9 E entramos na casa
(1itpsm9 Não vimos nada
(1itpsm9 Vimos que estava com áreas no chão
(1etpsm9 E nós não vimos nada
(1itpsm9 Eu e ele resolvemos vim de noite
(1itpsm9 Levemos a bola
(1itpsm9 E ficamos jogando nas paredes
(1itpsm9 "Ficamos" tocando um para o outro
(1itpsm9 Ficamos sentados
(1itpsm9 Escutemos a torneira
(2etpsm9 Agente nem deu bola
(1itpsm9 Fomos alá
(1itpsm9 E desligamos
(1itpsm9 Ficamos assustado
(1itpsm9 e metemos o pé
(1itpsm9 aceitamos nosso primeiro caso
(1itprm9 após aceitarmos este caso
(1etpsm9 nós recebemos um prazo
(1itprm9 não tínhamos nada
(1itprm9 iríamos falhar em nosso primeiro caso
(1itprm9 não sabíamos lidar com isso
(1itpsm9 correremos direto para o endereço

(1itpsm9 quando entrarmos na casa ficamos confusos

(1itpsm9 ficamos confusos

(1etpsm9 nós no separamos

ANEXO D – Termos de consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Prezado(a) Aluno(a):

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “O uso alternado das variantes ‘nós’ e ‘a gente’ na fala e escrita de estudantes de ensino fundamental e médio: uma pesquisa sociolinguística situada na escola”, sob responsabilidade do pesquisador Matheus Soares de Lima e da Prof^a Marisa Porto do Amaral.

Esta pesquisa será realizada para investigar o uso das expressões nós e a gente na fala e na escrita da turma de 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Drº Rui Poester Peixoto da qual você faz parte. Portanto, serão recolhidos textos e gravações de audio de vocês, para analisarmos qual expressão é mais usada.

Você não é obrigado(a) a participar e pode recusar sem problema nenhum. Caso queira desistir, a qualquer momento de sua participação, basta entrar em contato pelo e-mail matheuslima@furg.br ou pelo telefone (53)984621715. Se, durante a pesquisa, você se sentir constrangido ou desconfortável em qualquer momento com a atividade, poderá cancelar sua participação e também receberá apoio gratuito e integral do pesquisador.

Seu nome e qualquer outra informação pessoal não serão divulgados nesta pesquisa.

() ACEITO PARTICIPAR DAPESQUISA

() NÃO ACEITO PARTICIPAR DA PESQUISA

Assinatura do participante da pesquisa

Rio Grande, de outubro de 2019.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) pai/mãe/responsável:

Seu filho(a) está sendo convidado(a) a participar de um estudo científico na área de Letras. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde (*CEPAS*) da *Universidade Federal do Rio Grande (FURG)*.

É importante que você leia ou que alguém leia para você esse documento com atenção e, em caso de qualquer dúvida ou informação que não entenda, peça ao pesquisador responsável pelo estudo que explique a você. Você não é obrigado(a) a permitir que seu(sua) filho(a) participem desta pesquisa, ficando a seu critério dar ou não a sua permissão. Caso decida dar seu consentimento, você assinará esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, sendo que uma delas deverá ficar com você. É importante também que saiba que você pode retirar o seu consentimento a qualquer momento, sem ter que dar maiores explicações, não implicando qualquer prejuízo a você ou seu filho (a).

Esta pesquisa é sobre variação linguística e está sendo desenvolvida por Matheus Soares de Lima, mestrando do Curso de Pós-Graduação em Letras, na área de Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Marisa Porto do Amaral.

O objetivo principal do estudo é investigar o uso das formas ‘nós’ e ‘a gente’ com referência à primeira pessoa do plural na função de sujeito, no contexto escolar. Para isso, escolhemos a turma do nono ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Rui Poester Peixoto para constituir o *corpus* de nossa pesquisa, coletando amostras da fala e da escrita dos estudantes.

A finalidade deste trabalho é contribuir com os estudos sobre a diversidade linguística, nas modalidades oral e escrita, aqui se referindo ao uso alternado de ‘nós’ e ‘a gente’ por estudantes do ensino médio, em nossa cidade. O resultado será muito importante como material de apoio para o conhecimento e reflexão de professores de outras escolas acerca do fenômeno investigado.

Esclarecemos que a participação de cada aluno no estudo é voluntária e, portanto, não é obrigatório a nenhum deles fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador. Caso o estudante decida não participar do estudo, ou resolver, a qualquer momento desistir de sua participação, poderá fazê-lo. Além disso, se algum deles sentir-se desconfortável/constrangido com a pesquisa, receberá assistência gratuita e integral.

Solicitamos a sua colaboração para fazer parte desta pesquisa, como também sua autorização para apresentar os resultados dela em eventos da área de Linguística ou em alguma revista especializada. Por ocasião da publicação dos resultados, os nomes dos alunos (e qualquer outro dado pessoal) serão mantidos em sigilo.

Diante do exposto, eu,..... (nome por extenso) de RG nº, responsável legal pelo(a) aluno(a) de RG nº....., declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para sua participação na pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

Rio Grande, de outubro de 2019.

Assinatura

do(a)

Responsável

Legal



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Aluno(a):

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “O uso alternado das variantes ‘nós’ e ‘a gente’ na fala e escrita de estudantes de ensino fundamental e médio: uma pesquisa sociolinguística situada na escola”. Esta pesquisa é sobre variação linguística e está sendo desenvolvida por Matheus Soares de Lima, mestrando do Curso de Pós-Graduação em Letras, na área de Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Marisa Porto do Amaral.

O objetivo principal do estudo é investigar o uso das formas ‘nós’ e ‘a gente’ com referência à primeira pessoa do plural na função de sujeito, no âmbito escolar. Para isso, escolhemos a turma do terceiro ano do Instituto Federal do Rio Grande (IFRS) para constituir o *corpus* de nossa pesquisa, coletando amostras da fala e da escrita de vocês.

A finalidade deste trabalho é contribuir com os estudos sobre a diversidade linguística, nas modalidades oral e escrita, aqui se referindo ao uso alternado de ‘nós’ e ‘a gente’ por estudantes do ensino médio, em nossa cidade. O resultado será muito importante como material de apoio para o conhecimento e reflexão de professores de outras escolas acerca do fenômeno investigado.

Solicitamos a sua colaboração para fazer parte desta pesquisa, como também sua autorização para apresentar os resultados da mesma em eventos da área de Linguística ou em alguma revista especializada. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome (e qualquer outro dado pessoal) será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolver, a qualquer momento desistir de sua participação, basta entrar em contato pelo e-mail matheuslima@furg.br ou pelo telefone (53) 984621715. Se, durante a pesquisa, você se sentir constrangido(a) ou desconfortável em qualquer momento com a atividade, poderá cancelar suas participação e também receberá apoio gratuito e integral do pesquisador.

Diante do exposto, eu, (nome por extenso) de RG nº, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu

consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.
Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.
Rio Grande, de outubro de 2019.

Assinatura do Participante da Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) pai/mãe/responsável:

Seu filho(a) está sendo convidado(a) a participar de um estudo científico na área de Letras. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde (CEPAS) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

É importante que você leia ou que alguém leia para você esse documento com atenção e, em caso de qualquer dúvida ou informação que não entenda, peça ao pesquisador responsável pelo estudo que explique a você. Você não é obrigado(a) a permitir que seu(sua) filho(a) participem desta pesquisa, ficando a seu critério dar ou não a sua permissão. Caso decida dar seu consentimento, você assinará esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, sendo que uma delas deverá ficar com você. É importante também que saiba que você pode retirar o seu consentimento a qualquer momento, sem ter que dar maiores explicações, não implicando qualquer prejuízo a você ou seu filho (a).

Esta pesquisa é sobre variação linguística e está sendo desenvolvida por Matheus Soares de Lima, mestrando do Curso de Pós-Graduação em Letras, na área de Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Marisa Porto do Amaral.

O objetivo principal do estudo é investigar o uso das formas ‘nós’ e ‘a gente’ com referência à primeira pessoa do plural na função de sujeito, no contexto escolar. Para isso, escolhemos a turma do terceiro ano do Instituto Federal do Rio Grande (IFRS) para constituir o *corpus* de nossa pesquisa, coletando amostras da fala e da escrita dos estudantes.

A finalidade deste trabalho é contribuir com os estudos sobre a diversidade linguística, nas modalidades oral e escrita, aqui se referindo ao uso alternado de ‘nós’ e ‘a gente’ por estudantes do ensino médio, em nossa cidade. O resultado será muito importante como material de apoio para o conhecimento e reflexão de professores de outras escolas acerca do fenômeno investigado.

Esclarecemos que a participação de cada aluno no estudo é voluntária e, portanto, não é obrigatório a nenhum deles fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador. Caso o estudante decida não participar do estudo, ou resolver, a qualquer momento desistir de sua participação, poderá fazê-lo. Além disso, se algum deles sentir-se desconfortável/constrangido com a pesquisa, receberá assistência gratuita e integral.

Solicitamos a sua colaboração para fazer parte desta pesquisa, como também sua autorização para apresentar os resultados dela em eventos da área de Linguística ou em alguma revista especializada. Por ocasião da publicação dos resultados, os nomes dos alunos (e qualquer outro dado pessoal) serão mantidos em sigilo.

Diante do exposto, eu,..... (nome por extenso) de RG nº, responsável legal pelo(a) aluno(a) de RG nº....., declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para sua participação na pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

Rio Grande, de outubro de 2019.

Assinatura do(a) Responsável Legal